

Ministério da
Cultura

VOLVO

apresentam



CAMERATA
ANTIQUA
de CURITIBA

Temporada 2013

CAMERATA
ANTICUA
de CURITIBA

Temporada 2013

Investindo na PERFEIÇÃO

Na linha do tempo, a música em Curitiba escreveu uma história de diversidade e qualidade, sendo que a Camerata Antiqua de Curitiba é exemplo de conquistas e sucessos nessa área. Nascido em 1974, o grupo formado por Coro e Orquestra tem uma trajetória que inclui a formação de grandes músicos e plateias, aliada à divulgação de compositores barrocos e renascentistas, sem descuidar da produção contemporânea.

Para 2013, a Camerata Antiqua de Curitiba preparou uma programação que inova com iniciativas como a “Série Ritornello”, dedicada àqueles que construíram uma carreira musical erudita em Curitiba e hoje integram importantes instituições em outros países. Também acrescentou às apresentações breves palestras de especialistas, abrindo ao público novas janelas para a apreciação musical.

Regentes nacionais e estrangeiros – especialmente convidados para comandar os concertos – fermentam a excelência do trabalho que extrapola fronteiras, permitindo turnês como a do Coro da Camerata Antiqua de Curitiba, que representará o Brasil na Biental de Coros em Aachen (Alemanha), no mês de junho. Fiel às suas origens, a Camerata participará, em julho, do 24º Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora (MG), executando obras de Haendel. “Em contraponto, no mês seguinte, integrará o “Música Hoje”, na II Biental de Música Contemporânea, que acontece em Curitiba”.

Ciente de que a cultura é indissociável da educação, a Camerata Antiqua responde pelos programas Alimentando com Música e Criança na Plateia, voltados aos alunos da rede pública de ensino, semeando o gosto musical e reafirmando a proposta da Fundação Cultural de Curitiba de atender a todas as comunidades.

Enfim, um convite à população para um programa que consolida a capital paranaense como polo exportador cultural. Venha desfrutar desses momentos de puro talento!

MARCOS CORDIOLLI

Presidente da Fundação Cultural de Curitiba

SINTONIA na diversidade



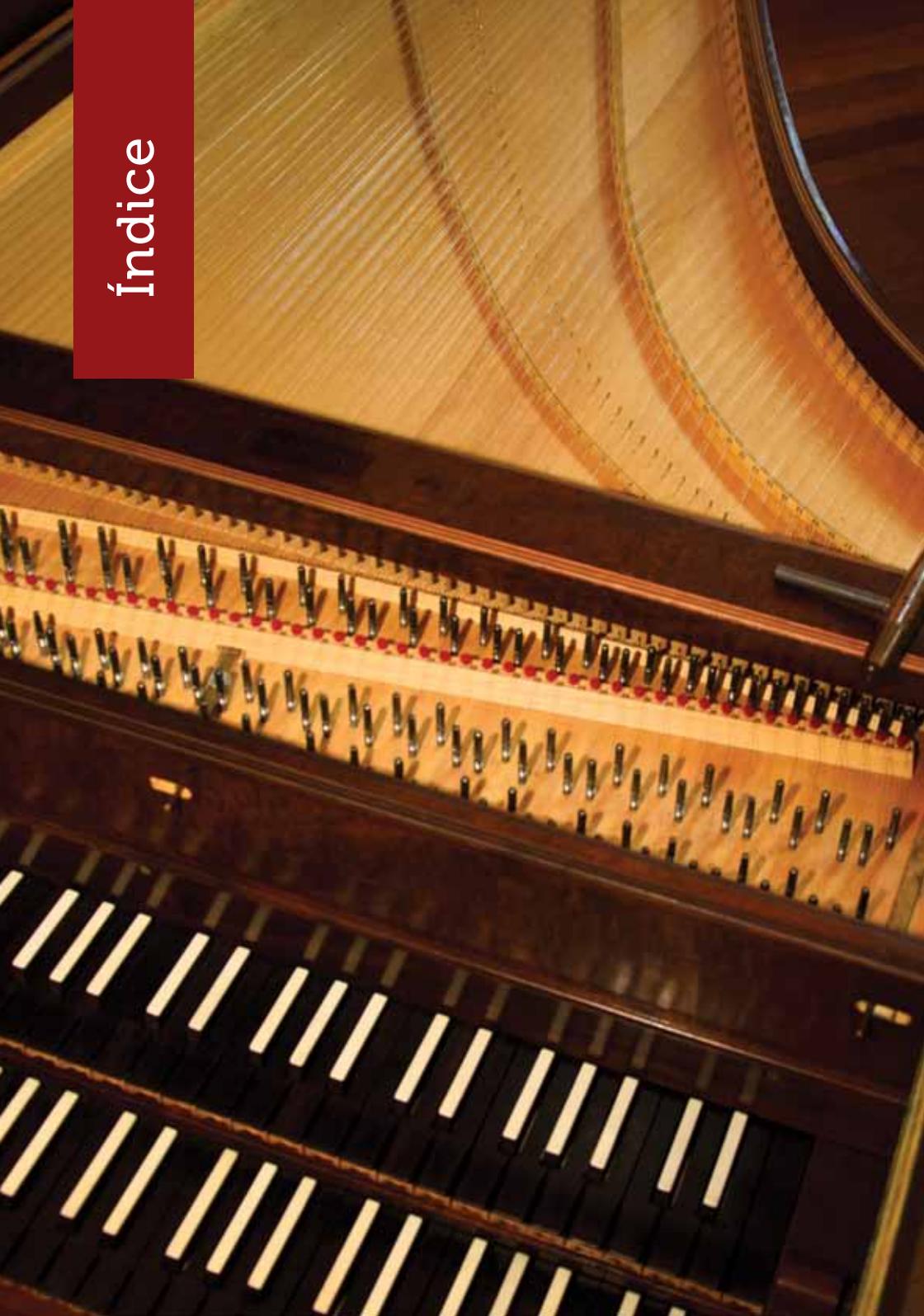
A temporada 2013 da Camerata Antiqua de Curitiba levará uma rica e variada programação musical ao público curitibano. Ela prevê a execução de um vasto repertório que une compositores como Johann Sebastian Bach e Georg Friderich Haendel a expoentes da música popular brasileira. A iniciativa faz parte do compromisso socioeducativo do programa “Alimentando com Música”, que inclui nomes como Vinícius de Moraes e Chico Buarque de Holanda, entre outros.

O Instituto Curitiba de Arte e Cultura, consciente do papel que desempenha junto a um grupo de tamanha importância no cenário artístico e musical, orgulha-se por testemunhar essa trajetória de versatilidade, dedicação e amadurecimento.

NILTON CORDONI JUNIOR

Diretor Presidente do Instituto Curitiba de Arte e Cultura

Índice



- 6** Camerata Antiqua de Curitiba
- 10** Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba
- 14** Coro da Camerata Antiqua de Curitiba
- 18** Programas
- 68** Biografias Compositores
- 82** Biografias Regentes,
Diretores de Cena, Atores e Solistas
- 94** Ficha Técnica







Fundada em 1974, pelo maestro Roberto de Regina e a cravista Ingrid Seraphim, a Camerata Antiqua de Curitiba tem como mantenedora a Fundação Cultural de Curitiba.

É formada por um coro e orquestra de câmara. O coro recebeu, por um grande período de tempo, a orientação técnica do maestro Gerard Galloway, e a orquestra, pelo violinista Paulo Bosísio.

Inicialmente a proposta de repertório da Camerata baseava-se na interpretação e na pesquisa da música antiga. Após vários anos de dedicação exclusiva à música do período barroco e ao da Renascença, o grupo passou a se dedicar também ao repertório de compositores contemporâneos nacionais e estrangeiros.

Suas várias apresentações no Brasil e no exterior mostram a versatilidade do grupo, graças à capacidade técnica de seus músicos na interpretação da música antiga e contemporânea. Na sua trajetória somam-se a gravação de oito discos (long plays) e seis CDs.

Desde a fundação da Camerata, Roberto de Regina esteve à frente do grupo – hoje maestro emérito. De 1987 a 1988, a Camerata teve como regente titular Lutero Rodrigues. De 2009 a 2011, o maestro Wagner Polistchuk foi o diretor artístico.

Atualmente, buscando aperfeiçoar e dinamizar a vida artística da Camerata, foi instituído um Conselho Artístico – formado por músicos representantes do grupo. Esse conselho é responsável pela elaboração da programação oficial das temporadas anuais, na qual estão presentes importantes nomes de regentes e solistas nacionais e internacionais.

No repertório da Camerata figura a execução de obras dos grandes nomes da música erudita universal. Nos últimos anos, a CAC obteve também sucesso e reconhecimento em diversas estreias nacionais e mundiais, inclusive de obras comissionadas especialmente para o grupo.

O coro da Camerata conta com 20 cantores que foram orientados tecnicamente por Neyde Thomas, e a orquestra com 20 instrumentistas de cordas.

Além de assumir seu papel cultural, a CAC também investe na responsabilidade social. O projeto de ação social voluntária, Música pela Vida – criado em 1990 –, pelos músicos integrantes do grupo, prevê concertos didáticos em instituições que desenvolvem trabalhos assistenciais de acolhimento e proteção da vida para pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social, e, ainda, o trabalho de ressocialização do indivíduo que é mantido em confinamento – asilos, hospitais, orfanatos e presídios. Outro projeto desenvolvido pela Camerata é o Alimentando com Música – criado em 1993 –, que apresenta anualmente uma série de concertos pedagógicos produzidos cenicamente e elaborados sobre temática específica, com objetivo de proporcionar às crianças, adolescentes e jovens de escolas públicas de Curitiba uma maior assimilação da música erudita.

THE CURITIBA "CAMERATA ANTIQUA"

The Curitiba Camerata Antiqua was founded by conductor Roberto de Regina and harpsichordist Ingrid Seraphim in 1974 and is maintained by the Fundação Cultural de Curitiba (Curitiba Cultural Foundation).

The Camerata Antiqua is made up of a chamber choir and orchestra. The choir was, for many years, under the care of the conductor Gerard Galloway, whilst violinist Paulo Bosisio directed the chamber orchestra.

Initially the group concentrated on the research and performance of ancient music. After many years of dedication solely to the Baroque and Renaissance repertoire, the group started to also focus on both national and international contemporary composers.

Thanks to the technical ability of its members in interpreting both styles of music, ancient and contemporary, the versatility of the group can be seen through its performances in Brazil and abroad. Indeed to date they have 8 LP recordings and 6 CD's in their discography.

Since the Camerata's foundation, Roberto de Regina has been leading the group and today holds the title of conductor emeritus. Lutero Rodrigues was resident conductor from 1987 to 1988, and between 2009 and 2011 Wagner Polistchuk held the position of artistic director.

Today an Artistic Council, made up of representatives from both the choir and orchestra, has been established in order to improve and add dynamism to the group. This council is responsible for the official programming of the year's concert seasons in which conductors and soloists of national and international renown come to perform.

The Camerata Antiqua's repertoire features the performance of major works from the best known names in classical music. In the last few years, they have also had recognition and success for various national and world premières, including works commissioned especially by the group.

The Camerata Antiqua is made up of 20 choir members, previously coached by Neyde Thomas, and a chamber orchestra consisting of 20 string musicians.

As well as being a cultural institution, The Curitiba Camerata Antiqua also has a strong sense of social responsibility. In 1990 the members of the group created a voluntary educational concert series called Música pela Vida (Music for Life) which brings music to institutions and charities who specialise in either the protection of those at risk, or reintegration into society for those who have been excluded for one reason or another, for example those in hospitals, mental health care units, orphanages, and prisons. Another Project developed by the Camerata is the Alimentando com Música (Feeding with Music). In action annually since 1993, this project aims to bring children and adolescents from Curitiba's public (comprehensive) school system closer to classical music by performing a semi-staged concert series with a specific relevant theme.





ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

A Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba foi fundada em 1974, como um dos grupos integrantes da Camerata Antiqua de Curitiba – um projeto pioneiro do maestro Roberto de Regina e da cravista Ingrid Seraphim, para interpretar a música dos séculos XVII e XVIII.

Ao longo desses 37 anos, a orquestra, sob a direção de importantes regentes convidados, acompanhou renomados solistas brasileiros e estrangeiros, obteve enorme reconhecimento nacional. Poucos anos depois de sua criação, motivada pelo grande crescimento técnico dos seus instrumentistas, a orquestra passou a se dedicar também à música clássica, romântica, contemporânea e à música brasileira de todos os tempos, escrita para cordas.

O repertório amplo e original, que inclui diversas primeiras audições mundiais, tornou-se uma das características do grupo. E grande parte desse repertório, com obras de compositores brasileiros contemporâneos, está registrada em CD.

A Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba já se apresentou em várias cidades brasileiras e participou dos principais festivais de música do país. Em 1994, foi selecionada para integrar o projeto Brasil Musical. Aberta a experiências com música popular, a orquestra fez turnês com o grupo Nouvelle Cuisine, em 1991, e com os principais nomes da música instrumental brasileira, entre eles Egberto Gismonti, Wagner Tiso e Zimbo Trio.

O reconhecimento internacional foi alcançado por meio de vários concertos memoráveis, entre os quais o do Festival Cultural de Sinaloa, no México, em 1990, e o do Festival Brasiliana II, em Copenhague, na Dinamarca, em 1997. Em 1999, fez uma turnê pela Itália por onde apresentou o concerto de abertura das Comemorações do V Centenário da República do Brasil no Instituto Ítalo-latino-americano, no Palácio de Santa Croce e na Igreja dos Portugueses, em Roma; o concerto no 51° Prix Italia, da rede de televisão estatal RAI, em Florença, durante a cerimônia de entrega do Prêmio Especial ao Presidente da República do Brasil pelos 500 anos de descobrimento do país.

THE CURITIBA CHAMBER ORCHESTRA

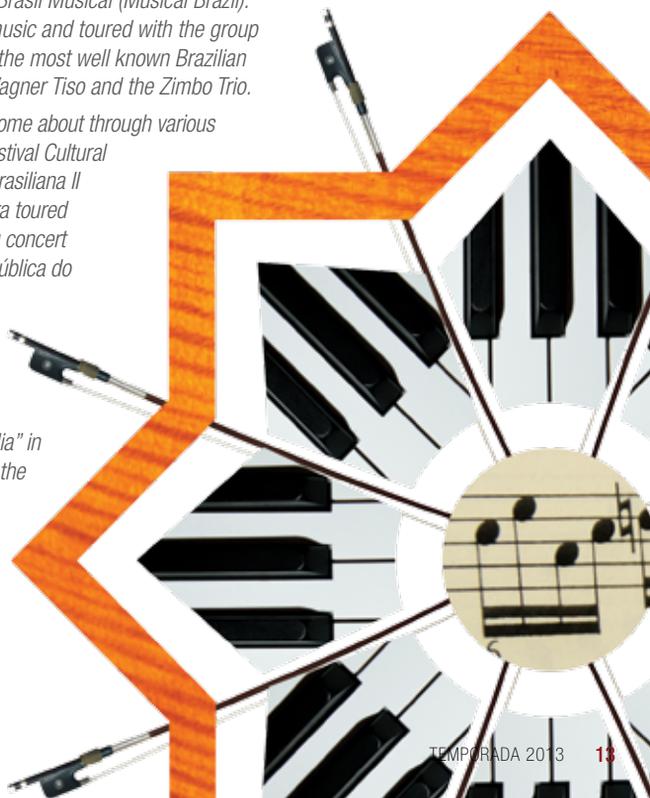
The Curitiba Chamber Orchestra was founded in 1974, as part of the Curitiba Camerata Antiqua – a pioneering project by conductor Roberto de Regina and harpsichordist Ingrid Seraphim with the aim of performing music from the XVII and XVIII centuries.

Throughout the last 37 years, the orchestra has achieved national recognition for accompanying many renown soloists, both Brazilian and from abroad, under the direction of important guest conductors. Only a few years after it's creation, and motivated by the increased technical standard of it's musicians, the orchestra began to dedicate itself also to music from the Classical, Romantic and Contemporary eras and Brazilian string repertoire from across the ages.

It's repertoire is ample and original, and includes several world premières, which has become one of the groups hallmarks. Many of these works have been written by contemporary Brazilian composers and have been recorded on CD.

The Curitiba Chamber Orchestra has performed in various cities and festivals across Brazil. In 1994, it was chosen to take part in Brasil Musical (Musical Brazil). The orchestra is also open to more popular music and toured with the group Nouvelle Cuisine in 1991 as well as some of the most well known Brazilian instrumentalists such as Egberto Gismonti, Wagner Tiso and the Zimbo Trio.

The orchestra's international recognition has come about through various memorable concerts like those in the 1990 Festival Cultural de Sinaloa, in Mexico, and the 1997 Festival Brasileira II in Copenhagen, Demark. In 1999, the orchestra toured around Italy, a tour which included the opening concert of the Comemorações do V Centenário da República do Brasil (The V Centenary Celebrations of the Republic of Brazil) in the Italian-Latin-American Institute in Santa Croce Palace in the Portuguese Church, Rome, and a concert for the state television channel RAI during the Special Award Ceremony the 51st "Prix Italia" in Florence, in which an award was presented to the President of Brazil in celebration of 500 years since the Discovery of Brazil.







CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Formado em 1974, como um dos frutos dos festivais de música da cidade, o Coro da Camerata Antiqua de Curitiba, composto por cantores com sólida formação musical, é uma das maiores referências da música vocal no Brasil

Desde o início de suas atividades, tanto nas apresentações na Camerata Antiqua de Curitiba, sob a regência de seu fundador, o maestro Roberto de Regina, quanto nos concertos à capela, dirigidos pelo maestro Gerard Galloway, o grupo destacou-se pela originalidade e pela leveza na interpretação da música barroca e renascentista.

A música contemporânea e as estreias de peças escritas especialmente para o coral passaram a integrar os concertos, imprimindo ao grupo uma característica mais marcante – de transitar com autoridade por um vasto e eclético repertório.

O coral tem recebido várias críticas favoráveis por sua discografia e por suas apresentações no Brasil e no exterior. Entre os concertos internacionais mais significativos, a turnê por cinco cidades alemãs com a Orquestra de Câmara da Philharmonica de Arad – Romênia, em 2006; a turnê por Portugal fazendo concertos à capela e com a Orquestra Sinfônica da Póvoa do Varzim, em 2007; participou dos concertos do 8th World Symposium on Choral Music, na Dinamarca, em 2008, e dos concertos do 18º Festival Corale Internazionale – La Fabbrica Del Canto, na Itália, em 2009.

Endossando a sua versatilidade, o Coro da Camerata tem apresentado nos últimos anos programas cênicos como A Comédia do Senhor Carlo Goldoni – Crônica com Música, sob regência de Wagner Polistchuk, direção cênica de Roberto Innocente, com participação especial do ator Luís Melo; Cores do Brasil e Lampejos da Música Sacra no Brasil, sob direção geral e regência de Helma Haller, direção cênica de Jacqueline Daher. De 2009 a 2011, o maestro Wagner Polistchuk assumiu a direção artística da Camerata Antiqua de Curitiba.

E desde 2009, o Coro tem como regente titular a maestrina Helma Haller. O grupo, de 1992 a 2011, esteve sob a orientação de técnica vocal de Neyde Thomas. Para a temporada de 2013 o coro da Camerata Antiqua de Curitiba estará sob a direção artística e regência de Maria Antonia Jimenez.

THE CURITIBA "CAMERATA ANTIQUA" CHOIR

Founded in 1974, as a result of several of the city's music festivals, and made up of singers from a solid musical background, the Curitiba Camerata Antiqua Choir is seen as one of the major musical vocal groups in Brazil today.

The group has, since the very beginning, been recognised for its originality and skill in its interpretation of the baroque and renaissance repertoire, both in concerts performed under the baton of founder Roberto de Regina, and those performed a cappella, directed by Gerard Galloway.

A combination of contemporary music and world premières of pieces written especially for them has now lent the choir a new and striking characteristic – that of a choir with a vast and eclectic repertoire.

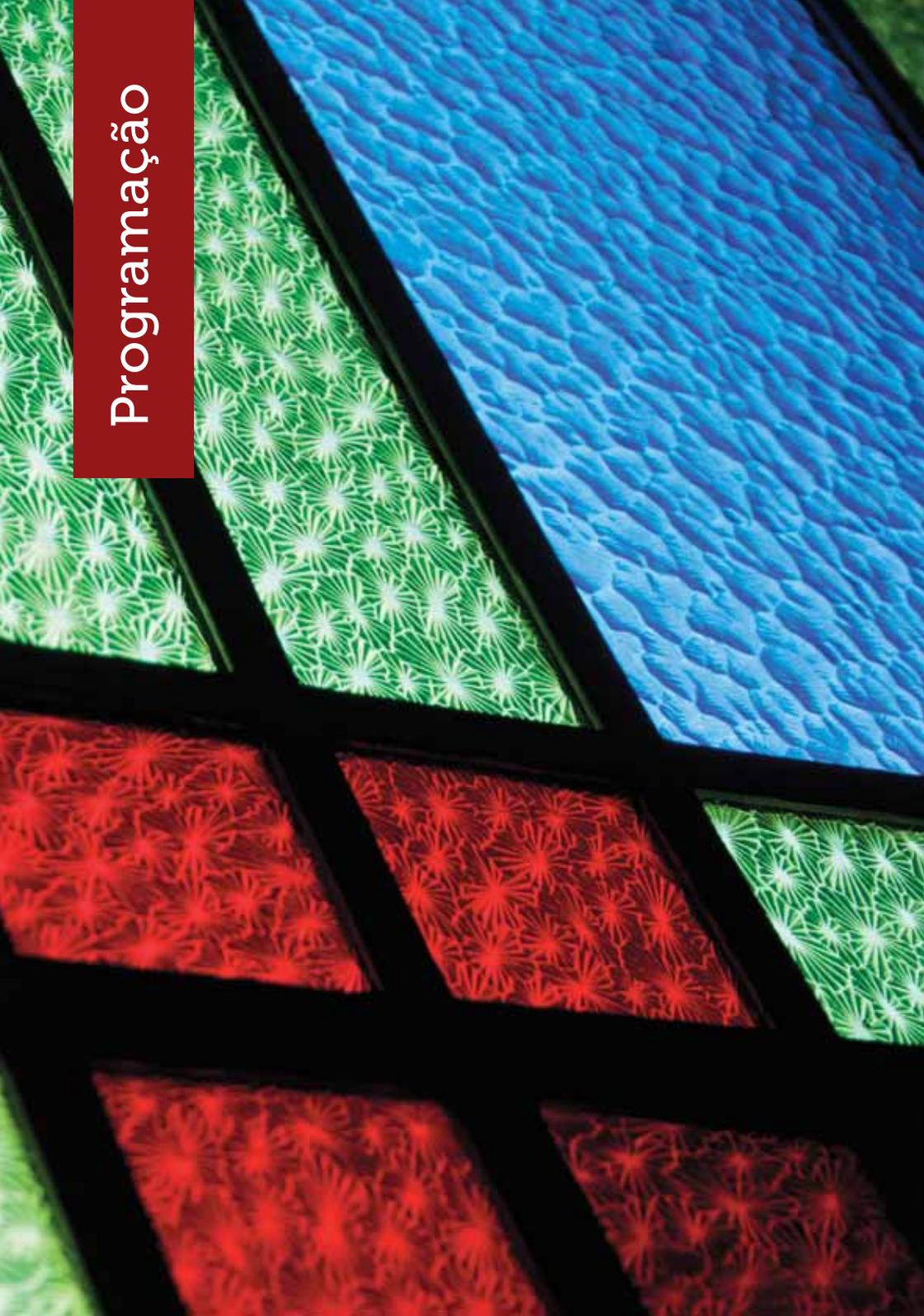
The choir has received several favourable reviews for its discography and performances in both Brazil and abroad. Among the most significant international concerts include a tour of five German cities with the Arad Philharmonic Chamber Orchestra (Romania) in 2006 and a tour of Portugal in 2007, performing a programme of a cappella repertoire alongside concerts with the Symphony Orchestra of Póvoa do Varzim. They participated in concerts at the 8th World Symposium on Choral Music in Denmark in 2008, and also at the 18th Festival Corale Internazionale - La Fabbrica del Canto in Italy in 2009.

The choir has proven its versatility more recently by presenting new semi-staged programmes such as A Comédia do Senhor Carlo Goldoni – Crônica com Música (The Comedy of Mr Carlo Goldoni – Chronicals with Music) under the baton of Wagner Polistchuk and scenic direction of Roberto Innocente, with special guest actor Luís Melo. Other important programmes include both the Cores do Brasil (Brazilian Colours) and Lamejos da Música Sacra no Brasil (Flashes of Brazilian Sacred Music) under the baton and general directorship of Helma Haller and scenic director Jacqueline Daher.

Wagner Polistchuck became the artistic director of the choir between 2009 and 2011, with Helma Haller as principle conductor, and Neyde Thomas as vocal coach from 1992 to 2011. From 2013 onwards the choir will be under the artistic directorship and baton of Maria Antonia Jimenez.



Programação



MISSA EM SI MENOR BWV 232 JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Concerto de Abertura da Temporada 2013

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

22 março 20h
23 março 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural

*Pré-concertos dia 22, 19h15
e dia 23, 18h30, palestrante
Maestro Osvaldo Colarusso*

Regente Luís Otávio Santos (Minas Gerais)

Solistas Marília Vargas, Luciana Melamed (sopranos),

Pedro Couri Neto (contratenor), Marcos Liesenberg (tenor), Norbert Steidl (baixo)

PROGRAMA

MISSA EM SI MENOR BWV 232

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

I. Kyrie

1. Kyrie eleison I (coro a 5 vozes)
2. Christe eleison (dueto soprano I, II)
3. Kyrie eleison II (coro a 4 vozes)

II. Gloria

4. Gloria in excelsis (coro a 5 vozes)
5. Et in terra pax (coro a 5 vozes)
6. Laudamus Te (ária soprano II)
7. Gratias agimus tibi (coro a 4 vozes)
8. Domine Deus (dueto soprano I, tenor)
9. Qui tollis peccata mundi (coro a 4 vozes)
10. Qui sedes ad dexteram Patris
(ária contratenor)
11. Quoniam tu solus sanctus (ária baixo)
12. Cum Sancto Spiritu (coro a 5 vozes)

III. Symbolum Nicenum ou Credo

13. Credo in unum Deum (coro a 5 vozes)
14. Patrem omnipotentem (coro a 4 vozes)
15. Et in unum Dominum (dueto soprano I,
contratenor)

16. Et incarnatus est (coro a 5 vozes)

17. Crucifixus (coro a 4 vozes)
18. Et resurrexit (coro a 5 vozes)
19. Et in Spiritum Sanctum Dominum (ária baixo)
20. Confiteor (coro a 5 vozes)
21. Et expecto (coro a 5 vozes)

IV. Sanctus, Hosanna, Benedictus, e Agnus Dei

22. Sanctus (coro a 6 vozes)
23. Hosanna in excelsis (coro duplo a 8 vozes)
24. Benedictus (ária tenor)
25. Hosanna in excelsis
(da capo coro duplo a 8 vozes)
26. Agnus Dei (ária contratenor)
27. Dona nobis pacem (coro final a 4 vozes)

NOTAS DE PROGRAMA

por Roberto de Regina

A Missa em Si menor BWV 232, concebida numa escala monumental, é um dos picos mais altos do gênio humano. Numa entrevista que tive com Villa-Lobos, ele disse emocionado que realizou a execução dessa obra com seus professores no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, mas o fez de joelhos!

Muito se tem discutido sobre a criação dessa obra: como Bach, devoto protestante, escreveu uma missa católica? – Essa é a mais frequente questão. Convém lembrar, porém, que desde a Reforma, missas latinas eram normalmente escritas por músicos protestantes e o ordinário da missa era em uso na Igreja Evangélica Alemã. Apenas o dogma romano era repudiado. O ordinário da missa imutável de domingo a domingo é composto de cinco partes – Kyrie (fragmento da liturgia grega), Gloria, Credo, Sanctus e Agnus Dei, cada parte podendo ser dividida em vários momentos musicais. É difícil precisar a data exata dessa criação. Sabe-se que o Kyrie e o Gloria datam de 1733. O Credo, Sanctus e Hosanna, de alguns anos mais tarde – alguns especialistas indicam o período de 1734 a 1738.

O mestre nunca ouviu sua obra integralmente, e a primeira execução data de 1835. Nenhum compositor esperou tanto tempo para ter sua obra-prima apresentada – aproximadamente cem anos.

A Missa é farta em drama e simbolismo. Logo se fica preso ao profundo sentimento no Kyrie, um pedido rastejante de socorro e misericórdia. O *Christe eleison* ilumina um pouco pelo chamado ao Filho de Deus e de novo o coro mergulha nas sombras, no segundo Kyrie. Num tema que evoca toda a dor do mundo, o pedido de socorro atinge, num lá agudo, um clímax dramático pouco antes do final.

O Gloria é iluminado pelos trompetes numa alegre celebração interrompida bruscamente com as palavras *Et in terra pax*. Os trompetes desaparecem e o som torna-se suave e hesitante, no pedido de paz tão desejada, que chega num andamento alegre e sereno. Após uma ária para soprano *Laudamus Te*, o Coro entra majestoso no *Gracias agimus tibi* e no próximo número *Domine Deus*, um grande contraste: a flauta e os violinos, em surdina, emolduram um

amável dueto entre soprano e tenor: os dois cantam ao mesmo tempo palavras diferentes, um aludindo ao Deus Pai e outro ao Deus Filho, simultaneamente, estabelecendo de maneira inequívoca a dualidade numa só pessoa. De novo nos vem a tristeza universal: *Qui tollis peccata mundi*. A ária do contratenor, *Qui sedes ad dextram Patris* é lírica e forte, e a que segue, do baixo *Quoniam, tu solus sanctus*, nos surpreende pela bizarra cor instrumental: trompa e dois fagotes. O Gloria termina de modo heroico: *Cum Sancto Spiritu*. Numa demonstração de contraponto e virtuosismo, somos levados a um tremendo clímax.

Todo o texto do Credo desencadeia uma série de imagens dramáticas e de simbolismo musical. Como exemplo, no *Et incarnatus est*, um tema de notas descendentes evoca o Filho de Deus, que desceu e se encarnou. O *Crucifixus*, com seu profundo drama interior, seu sentimento contido e íntimo, mergulha nas profundezas na frase final: *Sepultus est*. Jamais se poderia imaginar tão violento contraste *Et resurrexit* – um grito triunfante do coro e orquestra, onde palpita a alegria desenfreada de uma humanidade libertada. A ária do baixo *Et in Spiritum Sanctum Dominum* expressa a crença no Espírito Santo e é cheia de serenidade e confiança. No coro *Confiteor* que segue, Bach utiliza no final, em longas notas, primeiro nos baixos, depois nos tenores, o fragmento do canto gregoriano. Acontece então um momento dramático: das profundezas do reino dos mortos, o coro estremece de incerteza mesclada com angústia e esperança pelo que virá depois e subitamente, vencendo a esperança, explode em júbilo pela visão da vida eterna.

A seguir somos levados ao pináculo da música suprema. Bach nos leva ainda mais alto na estupenda pronúncia do *Sanctus*. Um soberbo balanço com tercinas poderosas, com a força dos elementos em gigantescas ondas – tremenda é a força da música que caminha com passos de um gigante.

Em seguida o coro é dividido em dois, e alternando homofonia com denso contraponto a oito vozes, cantam o *Hosanna in excelsis*. Com lirismo, o homem recolhido em si mesmo recebe o *Benedictus qui venit in nomine Domini*. Então, depois da repetição festiva do *Hosanna in excelsis*, os dois últimos movimentos: o belíssimo *Agnus Dei*, ária para contratenor, e o final grandioso *Dona nobis pacem*.

MÚSICA DA TERRA, A MÚSICA DESCREVENDO UM PAÍS

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

12	abril	20h	Igreja Batista do Cajuru
13	abril	18h30	Capela Santa Maria Espaço Cultural

Pré-concerto dia 13, 17h45,
palestrante Maestro
Alexandre Brasolim

(Ensaio aberto: 11 de abril, 10h, na Capela Santa Maria Espaço Cultural)

Direção musical Alexandre Brasolim

PROGRAMA

KARA KARAYEV (1918-1982)

Duas Miniaturas
Andante
Allegro Molto

ALEXANDRE BRASOLIM (1969)

Alma Brasileira
Alegre - Calmo Expressivo – Alegre

AARON COPLAND (1900-1990)

Appalachian Spring (Primavera nos Apalaches)
– Suíte para orquestra

1. Very Slowly. Introduction of the characters, one by one, in a suffused light.
(Muito lento – Introdução aos personagens, um por um, sob uma luz difusa)
2. Fast. Sudden burst of unison strings in A major arpeggios starts the action. A sentiment both elated and religious gives the keynote to this scene.
(Rápido. Explosão repentina de frases com as cordas em uníssono em arpejos de Lá maior: começa a ação. Um sentimento tão eufórico como religioso dá a tônica dessa cena.)
3. Moderate. Duo for the Bride and her Intended – scene of tenderness and passion.

(Moderato. Duo para a noiva e seu pretendente: cena de ternura e paixão)

4. Quite fast. The Revivalist and his flock. Folksy feelings – suggestions of square dances and country fiddlers.
(Muito rápido. O evangelista e seu rebanho. Sentimento folclórico, danças folclóricas e instrumentos de cordas folclóricas.)
5. Still faster. Solo dance of the Bride – presentiment of motherhood. Extremes of joy and fear and wonder.
(Ainda mais rápido. Solo de dança da noiva: pressentimento da maternidade. Os extremos da alegria, de medo e assombro.)
6. Very slowly (as at first). Transition scenes reminiscent of the introduction.
(Muito lentamente. Como no princípio. Transição à cena que recorda a música da introdução.)
7. Calm and flowing. Scenes of daily activity for the Bride and her farmer-husband. There are five variations on a Shaker theme
(Calmo e fluido. Cenas da atividade diária da noiva e seu marido agricultor. Existem cinco variações de um tema shakers (seita religiosa.)

8. Moderate. Coda. The Bride takes her place among her neighbors. At the end the couple are left “quiet and strong in their new house.” Muted strings intone a hushed, prayerlike passage. The close is reminiscent of the opening music.

(Moderato. Coda. A noiva tem seu lugar entre seus vizinhos. No final o casal é deixado tranquilo e forte na sua nova casa. As cordas com surdina entoam um silencioso coro de graças. O final é uma reminiscência da música da abertura.)

LEOS JANACĚK (1854-1928)

Suíte para orquestra de cordas

1. Prelude
2. Adagio
3. Andante
4. Presto
5. Adagio
6. Andante

NOTAS DE PROGRAMA

KARA KARAYEV

Duas Miniaturas

A obra “Duas Miniaturas” é extraída do balé “As Sete Beldades”, baseada em libreto do poeta Nizamihin. Foi adaptada pelo compositor em uma suíte sinfônica de sete danças. As duas peças, de inspiração folclórica, são escritas para orquestra de cordas e deixam transparecer em sua totalidade a rica concepção melódica do compositor.

ALEXANDRE BRASOLIM

Alma Brasileira

Dividida em três partes (A-B-A), “Alma Brasileira” mostra um pouco a forte influência da música popular brasileira na escrita do compositor. Após uma primeira parte alegre com uma harmonia bastante nacional e uma melodia rica em contracantos, um pouco influenciada por Villa-Lobos e Camargo Guarnieri, chegamos a uma segunda parte mais tranquila e expressiva, sempre misturando acordes clássicos com populares sem perder a atmosfera brasileira. Também na segunda parte podemos perceber a importante influência da bossa-nova e do impressionismo que é algo dominante nas composições de Alexandre Brasolim. Quando

tudo parece terminar muito calmo, ouvimos subitamente o primeiro motivo da obra que agora nos conduz para o final.

AARON COPLAND

Appalachian Spring (Primavera nos Apalaches) – Suíte para orquestra

Mais ambicioso, mais detalhado, e considerado o mais célebre, “Primavera nos Apalaches” (os montes Apalaches ao sul do estado da Pensilvânia) foi um balé escrito para a companhia de Martha Graham, que o estreou em 30 de outubro de 1944 na Biblioteca do Congresso de Washington (Martha Graham sugeriu o título a partir de um poema de Hart Crane). A obra conquistou reputação internacional graças à sua marca de autenticidade, na expressão de uma mentalidade e de uma cultura específicas. Trata-se da música de Copland mais “americana” e certamente a mais sincera (deve-se ressaltar que a coreografia do balé foi também um soberbo êxito). O tema é apenas um pretexto: as tribulações de um jovem casal instalado recentemente numa fazenda das montanhas pensilvanianas no começo do século XIX, e a festa de primavera ali celebrada pelos audaciosos pioneiros da época. A música encadeia com invenção e espontaneidade

diversos episódios através dos quais passam temas folclóricos conhecidos como “Tis the Gift to Be Simple, Tis the Gift to Be Free”.

LEOS JANACÉK

Suíte para orquestra de cordas

A suíte em seis movimentos para orquestra de cordas teve sua estreia regida por Janacék na cidade de Brno, em dezembro de 1877. Ela foi bem recebida tanto pela crítica como pelo público. Os títulos de cada movimento foram originalmente tirados de suítes de dança antiga ou movimentos de sonata, mas Janacék mais tarde mudou os títulos. O primeiro movimento, originalmente intitulado Prelude, é semelhante a um concerto grosso. O movimento começa com um tema forte caracterizado por notas curtas em uníssono de oitavas. Os primeiros violinos tocam uma passagem cromática que é uma reminiscência de Lohengrin de Wagner, trechos dessa ópera eram tocados muitas vezes na cidade de Brno. O uso do ritmo de colcheias pontuadas seguidas de semicolcheias nos violoncelos e contrabaixos é uma assinatura musical tcheca.

O segundo movimento, Adagio, foi originalmente intitulado Allemande. Após a primeira parte, a música acelera e, em seguida, retorna mais uma vez para um andamento mais lento. Esse movimento foi escrito somente para os violinos e as violas.

O terceiro movimento, Andante, originalmente intitulado Sarabande, encanta o ouvinte com sua gavotte, uma bela dança barroca com o primeiro tempo levemente acentuado.

O quarto movimento, Presto (originalmente um Scherzo), começa com um ritmo acelerado. Após a parte central mais suave, voltamos à ideia inicial para terminar. Muito parecido com os “Scherzo” das sinfonias de Beethoven.

O quinto movimento, Adagio (originalmente chamado Aria), é um movimento bastante meditativo. Ele enfatiza o tema nos violoncelos e contrabaixos em diálogo com as outras cordas.

O sexto e último movimento, Andante, apresenta um tema de abertura que foi emprestado da ária “Ah, que Tristeza”, (Ah, what sorrow) da ópera “The Brandenburgers in Bohemia” de Bedrich Smetana. A suíte para orquestra de cordas continua popular entre o público de hoje e com ela Janacék mostra para o ouvinte a sua consciência de canção popular, que mais tarde se tornou sua assinatura musical.

A CANTIGA BRASILEIRA – MÚSICA CORAL DO BRASIL

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

26 abril 20h
 28 abril 18h30
 Capela Santa Maria Espaço Cultural

Regência e comentários **María Antonia Jimenez**

Declamação em alemão **Claudia Römmelt Jahnel** (apenas dia 28)

Concepção de dramaturgia **José Brazil** (apenas dia 28)

A versão do concerto no dia 28 será a mesma que o Coro da Camerata levará na sua turnê para Aachen, na Alemanha, com textos das músicas declamados em alemão.

TURNÊ – ALEMANHA

De 12 a 20 de junho o Coro da Camerata Antiqua de Curitiba representará o Brasil na Biental de Coros em Aachen – Alemanha, com programas de Música Brasileira

PROGRAMA

Música Vocal Brasileira

RONALDO MIRANDA (1948)

Três Cânticos Breves (1997)

Poema de Fernando Pessoa

1. Canção
2. Pobre Velha Música
3. Autopsicografia

SUÍTE NORDESTINA (1982)

1. Morena Bonita
2. Dendê Trapiá
3. Bumba Chora
4. Eu Vou, Eu Vou

BELO BELO

Poema de Manuel Bandeira

AYLTON ESCOBAR (1953)

Sabiá, Coração de uma Viola

HENRIQUE DE CURITIBA (1934 - 2008)

Arara-Quara

CAMARGO GUARNIERI (1907-1993)

Oh-Z-Aloanda

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Bachiana Brasileira N°8. IV Fuga

FRANCISCO MIGNONE (1897-1986)

Congada

ERNANI AGUIAR (1950)

Poema Juka Arcadelt

Saci-Pererê (1997)

LINDEMBERGUE CARDOSO (1939-1989)

Forrobodó da Saparia

WALDEMAR HENRIQUE (1905-1995)

Rolinha – Chula Marajoarense

Foi Boto Sinhá

CHICO BUARQUE DE HOLANDA (1944)

Roda Viva

Feijoada Completa

NOTAS DE PROGRAMA

TRÊS CÂNTICOS BREVES DE RONALDO MIRANDA

Miranda tem um talento extraordinário para escrever melodias seletas e líricas. Nessas três canções curtas ele utiliza a poesia do grande poeta português Fernando Pessoa de um modo atordoante. Em “Canção”, cada parte vocal tem melodias belamente trabalhadas que passam de uma voz a outra através de pequenas seções expressivas. Em “Pobre Velha Música”, os cantores e o público gostarão do lirismo e da simplicidade da melodia em forma de hino. Em “Autopsicografia”, há um motivo rítmico periódico sobre o qual se faz flutuar uma melodia encantadora. Essas três peças são um tanto quanto desafiadoras, mas acessíveis, e elas ainda podem ser efetivamente executadas em separado. O texto em português é longo, mas é tão bem conectado com a música, que os cantores aceitarão o desafio e o aprenderão efetivamente.

SUÍTE NORDESTINA DE RONALDO MIRANDA

Ronaldo Miranda compôs em 1983 a Suíte Nordestina, explorando basicamente dois elementos fortes e característicos na música folclórica brasileira. A primeira é a melodia expressiva escrita no primeiro e terceiro movimentos “Morena Bonita” e “Bumba Chora”. O outro elemento é o ritmo que aflora no segundo e quarto movimentos, “Dendê Trapiá” e “Eu Vou, Eu Vou”. São quatro movimentos curtos, mas cheios de energia e muito realismo.

BELO BELO DE RONALDO MIRANDA

A peça procura captar o clima do desconhecido poema de Manuel Bandeira, em seus aspectos lúdicos e líricos. Foi construída em forma ternária, com o motivo principal (das seções extremas) lembrando o clima de uma embolada nordestina. A parte central procura explorar mais especificamente os recursos melódicos e harmônicos, sendo a linha principal confiada inicialmente aos sopranos e depois às vozes masculinas. Uma transição reconduz ao refrão – de caráter predominantemente rítmico – que acaba se inserindo numa pequena coda, de progressivo virtuosismo para o coro.

SABIÁ, CORAÇÃO DE UMA VIOLA DE AYLTON ESCOBAR

A canção “Sabiá, Coração de uma Viola”, com letra de Orlando de Brito e música de Aylton Escobar mostra um Brasil no qual se fala da figura de Heitor Villa-Lobos (1887-1959), um dos pilares do nacionalismo brasileiro do século XX. Mostra a entrega desmedida do compositor à música que é tão inabarcável como a poderosa natureza de sua terra. Na peça “Sabiá, Coração de uma Viola”, a melodia principal, cantada pelos sopranos, é acompanhada por um ostinato de textura complexa, nas três vozes inferiores, com elementos politonais, síncofes e acentos cruzados combinados contrapontisticamente. *Foi escrita em 1981 por ocasião de dois eventos corais no Rio de Janeiro, realizados na Sala Cecília Meireles. O Jornal do Brasil promovia concursos corais todos os anos e encomendava aos compositores obras para as provas de confronto, “Sabiá, Coração de uma Viola”, de Aylton Escobar, ajudou na escolha do melhor coral daquele ano, mas, na realidade, foi o compositor o grande vencedor com essa música que passou a fazer parte do repertório de todos os corais brasileiros.

** Texto retirado do encarte do CD Canções do Brasil gravado pelo coro da OSESP e comentários de Samuel Kerr.*

ARARA-QUARA DE HENRIQUE DE CURITIBA

Foi escrita em 1964. Na época Henrique “ruminava” essa palavra tão sonora, depois de conhecer a cidade homônima. O tema surgiu em sua mente, em um grande engarrafamento de trânsito na cidade de São Paulo, quando estava no ônibus na saída da BR-116, com direção a Curitiba. A peça foi dedicada ao Coral da Santa Casa, então dirigida pelo seu caro amigo Samuel Kerr.

OH-Z-ALOANDA DE CAMARGO GUARNIERI

Camargo Guarnieri utiliza nesta obra o tema maracatu, que tem origem afro-brasileira. Oh-Z-Aloanda é escrita para 4 vozes mistas com pequena e única intervenção de quatro vozes solistas, sem acompanhamento.

BACHIANAS BRASILEIRAS DE HEITOR VILLA-LOBOS

É uma série de nove composições de Heitor Villa-Lobos escritas entre 1930 e 1945. Nesse conjunto, escrito para formações diversas, Villa-Lobos fundiu

material folclórico brasileiro às formas pré-clássicas no estilo de Bach, intencionando construir uma versão brasileira dos Concertos de Brandemburgo. Essa homenagem a Bach também foi feita por compositores contemporâneos como Stravinski. Todos os movimentos das Bachianas, inclusive, receberam dois títulos: um bachiano, outro brasileiro.

BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 8 – FUGA

A Fuga (1943), originalmente escrita para coro a 4 vozes, formato no qual foi publicada na coleção Solfejos II, foi posteriormente orquestrada tornando-se o 4º movimento da Bachianas Brasileiras nº 8.

CONGADA DE FRANCISCO MIGNONE

Após seus estudos na Europa e fazendo sucesso como jovem compositor, Francisco Mignone aproxima-se de Mário de Andrade. A música Congada é dessa época, de 1931 e 1933, antes dele se mudar para o Rio de Janeiro. Congada possui características populares, nacionalistas, de inspiração africana, e com influências do choro.

SACI-PERERÊ DE ERNANI AGUIAR

O Saci-pererê é indubitavelmente uma das figuras mais bem conhecidas do folclore brasileiro. Toda criança no Brasil sabe que o Saci-pererê sempre está arrumando encrenca por causa dos truques em que tira proveito dos outros. Nesta peça, Ernani Aguiar captura com destreza a personalidade do Saci. O uso de fala e apito nesta canção pode ser muito atraente para as crianças. Certamente esta canção em três partes dá muito prazer ao cantar por causa de seus ritmos excitantes, cores do texto, e belas harmonias num poema de Juka Arcadelt.

FORROBODÓ DA SAPARIA DE LINDEMBERGUE CARDOSO

Embora o texto em português na canção “Forrobodó da Saparia” possa apresentar alguns desafios, a execução desta peça pode ser especialmente recompensadora. Cardoso arranjou a canção em uma maneira muito descritiva com características onomatopaicas e cheia de muito humor.

ROLINHA – CHULA MARAJOARENSE DE WALDEMAR HENRIQUE

“Rolinha” é uma das obras mais executadas do repertório vocal brasileiro de todos os tempos. Waldemar Henrique dedicou a obra à sua irmã Mara, que era cantora e interpretava suas composições. Autor de mais de 120 canções, a música de Waldemar Henrique, em sua maior parte, possui forte expressão dos ritmos e lendas amazônicas, porém em “Rolinha” utiliza notas inexistentes e elimina certas características de sua base folclórica. Sua obra continua sendo divulgada largamente tanto por cantores clássicos como populares.

FOI BOTO SINHÁ DE WALDEMAR HENRIQUE

Esta composição datada de 1933 descreve em seu texto, criado por Antônio Tavernard (1908-1936), uma lenda amazônica onde destaca o poder de encantamento do lindo e brincalhão animal marinho, o Boto.

RODA VIVA DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA

“Roda Viva” é uma canção do cantor e compositor brasileiro Chico Buarque de Holanda. Foi classificada em terceiro lugar no III Festival de Música Popular Brasileira, em 1967. Esta música foi escrita para a peça de teatro de mesmo nome, também de autoria de Chico Buarque. A peça não tinha a ver com política, mas com a trajetória de um cantor massificado pelo esquema da televisão. Em julho de 1968 a peça foi montada em São Paulo quando o Comando de Caça aos Comunistas – CCC invadiu o teatro, depredou o cenário e espancou os atores. A obra tornou-se peça de resistência à Ditadura Militar.

FEIJOADA COMPLETA DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA

A obra faz parte do álbum Chico Buarque, lançado em 1978. Depois de mais de um ano sem gravar, lançou o disco “Chico Buarque”, primeiro no raiar da chamada abertura política, com o fim da censura e a volta dos exilados políticos, por conta da anistia. O disco registrou algumas composições, anteriormente censuradas, “Tanto mar”, “Apesar de você” e “Cálice”, essa última gravada com Milton Nascimento, além de “Pivete”, registro da situação do menor abandonado, “Feijoada Completa” na gravação simboliza a receita de recepção para o retorno dos exilados.

O SACRO NA MÚSICA CORAL BRASILEIRA**CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA****27 abril 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural**Regência e comentários **María Antonia Jimenez (Cuba/Brasil)****TURNÊ – ALEMANHA**

De 12 a 20 de junho o Coro da Camerata Antiqua de Curitiba representará o Brasil na Bienal de Coros em Aachen – Alemanha, com programas de Música Brasileira

PROGRAMA**Música Sacra Brasileira****MANOEL DIAS OLIVEIRA (1745-1813)**

Exaltate Est

JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA (1767-1830)

Judás Mercator Pessimus

Graduale para São Miguel Arcanjo (coro e órgão)

HENRIQUE OSWALD (1852-1931)

Missa de Réquiem (coro e órgão)

1. Introito – Réquiem
2. Kyrie
3. Sequência – Dies Irae
4. Ofertorium – Domine Jesu Christe
5. Sanctus e Benedictus
6. Agnus Dei
7. Responsorium – Libera me

HEITOR VILLA-LOBOS (1887- 1959)

Padre Nosso

RONALDO MIRANDA (1948)

Aleluia

ERNANI AGUIAR (1950)

Falai de Deus

CAMARGO GUARNIERI (1907-1993)

Missa Dilígite

1. Kyrie
2. Gloria
3. Sanctus
4. Agnus Dei

NOTAS DE PROGRAMA

EXALTATA EST DE MANOEL DIAS OLIVEIRA

A obra faz parte dos Motetos para a Procissão da Assunção de Nossa Senhora. Segundo o catálogo, a destinação da obra era para a Nossa Senhora da Boa Morte. Escrito em latim, é para coro a capella para soprano, contralto, tenor e baixo. Encontra-se na Coleção Música Sacra Mineira e o local de catalogação está no Rio de Janeiro, editado pela Funarte, o editor foi Aluizio José Viegas.

JUDAS, MERCATOR PESSIMUS DE JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA

O moteto Judas, Mercator Pessimus foi composto em 1809, para o Ofertório da Missa de Quinta-feira Santa, através de manuscrito de Bento das Mercês, cantor da Capela Imperial e colecionador da obra de José Maurício. Apesar de intitulado moteto a seis vozes, é, de fato, a cinco, com dobramento de baixo em algumas passagens. A composição segue a divisão do texto litúrgico, originalmente um Responsório das Matinas de Quinta-feira Santa, sobre o episódio da traição de Judas. Iniciado homofonicamente com movimento moderato, a segunda parte, correspondente ao coro, nos Responsórios, é um fugato, que alterna com o Versículo em larghetto, cantado por quatro solistas. Uma belíssima obra de contrastes.

GRADUALE PARA SÃO MIGUEL ARCANJO (CORO E ÓRGÃO) DE JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA

De 1808 a 1811, o Padre José Maurício Nunes Garcia compôs cerca de 70 obras para as solenidades da família real portuguesa. As composições principais de 1808 foram a “Missa de São Pedro de Alcântara”, dedicada ao príncipe Dom Pedro, a “Missa Pastoral”, a “Missa em Fá”, um “Qui Sedes” orquestrado e algumas obras que se perderam: a “Missa de Natal”, e uma “Missa para a Rainha Santa Isabel”, ambas para vozes e órgão. Em 1809, mesmo com a orquestra ainda incompleta, várias cerimônias foram celebradas com música na Capela Real. Nesse ano, foi instituído um feriado na data de aniversário da “Feliz chegada” da família real ao Rio de Janeiro, e uma “Missa” e um “Te Deum” foram compostos

para a celebração. Dentre as outras composições de 1809 figuram a “Missa de São Miguel Arcanjo”, a “Missa de São Pedro de Alcântara”, a “Missa para a Festa da Visitação de Nossa Senhora” e a “Missa do Anjo Custódio do Reino”.

MISSA DE RÉQUIEM DE HENRIQUE OSWALD (1852-1931) POR SUSANA CECÍLIA IGAYARA

A “Missa de Réquiem” de Henrique Oswald foi composta em 1925 e dá testemunho da nova orientação adotada pela igreja romana após a promulgação do Motu Proprio do Papa Pio X. Constituída por densa harmonia aplica uma rítmica simples, a propiciar a compreensão do texto. Ecos modais, leves alusões a temas gregorianos e um ousado pensamento harmônico são alguns dos elementos de destaque nesta obra sem par na literatura musical sacra brasileira.

PADRE NOSSO DE HEITOR VILLA-LOBOS

As obras corais na categoria de coro a capella de Heitor Villa-Lobos ocupam uma posição central no catálogo do compositor. Dentre essas extraordinárias inspirações composicionais, destacamos a conhecida prece Padre Nosso, composta no período de 1910 a 1958.

ALELUIA DE RONALDO MIRANDA

Aleluia de Ronaldo Miranda foi escrito em 1985 para um coral de um amigo no Rio de Janeiro (o qual não existe mais). Ronaldo o escreveu por ocasião de sua saída do Jornal do Brasil após 18 anos de trabalho e a obra é fruto de sua tristeza por ter deixado o jornal, o qual considerava como parte de sua família. Segundo o próprio compositor a música não se parece com um Aleluia e sim com um Réquiem, apenas no final, a obra mostra-se mais com o sentimento de um Aleluia.

(Trecho de uma entrevista de Ronaldo Miranda para o músico e escritor Tom Moore em 2002)

FALAI DE DEUS DE ERNANI AGUIAR, COM TEXTO DE CECÍLIA MEIRELES

É uma peça leve, homofônica, numa linguagem acessível e clara opção pela palavra.

MISSA DILÍGITE DE CAMARGO GUARNIERI

Foi composta originalmente para coro e órgão em 1972, versão da presente proposta, tendo sido posteriormente orquestrada para cordas pelo próprio compositor. Claramente baseada em um cantochão, esta obra diferencia-se consideravelmente do todo da obra do compositor. Constituída de Kyrie, Gloria, Sanctus e Agnus Dei, o compositor omitiu o Credo. Em toda sua produção, Guarnieri sempre buscou utilizar ritmos tipicamente brasileiros, mesmo na sua última fase criativa, quando buscou expressar-se numa linguagem mais abstrata e atonal. A música de Guarnieri, talvez o maior compositor brasileiro do séc. XX depois de Villa-Lobos, é, ao contrário da música deste, de difícil assimilação em muitos casos. Sua preocupação com a clareza e a transparência, assim como com a construção formal segundo os parâmetros clássico-românticos, gerou uma obra muito original e ainda pouco conhecida. A Missa Dilígite é uma das raras obras religiosas do compositor. Um tanto indiferente à estética de sua época, ela reflete o seu espírito reflexivo e intimista que procura talvez uma paz interior. A Camerata Antiqua de Curitiba gravou essa obra em janeiro de 2000, como parte das festividades dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Não existe edição oficial da partitura.

SÉRIE RITORNELLO

Viagem à Itália Barroca

300 anos da morte de Archangelo Corelli

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

10 maio 20h Paróquia Nossa Senhora Aparecida

11 maio 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

*Pré-concerto dia 11,
17h45, palestrante*

Marco Aurélio Koentopp

(Ensaio aberto: 9 de maio, 10h, na Capela Santa Maria Espaço Cultural)

Direção musical e violino solo Rodolfo Richter (Inglaterra/Brasil)

SÉRIE RITORNELLO

Série dedicada a músicos que fizeram parte da história musical de Curitiba e que atualmente têm carreiras consolidadas fora do Brasil, pertencentes aos quadros de grandes instituições musicais em outros países

PROGRAMA

Música Barroca Italiana

ARCHANGELO CORELLI (1653-1713)

Concerto grosso Op.6 nº 4 em Ré maior

I. Adagio, Allegro

II. Adagio

III. Vivace

IV. Allegro

ANTONIO VIVALDI (1678-1741)

Concerto para violino Ré maior L'inquietudine
RV 234

I. Allegro molto

II. Largo

III. Allegro

RODOLFO RICHTER (1971)

Concerto grosso (1997)

FRANCESCO GEMINIANI (1687-1762)

Concerto grosso para dois violinos, cordas e baixo contínuo, de acordo com as Variações Opus 5 nº 12 La Folia em Ré menor de Arcangelo Corelli – Tema e 25 variações

Intervalo

ARCHANGELO CORELLI (1653-1713)

Concerto grosso Op.6 nº 8 em Sol menor para a noite de Natal

I. Vivace, Grave

II. Allegro

III. Adagio, Allegro, Adagio

IV. Vivace

V. Allegro

VI. Largo - Pastorale

GEORG FRIDERICH HAENDEL (1685-1759)

Sonata a 5 em Si bemol maior HWV 288

I Andante

II Adagio

III Allegro

ANTONIO VIVALDI (1678-1741)

Concerto para violino, cordas e baixo contínuo em Sol menor RV 331

I Allegro

II Largo

III Allegro

NOTAS DE PROGRAMA

O OPUS 6 DE CORELLI

Concerto grosso Op.6 nº 4 em Ré maior

Os 12 concertos grossos Opus 6 apareceram em 1714 na casa Roger de Amsterdam, com uma dedicatória ao eleitor palatino Johann Wilhelm; mas alguns foram provavelmente executados já em 1680. Corelli não foi o inventor do gênero, já praticado por Stradella, mas deu-lhe seus foros de nobreza. Seus concertos grossos são todos escritos para um “concertino” de dois violinos e um violoncelo, e para um ripieno de duas partes de violino, uma viola e contrabaixo. Quatro são em Fá maior (nº 2, 6, 9 e 12), três em Ré maior (nº 1, 4 e 7), dois em Si bemol maior (nº 5 e 11) e um em Sol menor (nº 8 “para a noite de Natal”). Os oito primeiros são “concertos de igreja” e os quatro últimos “concertos de câmara” com movimentos dançantes; mas, na realidade, como nas sonatas, as duas categorias convergem frequentemente. O número de movimentos pode ser seis (nº 1 e 8-11), como cinco (nº 3, 5-7 e 12) ou quatro (nº 2 e 4). Nos concertos em tonalidade maior, o movimento lento está no relativo menor – o nº 3 em Dó menor, possuindo um grave em Fá menor, e o nº 8 em Sol menor, um Adágio central em Mi bemol maior. A escrita oscila entre a antiga polifonia e o novo estilo homófono. Mais do que a forma, é o estilo dessas obras que deveria exercer uma influência decisiva: o que explica, provavelmente, por que não só em Roma, como também em Londres, o concerto de solista, mais dinâmico, só se impôs relativamente tarde.

ANTONIO VIVALDI

Concerto para violino Ré maior L'inquietudine RV 234

L'Inquietudine é o título relacionado ao concerto em Ré maior, RV 234. Os três movimentos do concerto são coerentes dentro de sua coloração musical, com foco na inquietude. Este trabalho conciso abre com um Allegro molto, com uma textura nas cordas palpitantes com tutti

barulhentos intercalados de linhas relativamente suaves da parte do violino solo, o movimento termina tão abruptamente como começa. O segundo movimento, Largo é caracterizado com figuras de escala que passam por meio de todo o conjunto, o solista continua a representar uma influência calma, suas linhas relativamente fixas são derramadas como bálsamo sobre o frenetismo do conjunto. No Allegro final o solista parece sucumbir ao clima predominante de agitação, mas com a agilidade exigida fenomenal vem o controle necessário. Isso mantém a sensação de que o violino, apesar de exibir técnica deslumbrante, freia a natureza volátil do conjunto.

RODOLFO RICHTER CONCERTO GROSSO (1997)

“O Concerto grosso foi iniciado em 1997 como uma tentativa em explorar velhas técnicas sobre um ponto de vista novo para mim como autor e intérprete. A peça consiste em sete breves impressões e/ou retratos de outras obras do período barroco. Cada movimento se inspira em um ou mais aspectos da música do passado, sejam estes motivos rítmicos de danças específicos ou técnicas contrapontísticas como um cânone. Apesar dos sete movimentos serem concebidos como um todo, a intenção é que a peça não seja tocada como tal, mas sim apenas um ou dois ‘retratos’ como comentários de outras peças de compositores antigos. O primeiro e o último retrato são escritos em partitura aberta, ou seja, sem instrumentação definida. A improvisação é um elemento muito importante assim que o intérprete se familiarizar com a linguagem musical. Em contraste com outras peças minhas do mesmo período, as indicações de tempo e dinâmicas são mínimas ou inexistentes.

O retrato a ser executado neste concerto é baseado em corais de Johann Sebastian Bach, entre eles o coral:

‘Wenn ich einmal soll scheiden, so scheide nicht von mir,
wenn ich den Tod soll leiden, so tritt du denn herfür!
Wenn mir am allerbängsten wird um das Herze sein,
so reiß mich aus den Ängsten kraft deiner Angst und Pein!’

*“(Quando eu tiver que partir, não te afastes de mim!
Quando tiver que sofrer as angústias da morte,
permaneça ao meu lado!
Quando meu coração estiver oprimido,
Libera-me da minha angústia por tua dor
e por tua pena).”*

FRANCESCO GEMINIANI

Concerto grosso para dois violinos, cordas e baixo contínuo La Folia em Ré menor nº 12

Francesco Geminiani possuía duas qualidades importantes, a imaginação e a arte da interpretação. Foi assim que ele tornou-se um dos primeiros virtuosos do violino, transformando-se num dos compositores mais discutidos do seu tempo. Aluno de Carl Ambrogio Lonati, em Milão, e depois do grande Arcangelo Corelli, em Roma, Geminiani, nas suas composições foi bastante influenciado pelo seu professor Corelli. Evidência da ligação entre os dois são os arranjos feitos pelo Geminiani das sonatas para violino, Op.5 de Corelli, transformando-as em concertos grossos para orquestra de cordas, assim publicados em 1726-1727. Geminiani teve que esperar até 1716 para que ele fizesse publicar em Londres, sua cidade adotiva, seu Opus 1, doze sonatas para violino, as quais tiveram tanto sucesso que alguns musicólogos chegam a considerar Geminiani superior a Corelli. Passou-se uma década até que ele publicasse (1726-1727) as Sonatas Opus 5 de Corelli, em arranjo para concerto grosso – com uma orquestração que iria tornar-se típica do estilo de Geminiani: o concertino ampliado para quatro vezes instrumentais solistas, sendo uma delas uma viola – um novo acréscimo – e tendo o tutti reduzido a dois violinos e a um contrabaixo.

A própria forma de concerto grosso pode ser considerada uma extensão do gênero mais em voga na época, a do trio sonata. As partes em piano eram tocadas pelos concertini (solistas) e as fortes pelos tutti (todos). Em 1732 Geminiani publicou os dois conjuntos de concertos grossos, Op.2 e Op.3. Em 1746 foi publicado o Op.7, outro conjunto de concertos grossos. No mesmo ano saiu o Op.5, sonatas para violoncelo que mais tarde ganharam uma adaptação para violino.

ARCHANGELO CORELLI

Concerto grosso Op.6 nº 8 em Sol menor “para a noite de Natal”

O concerto grosso em Sol menor opus 6 nº 8 “para a noite de Natal”, adquiriu uma celebridade própria por causa de seu título, ao qual correspondem, aliás, várias particularidades musicais. Um concerto de Natal talvez idêntico ao Opus 6 nº 8 foi composto em 1690 para o cardeal Ottoboni. No Opus 6 nº 8, o modo menor não é sinônimo de drama ou de melancolia, e sim de intimidade e nostalgia. São seis movimentos em que o último se sobressai em relação aos outros: 1) Vivace, muito breve, desembocando num Grave lancinante, sendo por isso uma exceção; 2) Allegro em imitações, de uma certa veia popular; 3) Adágio – Allegro – Adágio de uma grande serenidade e centrados sobre a beleza melódica, a parte central Allegro um pouco menos intensa; 4) Vivace, no espírito do Minueto, encontrando Sol maior; 5) Allegro ainda em Sol menor, fazendo sequência ao segundo movimento; 6) Sem interrupção, Largo (Pastorale) em Sol maior: movimento cantando o Natal, porém “facultativo” e totalmente excepcional, no Opus 6 e no concerto grosso. Esta Pastoral transporta-nos repentinamente a um outro mundo.

GEORG FRIDERICH HAENDEL

Sonata a 5 em Si bemol maior HWV 288

A Sonata a 5 em Si bemol maior HWV 288 é uma peça orquestral independente de Haendel, muito conhecida. Provavelmente foi escrita em 1707 (quando ele tinha 22 anos e vivia na Itália). É escrita para violino solo, cordas e contínuo, e o solo de violino da obra ganha destaque conforme a peça progride. O Andante da abertura começa com uma melodia graciosa desdobrando no violino solo; esta melodia era a favorita de Haendel, foi reutilizada em várias obras, incluindo o Trio Sonata nº1 em Lá maior (HWV 396), o Concerto para Oboé nº2 em Si bemol maior (HWV 302), e as obras vocais, I Will Magnify Thee (HWV 250) e Belshazzar (HWV 61). O Adágio que segue mantém interesse no cromatismo, como a textura compacta orquestral do início que gradualmente se expande por etapas cromáticas. O último movimento tem longos trechos de escrita virtuosística para o violino solo, com interjeições trovejantes pelo tutti.

ANTONIO VIVALDI

Concerto para violino, cordas e baixo contínuo em Sol menor RV 331

Este é o 46º título na Edição de Vivaldi e o quarto volume, de aproximadamente 12, da série dedicada aos concertos para violino, cujos manuscritos são mantidos na Biblioteca Nacional de Turim, Itália. Todos os concertos dessa série foram dedicados a Carlos VI (1685-1740) “L’Imperatore”, imperador do Império Habsburgo, conhecido como patrono e apaixonado por música, que, provavelmente, Vivaldi conheceu e, aparentemente, encontrou em Trieste, em 1728. Este concerto pertence a uma série de sete concertos e presta uma visão geral da arte completa de Vivaldi como compositor e violinista: grande escala musical, invenção, expressão, energia, poder de evocação, execução com virtuosismo considerável. Importante salientar os gestos expansivos quase operísticos dos movimentos lentos.

FRANZ SCHUBERT**CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA****24 maio 20h****25 maio 18h30****Capela Santa Maria Espaço Cultural**Regência e comentários **Oswaldo Colarusso (São Paulo/Paraná)****PROGRAMA****FRANZ SCHUBERT (1797-1828)***Primeira parte***Der Goldenfahrer – O Gondoleiro ID 809**

Para coro masculino e piano.

*Texto de Johann Mayrhofer***Nachthelle – Brilhos da Noite**

Para tenor solo, coro masculino e piano ID 892

*Texto de Anton Seidl***Städchen – Serenata**

Para contralto solo, coro feminino e piano ID 920

*Texto de Franz Grillparzer***Mirjans Siegesgesang – Canto de Vitória de Miriam**

Cantata para soprano solo, coro misto e piano ID 942.

*Texto de Franz Grillparzer**Intervalo**Segunda parte***Gesang der Geister über den Wassern – Canto dos Espíritos sobre as Águas**

Para coro masculino, duas violas, dois violoncelos e contrabaixo ID 714.

*Texto de Johann Wolfgang von Goethe***Missa nº 2 em Sol maior**

Para solistas, soprano, tenor, baixo coro misto e Orquestra de cordas ID 167

1. Kyrie (coro e solo soprano)
2. Gloria (coro e solos soprano, baixo)
3. Credo (coro)
4. Sanctus (coro)
5. Benedictus (solos soprano, tenor, baixo e coro)
6. Agnus Dei (solos soprano, baixo e coro)

NOTAS DE PROGRAMA

por Osvaldo Colarusso

DER GOLDENFAHRER

O Gondoleiro ID 809 para coro masculino e piano. Texto de Johann Mayrhofer.

Composto em março de 1824, Der Goldenfahrer (O Gondoleiro) se originou de uma canção homônima para voz e piano. Logo em seguida Schubert fez esta versão para coro masculino e piano, que foi executada em Viena. A música descreve a lenta agitação das águas dos canais de Veneza até que a meia-noite soa na Catedral de São Marcos. Esse mágico momento acontece num insistente Lá bemol grave do piano, mas a música retorna à sua tranquilidade inicial.

NACHTHELLE

Brilhos da Noite – Para tenor solo, coro masculino e piano ID 892

Esta é uma das principais obras corais de Schubert, e ao mesmo tempo uma das composições com mais efeitos harmônicos inusitados. Escrita em setembro de 1826, ela utiliza um tenor solista que lidera o coro masculino. O piano simboliza através de acordes repetidos no registro agudo o brilho das estrelas. Poucas obras dessa época modulam para regiões tão distantes: a instabilidade tonal é constante. O texto fala do cintilar das estrelas e que com essa luz mágica tudo parece prateado.

STÄDCHEN

Serenata – para contralto solo e coro feminino e piano ID 920

Composta em julho de 1827, Städtchen – Serenata – é uma obra escrita sob encomenda de uma amiga do compositor, Anna Frölich. Ela descreve uma serenata em meio ao silêncio da noite. O piano imita acordes de um violão

imaginário, enquanto as vozes clamam à discrição. Muitas vezes o texto insiste no murmúrio que se deve fazer nessa hora tão adiantada. A palavra *leise* (suavemente) é repetida inúmeras vezes, e o compositor na parte central não esquece de criar algumas situações contrapontísticas. Assim como a obra anterior, esta fala dos encantos da noite. Aquela com vozes masculinas e esta com vozes femininas. Ao ouvi-la Schubert expressou sua satisfação: “Eu não imaginava que ela era tão linda”.

MIRJANS SIEGEGESANG

Canto de Vitória de Miriam – Cantata para soprano solo, coro misto e piano ID 942

Escrita em março de 1828, ano da morte do autor, é uma verdadeira cantata. Nela é narrada a passagem bíblica da fuga dos judeus do Egito. Miriam seria a irmã de Moisés e é ela quem narra toda a aventura da travessia do mar vermelho. A parte do soprano solista faz supor que Schubert pensava em posteriormente fazer uma versão orquestral da obra. A música começa com acordes majestosos, em que Miriam pede que todos os instrumentos cantem a glória de Deus. Em seguida uma seção mais lenta fala da escravidão no Egito, e que a voz do mar conclamou o povo, e de como o mar se tornou terra firme. A terceira seção descreve a travessia e a perseguição, e como os egípcios foram afogados pelas águas que subitamente retornaram. A última seção volta ao tom triunfante do início.

GESANG DER GEISTER ÜBER DEN WASSERN

Canto dos Espíritos sobre as Águas para coro masculino, duas violas, dois violoncelos e contrabaixo ID 714

Esta é uma das obras primas de Schubert. A originalidade da instrumentação e a maravilhosa poesia de Goethe fazem desta partitura um marco na história da música vocal. Composta em fevereiro de 1821, faz um magnífico paralelo para a frase “Alma humana é como a água”. A parte central descreve os penhascos, as corredeiras, e com a agitação musical percebemos o paralelo com o sofrimento humano. No final a frase de Goethe é maravilhosamente transcrita pelo compositor: “Alma do homem és como a água. Destino do homem é como o vento”. O grande compositor e maestro francês Pierre Boulez considera esta a obra máxima de Schubert.

Missa Nº 2 em Sol maior para solistas, coro misto e orquestra de cordas ID 167

Escrita em cinco dias, em março de 1815, a Missa em Sol maior obedece a uma regra do imperador Joseph II, que não permitia missas com um grande efetivo instrumental. Schubert se acomoda à regra escrevendo uma missa de grande lirismo. Ele se utiliza de apenas três solistas, e com exceção do soprano, os solos são bem curtos. Mesmo as passagens mais dramáticas do texto da missa (crucifixus) são pontuadas com uma música altamente contemplativa. Ao contrário das outras obras do autor executadas atualmente, esta não é uma partitura do período final da curta vida do compositor. A Missa em Sol é obra de um alegre rapaz de 17 anos.

ALIMENTANDO COM MÚSICA

Programa Educativo em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Fundação de Ação Social – FAS

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Concertos em junho

4 e 6	junho	9h30 e 10h30 <i>(para alunos da rede pública de ensino)</i>	Capela Santa Maria Espaço Cultural
5 e 7	junho	14h30 e 15h30 <i>(para alunos da rede pública de ensino)</i>	
8	junho	18h30 e 19h30 <i>(público em geral)</i>	

Concertos em outubro

Criança na Plateia

8 e 10	outubro	14h30 e 15h30 <i>(para alunos da rede pública de ensino)</i>	Capela Santa Maria Espaço Cultural
9 e 11	outubro	9h30 e 10h30 <i>(para alunos da rede pública de ensino)</i>	
12	outubro	18h30 e 19h30 <i>(público em geral)</i>	

Direção musical e regência Maria Antonia Jimenez (Cuba/Brasil)

Arranjos e textos Marco Aurélio Koentopp (Paraná)

Direção cênica Maurício Vogue (Paraná)

Atores Giovana de Liz (Santa Catarina) e Renet Lyon (Itália/Brasil)

Cenógrafo Rhenan Queiroz (Paraná)

PROGRAMA

MARCO AURÉLIO KOENTOPP (1968)

Abertura instrumental

TOQUINHO (1946)

Caderno

ANTONIO ADOLFO (1947)

E TIBÉRIO GASPAS (1943)

Sá Marina

WILSON SIMONAL (1938-2000)

Mamãe Passou Açúcar em Mim

EDU LOBO (1943)

E CHICO BUARQUE DE HOLANDA (1944)

Ciranda da Bailarina

PALAVRA CANTADA

– PAULO TATIT E SANDRA PERES

Fome-Come

CLEMENT JANEQUIN (1485-1558)

Les Chants des Oiseaux

VINÍCIUS DE MORAES (1913-1980)

Galinha d'angola

CLAUDINHO E BOCHECHA

Fico assim sem Você

FOCLORE BRASILEIRO

Alecrim Dourado

EDU LOBO (1943)

E CHICO BUARQUE DE HOLANDA (1944)

Na Carreira

NOTAS DE PROGRAMA

O programa Alimentando com Música, criado pela Camerata Antiqua de Curitiba, tem como objetivo levar às crianças, aos adolescentes e jovens de escolas públicas de Curitiba a oportunidade de conhecer de perto a música erudita em suas múltiplas formas de linguagem. Integrante do quadro de grupos musicais da Fundação Cultural, a Camerata Antiqua de Curitiba (coro e orquestra) desenvolveu esse projeto que resulta num exercício de cidadania e aprendizado, envolvendo músicos, crianças de várias escolas da rede municipal de ensino, professores e profissionais da área administrativa e de outros setores envolvidos. Para esse programa Educativo, a Fundação Cultural de Curitiba e o Instituto Curitiba de Arte e Cultura contam com a parceria da Secretaria Municipal de Educação e da Fundação de Assistência Social – FAS. Na temporada de 2013, no programa a ser apresentado, constam obras do Cancioneiro Infantil da Música Popular Brasileira, de compositores como Vinícius de Moraes, Toquinho, Chico Buarque, Wilson Simonal, bem como obras de compositores que fazem

parte do repertório da Camerata Antiqua de Curitiba, como o compositor francês Clement Janequin. No repertório de música popular brasileira, todas as obras contam com arranjos do curitibano Marco Aurélio Koentopp. O programa é estruturado de forma cênica e educativa, conduzindo a proposta didática a que o grupo se propõe. Com esse programa, a Camerata Antiqua de Curitiba reafirma seu compromisso em despertar na juventude possíveis dons e aptidões, forma novas plateias e mostra o quanto é possível alimentar a alma com música.

BATALHAS E ILUMINAÇÕES Centenário de Benjamin Britten

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

28 junho 20h Paróquia Bom Pastor

29 junho 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

*Pré-concerto dia 29,
17h45, palestrante
Marco Aurélio Koentopp*

(Ensaio aberto: 27 de junho, 10h, na Capela Santa Maria Espaço Cultural)

Direção musical José Maurício Aguiar (Estados Unidos/Brasil)

Solista Kalinka Damiani (Santa Catarina)

PROGRAMA

HEINRICH IGNAZ FRANZ BIBER (1644-1704)

La Battaglia em Ré Maior, C 61

1. Sonata
2. Allegro – Die Liederliche Gesellschaft von Allerey Humor (A Horrível Companhia com Algum Humor)
3. Presto
4. Der Mars
5. Presto
6. Aria
7. Die Schlacht
8. Adagio – Lamento der Verwundten Musquetirer (Lamento dos Mosqueteiros Feridos)

BENJAMIN BRITTEN (1913-1976)

Les Illuminations para soprano solo e orquestra de cordas, Op. 18

1. Fanfarre
2. Villes
3. Phrase
4. Antique
5. Royauté
6. Marine
7. Interlude
8. Being Beauteous
9. Parade
10. Départ

OSVALDO GOLIJOV (1960)

Last Round

NOTAS DE PROGRAMA

HEINRICH IGNAZ FRANZ BIBER

Battaglia em Ré maior

O obra "A Battalia" foi concluída em 1673 e sob o título havia uma explicação que dizia: "Das liderliche Schwarmen der Musquetirer, Mars, die Schlacht undt Lamento der Verwundeten, mit Arien intirit und Baccho dedicirt, von H. Biber, Ao. 1673". Essa frase traduzida, significa: "As devassas hordas dos mosqueteiros, Marte, a batalha e lamento dos feridos, iniciados com árias e dedicados a Baco, por H. Biber, 1673". A abertura é com as cordas e continuo tocando militarmente, fazendo a simulação dos sons de trompetes e tambores que funcionam como tema, durante o qual os corpos dos instrumentos são aproveitados para um efeito de sons de tambor. Fiel ao espírito sempre inventivo e bem-humorado de Biber, prossegue com uma seção em que oito mosqueteiros bêbados são retratados como se estivessem cantando músicas de sua terra natal, o segundo movimento da Battalia é talvez o mais espantoso para quem não sabe o que esse movimento significa, os oito mosqueteiros são representados por partes diferentes tocando simultaneamente, em diferentes tonalidades e tempos, para representar o que Biber intitulou "A Horrível Companhia com Algum Humor". Cada parte (há três partes de violino, duas de viola, duas de violoncelo e uma de contrabaixo) toca uma música folclórica representando uma parte diferente da Europa. As canções populares incluem "Ne Takes my Mluvuel" (uma canção folclórica da Eslováquia), "Vojansky Figator" (uma canção popular da Boêmia do século XVIII), "Kraut und Ruben" (muitas vezes cantada no norte da Itália, Áustria e Hungria), e "Nambli wol kan ich ietz Glauben" (uma canção folclórica da Estíria).

Elas são destinadas ao embate; o que representa os pontos de vista dos vários grupos. O quarto movimento é interpretado pelo violino solo e solo de baixo, com um pedaço de papel escorregando entre as cordas do baixo, criando um efeito bastante impressionante de uma caixa (percussão). Nas notas que acompanham a partitura, Biber escreve: "onde o tambor aparece no baixo, deve-se colocar algum

papel nas cordas, para que haja um ruído alto, mas apenas na marcha." No sétimo movimento, a Batalha, as cordas mais graves (violoncelos e contrabaixo) criam estalos nas suas cordas para imitar o som de um canhão, semelhante à batida do arco contra a lateral do instrumento no primeiro movimento, que invoca o som dos passos dos soldados. O movimento final, "Lamento der Verwundten Musquetirer", representa a morte e a tranquilidade depois de uma batalha. o Lamento dos mosqueteiros feridos.

OSVALDO GOLLIJOV

Last Round

Oswaldo Golijov cresceu amando a música de Astor Piazzolla. De fato, ele relata que era incapaz de dormir à noite, sem antes ouvir a música de Piazzolla. Como membro de família judaica culta, Golijov aprendeu a tocar piano e estudou composição ainda menino, e em 1983, foi para Israel para uma formação contínua. Em 1986, foi para os Estados Unidos, onde estudou com George Crumb, Lukas Foss e Knussen Oliver. Ele é atualmente docente na Faculdade de Santa Cruz e também ensina no Conservatório de Boston e Tanglewood Music Center.

Dois eventos específicos ajudaram a moldar a forma de Last Round: a doença final de Piazzolla e o encontro de Golijov com os membros do St. Lawrence String Quartet, cuja performance tem sido uma inspiração para ele. Em 1991, Piazzolla, então com 70 anos, sofreu um acidente vascular cerebral incapacitante, e em resposta a essa notícia preocupante, Golijov começou a esboçar um movimento lento para orquestra de cordas. Os membros do St. Lawrence String Quartet viram o manuscrito e incentivaram Golijov a terminar o trabalho, e, no processo, ele mudou a música consideravelmente: completou o Last Round, em 1996, adicionando um movimento de abertura rápida e reorquestrou o trabalho para dois quartetos de cordas e contrabaixo. Em nota para a gravação dessa versão de Last Round, Golijov descreveu em detalhes a inspiração e a forma da música: o título é emprestado de uma pequena história no boxe por Julio Cortázar, a ideia era dar o espírito de Piazzolla a um desafio imaginário para lutar mais uma vez (ele costumou entrar em brigas ao longo de sua vida). A

peça é concebida como um bandoneon idealizado. O primeiro movimento representa uma compressão violenta do instrumento e o segundo um final, como um suspiro aparentemente infinito na abertura (na verdade é uma fantasia sobre o refrão da canção “Mi Buenos Aires Querido”, composta pelo lendário Carlos Gardel em 1930). Mas Last Round é também um tango sublimado. Dois quartetos se confrontam separados pelo baixo centrado, com violinos e violas em pé, como nas orquestras de tango tradicionais. Os arcos voam no ar como pernas invertidas e cruzadas que fazem parte de uma coreografia. Sempre atraindo e repelindo-se, sempre em perigo de choque, sempre evitando com a precisão que só pode ser adquirida por transformar a paixão quente em puro estilo.

BENJAMIN BRITTEN

Les Illuminations

O gênero Ciclo Canção Orquestral é uma forma de composição que muito atraía Britten. Seu conceito de trabalhar com uma antologia, composições com diversos textos, tema literário ou poético, era uma possibilidade comum e favorita à qual retornou diversas vezes. Embora tenham existido diversos precedentes no gênero, como Berlioz, Ravel e Elgar, entre outros, vemos que, provavelmente, a influência principal de Britten era Mahler. Os quatro ciclos de canções com orquestra *Our Hunting Fathers*, *Les Illuminations*, *Serenade* e *Nocturne* – deveriam juntar-se a um quinto ciclo, *Quatre Chansons Françaises*, que não foi publicado nem executado, durante a vida de Britten. Sobre a obra *Les Illuminations*, no verão de 1939, Britten deixou para trás o que vivenciava na agradável atmosfera artística da Inglaterra e foi em busca de oportunidades e de uma nova vida na América. O extraordinário efeito de liberação que este movimento teve em seu trabalho é testemunhado pela contagem do número substancial de composições que ele escreveu ou terminou no período de um ano após sua chegada: “O Concerto de Violino”, “O Jovem Apolo”, “O Carnaval Canadense”, “Sinfonia do Réquiem”, “Divertimentos”, os “Sonetos de Michelângelo”, e seu terceiro Ciclo de Canções Orquestral, “*Les Illuminations*”, para tenor ou soprano e cordas. Para este trabalho

Britten voltou-se para a poesia francesa do poeta simbolista Arthur Rimbaud. O trabalho foi terminado em outubro de 1939 e sua primeira execução aconteceu em janeiro de 1940, no Aeolian Hall, em Londres, novamente executado por Sophie Wyss, a quem a obra foi dedicada, com a The Boyd Neel Orchestra. Dois anos antes havia sido encomendada e executada a primeira apresentação das *Variações* sobre um tema de Frank Bridge, na qual Britten havia mostrado sua obra-prima na técnica da orquestração. Talvez a grande relevância da obra “*Les Illuminations*” seja a *Fanfare*, originalmente para piano e cordas, que Britten havia escrito anteriormente nesse mesmo ano. O movimento da abertura do “*Les Illuminations*” justapõe a *Fanfare* com arpejos nos primeiros violinos e violas em Si bemol e Mi maior, alcançando um clímax na entrada do solista com o refrão recorrente: “J’ai seul la clef de cette parade sauvage”. O movimento *Villes* emprega encadeamento de tríades que evocam a excitante vida noturna de uma metrópole. Os harmônicos de *Phrase* culminam com um acorde luminoso de Si bemol maior em preparação para a próxima canção, *Antique*, uma dança lenta com um acompanhamento dedilhado das violas e violoncelos tocando como violões (este movimento em particular é dedicado a Wulff Scherchen, com quem Britten compartilhava de uma amizade mais próxima nos meses que antecediam sua partida para os Estados Unidos). O momento brilhante de *Royauté*, e a energética paisagem marítima de *Marine* são seguidos de um Interlúdio central, pelos movimentos mais longos do ciclo, *Being Beauteous*, o qual novamente utiliza-se de tríades para simbolizar um estado de perfeição e de beleza naturais (significativamente, essa canção é dedicada a Peter Neville Luard Pears). A *Parade* é um marco espiritual, porém uma marcha incisiva que culmina com a declamação final do tema pela solista. Entretanto, o final *Départ* retorna a um mundo mais confidencial, mais intimista que, após a atualidade da obra *Our Hunting Fathers*, viria a caracterizar alguns dos melhores e mais distintos trabalhos de Britten, incluindo seus dois últimos trabalhos orquestrais dos ciclos de canções, *Serenade* e *Nocturne*.

DIXIT DOMINUS HWV 232

Georg Friderich Haendel

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA**12 julho 20h****13 julho 18h30****Capela Santa Maria Espaço Cultural***Pré-concertos dia 12, 19h15,
e dia 13, 17h45, palestrante
Marco Aurélio Koentopp*

Regência Juan Manuel Quintana (Argentina)

CONCERTO EM JUIZ DE FORA

Dia 16 de julho, a Camerata Antiqua de Curitiba participará do 24º Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora, com o programa Dixit Dominus de Georg Friderich Haendel e Regência de Juan Manuel Quintana (Argentina)

PROGRAMA

Dixit Dominus HWV 232 (Salmo 110)

GEORG FRIEDRICH HAENDEL (1685-1759)

1. Dixit Dominus (coro e solos soprano, contralto e tenor)
2. Virgam Virtutis (ária contralto)
3. Tecum Principium (ária soprano)
4. Juravit Dominus (coro)
5. Tu Es Sacerdos in Aeternum (coro)
6. Dominus a Dextris Tuis (solos sopranos I, II, contralto, tenor, baixo e coro)
7. De Torrente in Via Bibet (dueto sopranos I, II e coro)
8. Gloria Patri (coro)

NOTAS DE PROGRAMA

por Gerard Galloway – maestro e compositor

Composto para as Vésperas da Festa de Nossa Senhora do Carmo, em 1707, esquecido durante dois séculos, o Salmo 110 – Dixit Dominus HWV 232 voltou a receber atenção nos anos 1930. A introdução do primeiro coro Dixit Dominus ostenta um tratamento das cordas revolucionário. Os primeiros e segundos violinos duelam dentro da mesma tessitura com efeito perturbador. O tecido contrapontal do coro, com a mensagem do texto e a destruição dos inimigos, é entrecortado pelos solistas. A orquestra com violas divididas mantém sua independência, por meio de figuras fulgurantes. O segundo movimento, Virgan Virtutis para a voz de contralto e baixo contínuo, cria uma atmosfera de tranquilidade mística. O inimigo ainda está à vista, mas a vitória dessa vez é do espírito. O contraponto do Et non poenitebit, que está inserido no quarto movimento Juravit Dominus, estabelece, já no início da carreira, o estilo inimitável deste mestre de energia e transparência. Segue-se a extraordinária fuga no quinto movimento, Tu es sacerdos in aeternum, na qual a “eternidade” do texto é caracterizada por uma lenta e convicta melodia, surgindo irresistivelmente contra uma cascata de figuras pirotécnicas. O texto seguinte do sexto movimento prega a fúria do Senhor, destruindo a glória dos reis da terra. Haendel desenha a ira de Deus por uma sucessão de segundas diminutas, que se estende pelo movimento inteiro, sem resolução. Ele projeta com som imagens visuais. O coro seguinte projeta as sombras das ruínas caindo pelo espaço. Para dramatizar as “cabeças fragmentadas dos inimigos”, Haendel utiliza até a caricatura musical, fazendo soar os próprios golpes das armas. No dueto De torrente in Via bibet e coro, Haendel, cativado por uma imagem paisagística – um riacho murmurando ao lado do caminho – chega a uma inspiração comovente. A conclusão da obra é um festival de contraponto e vitalidade melódica e até irreverência, pois o “Amém” culminativo soa como uma verdadeira risada olimpiana.

ENTRE CÉU E TERRA**CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA****CORO DA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ****9 agosto 20h****Capela Santa Maria Espaço Cultural****10 agosto 18h30**Regência e comentários **Mara Campos (São Paulo)**Regência do coro da UTFPR **Priscilla Prueter (Paraná)****PROGRAMA****ENTRE CÉU E TERRA****JORGE DREXLER (1964)**

Al Outro Lado del Rio (2004)

*Arranjo: Mara Campos (1960)***BENJAMIN BRITTEN (1913-1976)**

Festival Te Deum Op. 32 (1944)

para soprano solo, coro e órgão

ERIC WHITACRE (1970)Leonardo Dreams of His Flying Machine (2001)
para duas sopranos solistas e coro*Texto: Charles Anthony Silvestri (1965)***BENJAMIN BRITTEN (1913 - 1976)**

A Hymn to the Virgin (1930) para dois coros

*Texto: anônimo século XIII-XIV***GILES SWAYNE (1946)**

Missa Tiburtina (1985)

Kyrie

Sanctus

Benedictus

Dona Nobis Pacem

BENJAMIN BRITTEN (1913 -1976)

Advance Democracy (1938)

*Texto: Randall Swingler (1909-1967)***ERIC WHITACRE (1970)**

Cloudburst (1992) para coro, piano e percussão

*Texto: Octavio Paz (1914-1998)***BENJAMIN BRITTEN (1913-1976)**Rejoice in the Lamb Op. 30 (1943) para quarteto
solista, coro e órgão*Texto: Christopher Smart (1722-1771)***JORGE DREXLER(1964)**

Al Outro Lado Del Rio (2004)

Arranjo (2): Mara Campos (1960)

NOTAS DE PROGRAMA

Entre Céu e Terra

Desde sempre o Homem ou a Criatura ansiou por se aproximar de seu criador na provável tentativa de conhecer a si mesmo.

Fosse através da contemplação da natureza, da observação dos astros, das experiências místicas e da busca pelo conhecimento, o ser humano, movido pela fé, razão ou apenas ciente de sua condição terrena, seguiu empenhado em transpor limites, ainda que transitórios, para alcançar a “outra margem”.

Recorreu a oráculos, celebrações, preces, códex de condutas, ritos para afirmar e nutrir essa relação entre Céu e Terra...

Investigou em busca de respostas para encontrar ainda mais perguntas, apaziguar seus conflitos e talvez legitimar suas escolhas para a construção de um caminho, um acesso entre Terra e Céu...

A escolha das obras para a realização desse concerto foi inspirada no paradigma entre ciência e religiosidade, alimentado cultural e historicamente por várias sociedades ao longo do tempo.

Da sabedoria milenar do I Ching ao imaginário de Shakespeare em seu Hamlet (“Há mais mistérios entre...”), a Criatura ou Homem vem procurando maneiras para entender e lidar com sua própria imaterialidade, habilitando-se para encontrar seu Criador.

Jornadas desse porte, partilhadas, precisam de boa vontade, tolerância, compaixão, generosidade.

Nossa porção divina em prol da descoberta por soluções e ações em benefício do bem comum. A expressividade das obras dos compositores ingleses Benjamin Britten e Giles Swayne e do compositor norte-americano Eric Whitacre, aliada à alta qualidade dos textos contrastantes de Christopher Smart, Octavio Paz e Jorge

Drexler, empresta fôlego e voz a este programa como um apelo à sanidade, entendimento e responsabilidade em nossa atuação cotidiana frente ao mundo em que vivemos.

Notas de programa por Mara Campos, São Paulo 19 de fevereiro de 2013.

SÉRIE RITORNELLO**ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA****16 agosto 20h** Paróquia Nossa Senhora Aparecida**17 agosto 18h30** Capela Santa Maria Espaço Cultural*Pré-concerto dia 17,
17h45, palestrante
Marco Aurélio Koentopp**(Ensaio aberto: 15 de agosto, 10h, na Capela Santa Maria Espaço Cultural)*

Direção musical e violino solo Luis Gustavo Surgik (Alemanha/Brasil)

SÉRIE RITORNELLO

Série dedicada a músicos que fizeram parte da história musical de Curitiba e que atualmente têm carreiras consolidadas fora do Brasil, pertencentes aos quadros de grandes instituições musicais em outros países

PROGRAMA**JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)**

Concerto em Mi maior para violino BWV 1042

Allegro

Adagio

Allegretto Assai

ANTONIO VIVALDI (1678-1741)Concerto para dois violinos em Si Bemol maior
Opus 4 nº 1 – La Stravaganza

1. Allegro

2. Largo e Cantabile

3. Allegro

ALFRED GARRIEVITCH SCHNITKE (1934-1998)Concerto Grosso nº 1, para dois violinos, cravo,
piano preparado e cordas (1976-77)

1. Prelúdio: Andante

2. Toccata: Allegro

3. Recitativo: Lento

4. Cadenza

5. Rondó: Agitato

6. Postludio: Andante. Allegro. Andante

NOTAS DE PROGRAMA

JOHANN SEBASTIAN BACH

Concerto em Mi maior para violino BWV 1042

Não se contando os Seis Concertos de Brandemburgo, os dois Concertos para violino (em Lá menor BWV 1041 e em Mi maior BWV 1042) e o Concerto para dois violinos (em Ré menor BWV 1043) são os únicos de Bach que nos chegaram em sua forma original. Todos os outros ou são transcrições de obras cujos originais muitas vezes se perderam ou são tentativas de reconstrução desses originais. Inúmeros outros foram indubitavelmente perdidos para sempre. Os três concertos BWV 1041 a 1043 foram escritos em Coethen por volta de 1720, e provavelmente destinados ao primeiro violino da orquestra, Joseph Spiess, recrutado em Berlim, em 1714. Podemos supor que se juntou a ele, na peça para dois violinos, seu colega Martin Friederich Marcus, igualmente de Berlim. Todas as três obras adotam a estrutura de três movimentos (vivo-lento-vivo) levada à perfeição por Vivaldi, e, como as do mestre italiano, opõem claramente, nos movimentos vivos, nas passagens orquestrais ou nos ritornellos, os episódios para solistas.

No Concerto em Mi maior, Bach demonstra em seu Allegro inicial uma escrita e uma arquitetura muito mais sutis e concisas. Os dois primeiros compassos do ritornello do início fazem ouvir dois elementos temáticos: três semínimas com destaque, separadamente, de um lado, e do outro lado, uma resposta em valores mais breves. Na entrada do solista esses dois elementos se superpõem: as três semínimas no violino solo, a “resposta” pela orquestra. Sobre isso o violino solo continua com uma ideia completamente nova. O efeito surpresa é grande e poderíamos até chamar essa conduta de mozartiana, antecipada. No plano arquitetural, a orquestra e o solista se misturam muito mais. Quanto à estrutura global, é a da ária da capo. Os 52 primeiros compassos do movimento dividem-se em três partes principais evoluindo de Mi maior para

Mi menor, passando por Si maior. No centro, 71 compassos fazem constantemente apelo às tonalidades menores. A importância estrutural e expressiva desse amplo episódio central, é de tal ordem que o da capo, pelo menos no seu início, dá-nos mais a impressão de uma reexposição na forma da sonata clássica. No segundo movimento, um Adágio, a orquestra só intervém no início e no fim. Para o resto, ela sustenta com suas figurações obstinadas a admirável cantilena do solista. O final Allegretto Assai é perfeitamente simétrico. Cinco ritornellos idênticos em Mi maior, e que evocam irresistivelmente a dança, enquadram quatro episódios para solistas evoluindo respectivamente de Mi maior para Si maior, de Dó sustenido menor para Dó sustenido maior, de Mi maior para Lá maior, e de Mi maior para Sol sustenido menor. Mas além das modulações, é a luminosidade própria de Mi maior a tonalidade principal da obra, a que domina.

ALFRED GARRIEVITCH SCHNITTKE

Concerto Grosso nº 1, para 2 violinos, cravo, piano preparado e cordas (1976-77)

Se Alfred Schnittke é um “garoto-propaganda” do pós-modernismo musical, seu Concerto Grosso nº 1 (1977) é seu trabalho de maior amplitude; sua obra-prima. Um dos poucos trabalhos orquestrais escritos depois de 1945 a pertencer ao repertório de conjuntos em todo o mundo. A fusão inquieta de antigo e novo, graves e agudos, sério e cômico capta o que é mais “schnittkeano” sobre Schnittke. Este desvelar é também a estratégia composicional central de Schnittke, algo que ele chama de “poliestilismo”. O Concerto Grosso nº 1 começa com o piano preparado apenas soando notavelmente como um monte de painéis e frigideiras caindo ao longo de uma infantil “canção sentimental”. Somente após esse agourento “prelúdio”, é que os outros instrumentos começam. O segundo movimento (toccata) começa como uma mordaz paródia de Vivaldi, mas rapidamente transforma-se em uma parede de ferozes dissonâncias, inicia

com uma corrida infeliz através da história da música: caixa de música mozartiana, período heróico de Beethoven, uma paródia exagerada das primeiras ideias da escala de doze tons de Webern: um a um se afogando em uma corrente cacófona, uma desarmonia à espreita de todos os outros estilos. O movimento termina com os solistas se batendo mecanicamente em meio a esfaqueantes acordes orquestrais.

Schnittke continua a sequência de concerto barroco com o recitativo lento. Solistas e orquestra mantêm firmemente um jogo de pergunta e resposta, mas suas linhas são deslocadas por dissonâncias cromáticas e uma lamentação perturbadora. O recitativo eventualmente recai em um lento glissando, modelado em forma de um grito; e, ainda, por meio dessa fúria estática, é possível perceber a brincadeira, como os solistas tentam impedir dicas do famoso Concerto para Violino de Tchaikovsky.

Uma cadência inflexível e confusa para os solistas culmina em um rondó, no qual, em certo ponto, Vivaldi retorna; assim como faz a “Avó Schnittke”, apreciando seu tango favorito no cravo. O tango salta dentro da luta, junto com todo o resto, e o rondó, modelo da forma musical “uma-coisa-após-a outra”, agora se torna um jogo de “todas-as-coisas-ao-mesmo-tempo”. O tom é catastrófico, mas extremamente sério. E, rapidamente, o piano preparado arrasa com seu retorno à canção sentimental. O remanescente poslúdio fornece uma anticonclusão adequada, apesar dos flutuantes fragmentos de temas e estilos. O concerto inteiro agora está descansando sobre uma tela luminosa de harmônicos. Schnittke aqui aperfeiçoa sua própria conclusão arquetípica, permeando seus trabalhos da década seguinte: um tom condenado e supremamente aberto para ao futuro. Ao mesmo tempo epitáfio e fênix, a obra abraça o paradoxo da música de Schnittke e o magnetismo desta magnífica obra.

ANTONIO VIVALDI

Concerto para dois violinos em Si Bemol maior Opus 4 La Stravaganza

O conjunto de concertos La Stravaganza foi escrito por Antonio Vivaldi em 1712-1713. Foi publicado pela primeira vez em 1714 e foi dedicado a um nobre veneziano, Signor Vettor Delfino. Todos os 12 concertos foram marcados para violino solo, cordas e baixo contínuo, apesar de alguns dos movimentos exigirem solistas extras (como um solo de segundo violino e/ou um solo de violoncelo), como é o caso do presente concerto.

II BIENAL MÚSICA HOJE**CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA****23 agosto 20h****Capela Santa Maria Espaço Cultural****24 agosto 18h30***Pré-concertos dia 23 de agosto, 19h15, e 24 de agosto, 17h45, palestrante Marcio Steuernagel*

Regência João Guilherme Ripper (Rio de Janeiro)

PROGRAMA**MARCOS BALTER (1974)**

Estreia a anunciar (2013, 15')

MAURÍCIO DOTTORI (1960)

Noturno de Neon (1982, c.10')

MARCIO STEUERNAGEL (1982)

Resurrexi, ad Vigiliam et Missam Paschalem (2008, rev. 2013), estreia

*Intervalo***JOÃO GUILHERME RIPPER (1959)**

From My Window nº 2 (2011, 22')

I – Contrasting Surfaces: Mountains and Sea

II – Birds and Angels

III – Tambourines

MAGNIFICAT (8')

Obra escrita para o 30º aniversário da Camerata Antiqua de Curitiba (2004)

NOTAS DE PROGRAMA

MARCOS BALTER

estreia a anunciar (2013)

Por ocasião da II Bienal Música Hoje – que passa a ser, a partir dessa edição, co-realizada pela Fundação Cultural de Curitiba/ICAC, Centro Cultural Teatro Guaíra, Universidade Federal do Paraná e Ensemble entre Compositores – a Camerata Antiqua de Curitiba realizou uma encomenda de obra inédita ao compositor Marcos Balter, professor da oficina de composição instrumental no evento, obra que tem neste concerto sua estreia mundial. A Camerata reafirma, assim, sua tradição de executar e promover a composição de música nova, sendo um dos poucos corpos musicais de renome que, no Brasil, realizam a encomenda de obras inéditas. Ganha a música, que continua a se renovar através da história, e ganha o público de Curitiba, que se torna parte ativa do momento preciso e precioso da criação artística.

MAURÍCIO DOTTORI

Noturno de Neon (1982)

Escrita na juventude do compositor, “Noturno de Neon” faz uma alusão poética aos antigos letrados de neon sobre a enseada de Botafogo no Rio de Janeiro da década de 1960, que flutuavam sobre a escuridão da noite, suspensos, sem tocá-la. Retomada anos mais tarde, a obra recebeu o Prêmio Cláudio Santoro, promovido pela Orquestra do Teatro Nacional de Brasília e pela Universidade de Brasília, em 2003, e tem sua estreia em Curitiba na II Bienal Música Hoje.

MÁRCIO STEUERNAGEL

Resurrexi, ad Vigiliam et Missam Paschalem (2008/2013)

Parte integrante do ciclo de composições litúrgicas Ad Vigiliam et Missam Paschalem, sobre o Ordinário das liturgias de Sábado de Aleluia e Domingo de Páscoa, “Resurrexi, ad Vigiliam et Missam Paschalem” é composto sobre o texto do Introito da manhã de Páscoa, este baseado nas palavras do Salmo 139. Como um prelúdio de

precissão, seu lento e longo desenrolar recorda as elaboradas entradas que caracterizam o início da liturgia no dia santo. A peça parte do caráter místico da ressurreição de Cristo para se valer da utilização tradicional do oxymoron para trechos humanamente incompreensíveis, iniciando em uma sonoridade escura e em tempo lento; e levando, muito lentamente, a comunidade das trevas da morte para a luz da ressurreição.

Originalmente para coro e grupo de câmara, a peça foi revisada e recomposta para cordas, a fim de ter sua estreia pela Camerata Antiqua de Curitiba na II Bienal Música Hoje.

JOÃO GUILHERME RIPPER

From My Window nº 2 e Magnificat

“From My Window nº 2” foi escrita durante o período em que o autor atuou como compositor residente na Kean University, New Jersey (2011-2012). A obra foi concebida a partir da ideia de recriar, sonora e poeticamente, imagens e impressões do Rio de Janeiro. A composição emprega a repetição de estruturas, o contraponto e a variação como técnicas principais na construção dos três painéis sonoros, conforme sugerido por seus respectivos títulos.

MAGNIFICAT (2004)

“Magnificat” foi escrita em 2004 para os 30 anos da Camerata Antiqua de Curitiba. A obra utiliza o texto latino e é orquestrada para coro, dois trompetes, cravo, tímpano e orquestra de cordas, ressaltando a sonoridade característica do grupo. Os solistas são integrantes do próprio coro que cantam determinadas passagens do texto, respondidos pelos demais cantores em tutti. Os trechos “Domine Deo” e a doxologia “Gloria Patri” cantados em tutti, compasso 7/8, são pontos culminantes que refletem a atmosfera de celebração proposta na composição da obra.

CONTRASTES NA MEMÓRIA

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

13 setembro 20h Congregação Evangélica Luterana São João

14 setembro 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

Regente Stefan Geiger (Alemanha)

*Pré-concerto dia 14, 17h45,
palestrante Marco Aurélio Koentopp*

PROGRAMA

ARVO PÄRT (1935)

Cantus in Memoriam Benjamin Britten

DMITRI SCHOSTAKOVICH (1906 – 1975)

Sinfonia de Câmara Op. 110 A

1. Largo
2. Allegro molto
3. Allegretto
4. Largo

SAMUEL BARBER (1910-1981)

Adágio para cordas Opus 11

NINO ROTA (1911-1979)

Concerto per Archi

Preludio – Allegro ben moderato e cantabile

Scherzo – Allegretto comodo

Aria – Andante quasi adagio – Un poco piu animato - Tempo I

Finale - Allegrissimo

NOTAS DE PROGRAMA

CANTUS IN MEMORIAM BENJAMIN BRITTEN, DE ARVO PÄRT

É um cânone curto em Lá menor, escrito em 1977 pelo compositor estoniano Arvo Pärt para orquestra de cordas e sinos. O trabalho é um dos primeiros exemplos do estilo "tintinnabuli" de Pärt, o que é baseado em suas reações a respeito da música antiga vocal. Seu apelo é muitas vezes atribuído à relativa simplicidade, um único motivo melódico dominante que começa e termina com silêncio. No entanto, como o crítico Ivan Hewett observou, enquanto ele "pode ser simples no conceito... o conceito produz um emaranhado de linhas que é difícil para o ouvido desvendar". O Cantus foi composto como uma elegia para lamentar a morte, em dezembro de 1976, do compositor inglês Benjamin Britten. Pärt admirava Britten, a quem descreveu como possuidor de "pureza incomum", a qual ele mesmo procurava como compositor. Pärt via o inglês como uma alma gêmea, porém teve acesso à música apenas em 1980, após emigrar da Estônia Soviética para a Áustria, quatro anos após a morte de Britten. Quando Britten morreu, Pärt sentiu que tinha perdido a esperança de encontrar o único compositor contemporâneo, cujo estilo musical ele acreditava que se assemelhava a seu próprio. Pärt é conhecido principalmente por sua música religiosa, porém Cantus é um trabalho totalmente secular, em forma de um lamento a um compositor companheiro, não com base em textos bíblicos. Talvez seja a peça mais popular de Pärt. Devido à sensação evocativa e cinematográfica da obra, tem sido amplamente utilizada como trilha sonora de filmes e documentários.

* *Tintinnabuli*

Do latim tintinnabulum, um sino – É um estilo de composição criado por Arvo Pärt. Ele primeiro introduziu esse novo estilo em duas obras: Für Alina (1976) e Spiegel im Spiegel (1978). Esse estilo simples foi influenciado por experiências místicas do compositor com o canto na música

antiga. Musicalmente, a música tintinnabular de Pärt é caracterizada por dois tipos de vozes, a primeira das quais (apelidada de "voz tintinnabular"), e a segunda que se move diatonicamente em movimento gradual. As obras, nas quais usa-se a técnica tintinnabuli muitas vezes têm um ritmo lento e meditativo e uma abordagem minimalista tanto para a notação como para o desempenho.

SINFONIA DE CÂMARA OP. 110 A DE DMITRI SCHOSTAKOVICH

Em 1960 Schostakovich escreveu seu Quarteto de Cordas nº 8, seu coração e sua alma preencheram essa autobiografia musical. Shostakovich conhecia o violista Rudolph Barshai como membro do famoso Quarteto de Cordas Borodin em Moscou. O Quarteto Borodin tocou essa obra na casa do compositor em Moscou, esperando por suas críticas, mas Schostakovich, repleto desta bela execução de seus sentimentos mais pessoais, colocou sua cabeça entre as mãos e chorou. Quando terminaram de tocar, os quatro músicos em silêncio guardaram seus instrumentos e saíram da sala. Quando Barshai fundou a famosa Moscow Chamber Orchestra, enfrentou o problema de encontrar um repertório limitado para orquestras de câmara. Decidido a ajudar a sua própria causa, ganhou a bênção de Schostakovich para arranjar o Quarteto de Cordas nº 8 em uma Sinfonia de Câmara. O Quarteto é o Opus 110; a Sinfonia de Câmara é o Opus 110 A. Desde o início sombrio do tema das quatro notas no primeiro movimento, Schostakovich move-se direto e impetuosamente para o segundo movimento com um tema palpitante de uma canção folclórica judaica. Uma valsa satírica permeia o terceiro movimento como uma obra cigana. O gráfico quarto movimento, o mais longo da obra, começa com o que tem sido descrito como um zumbido de aviões e o forte barulho de tiros. (Schostakovich compôs o quarteto em 1960, em Dresden, uma cidade destruída por bombardeios aéreos na Segunda Guerra Mundial). Entre as repetições na forma de tiros em staccato, apresenta temas de composições

passadas, nenhuma mais significativa do que uma das melodias de violoncelo da ópera *Lady Macbeth de Mtsensk*. Após o estouro final da guerra, a obra em seu movimento final, retorna ao tema da assinatura musical de Schostakovich e termina em um suspiro de resignação.

ADÁGIO PARA CORDAS DE SAMUEL BARBER

Adágio para cordas – Opus 11 é, sem dúvida, a mais popular obra musical do compositor norte-americano Samuel Barber. O Adágio foi composto em 1938, na Europa, sendo executado pela primeira vez em Roma, na Itália. A versão mais conhecida e divulgada corresponde à transcrição do segundo movimento do original para orquestra, interpretado primeiramente pela Orquestra da NBC, com o maestro Arturo Toscanini, em 5 de novembro de 1938. A esse tema comumente está associado o princípio de que na base da grandiosidade de muitas obras estão ideias e conceitos extremamente simples. Criado numa época em que a música erudita já caminhava por novos caminhos, alguns experimentalistas, como o dodecafonismo de Schoenberg, as dissonâncias e o atonalismo, o Adágio de Barber, então ainda um jovem compositor, apesar de o ser a partir dos sete anos, seguiu uma linha marcadamente barroca ou um barroco romântico, que resultou num tema de uma profunda intensidade dramática. Barber seguiu sempre um caminho próprio, dando primazia à construção da melodia, passando ao lado das novas correntes e escolas, o que lhe valeu algumas críticas, mas também agregando defensores do seu estilo. A composição tornou-se conhecida por meio da mídia pela sua integração no filme “*Platoon*”, em 1986, de Oliver Stone, sobre a temática da guerra do Vietnã. Mas antes também já fizera parte da trilha sonora de outros filmes marcantes, como “*O Homem Elefante*”, de David Lynch e em “*Lorenzo’s Oil*”, de George Miller e mais recentemente em “*Fabuloso Destino de Amélie Poulain*”, de Jean-Pierre Jeunet, de 2001. É presença habitual em qualquer compilação discográfica de Adágios clássicos.

O Adágio de Samuel Barber, que foi Prêmio Pulitzer em 1957, devido à ópera “*Vanessa*”, nos Estados Unidos é considerado quase como uma marcha fúnebre nacional e já foi tocado nas cerimônias fúnebres dos presidentes Roosevelt e Kennedy. No entanto, o seu latente dramatismo transpõe de forma feliz a porta da esperança, como que num anúncio da luz para além da escuridão, o que torna o tema simultaneamente um hino de força e tranquilidade.

CONCERTO PER ARCHI DE NINO ROTA

A composição de Nino Rota *Concerto per Archi* (*Concerto para cordas*) foi escrita em 1964 e está diretamente ligada ao famoso conjunto italiano, *I Musici*. Rota escreveu para eles. Rota, que conhecia bem a tradição do vanguardismo do século 20, optou por utilizar uma linguagem do século 19. O *Concerto* em quatro movimentos respeita a estrutura formal tradicional, mas em seguida introduz elementos diversos. Nota-se a elaboração contrapontística inspirada na tradição antiga, incluindo Bach. Reconhecemos a longa colaboração que Rota teve com Fellini, especialmente a respeito do *scherzo*. Poderíamos dizer que o concerto inteiro é uma espécie de dança que vai além da valsa, fazendo outras alusões. Toda a composição é uma instalação original em que as ideias musicais seguem umas às outras e nos condicionam a pensar na música como se ela fosse escrita como um comentário a pinturas e cenas.

CANTARES DA AMÉRICA LATINA

Música Latino-americana para coro

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

27	setembro	20h	Capela Santa Maria Espaço Cultural
28	setembro	18h30	

Regência e comentários Maria Antonia Jimenez (Cuba/Brasil)

PROGRAMA**ASTOR PIAZZOLA (1921 – 1992, ARGENTINA)***Arranjo de Néstor Zadoff*

La Muerte del Ángel

MIGUEL MATAMOROS (1894 – 1971, CUBA)*Arranjo de Electo Silva*

Juramento

OSVALDO LACERDA (1927 – 2011, BRASIL)*Texto de Carlos Drummond de Andrade*

Quadrilha

CARLOS GUASTAVINO (1912 – 2000, ARGENTINA)

Arroz con Leche

LEO BROUWER (1939, CUBA)

Son Mercedes

RONALDO MIRANDA (1948, BRASIL)*Texto Walter Mariani*

Cantares

ARIEL RAMIRES (1921 – 2010, ARGENTINA)**E FELIX LUNA (1925 – 2009, ARGENTINA)***Arranjo de Hugo de la Vega*

Alfonsina y el Mar

ROBERTO VALERA (1938, CUBA)*Texto Roberto Valera**Arranjo de Conrado Monier – (Cuba)*

Tiempo para un Tiempo

PIXINGUINHA (1897– 1973, BRASIL)**E JOÃO DE BARRO (1907 – 2006, BRASIL)**

Carinhoso

CARLOS GUASTAVINO (1912 – 2000, ARGENTINA)*Texto de Rafael Alberto*

Se Equivocó la Paloma

ROBERTO VALERA (1938, CUBA)*Texto de Federico Garcia Lorca*

Iré a Santiago

SILVIO RODRÍGUEZ (1946, CUBA)*Arranjo de Fernando Moruja*

El Mareao

CARLOS GUASTAVINO (1912 – 2000, ARGENTINA)*Texto de Francisco Silva*

Pueblito mi Pueblo

ALEJANDRO GARCIA CATURLA (1940, CUBA)

Canto de los Cafetales

BADEN POWELL (1937 – 2000, BRASIL)**E VINICIUS DE MORAES (1913 – 1980, BRASIL)***Arranjo de Arlindi Teixeira*

Berimbau

BEATRIZ CORONA (1962, CUBA) /**SILVIO RODRÍGUEZ (1946, CUBA)**

Entre el Espanto y la Ternura

ARR. PABLO HURTADO (VENEZUELA)**BVSINDO GARAY (1867 – 1968, CUBA)***Arranjo de J.M. Vitier*

Retorna

GUIDO LÓPEZ- GAVILÁN (1944, CUBA)

Guayaboso

NOTAS DE PROGRAMA

por *Maria Antonia Gimenez e Janete Andrade*

O programa que escutaremos inclui partituras, tanto originais, quanto arranjos com um perfil popular e folclórico de nossa região, escritas no século XX. Interpretaremos músicas que descrevem a riqueza e a beleza rítmica e melódica do nosso continente, uma mistura de ritmos, cores e cantares que evidenciam a diversidade e força musical da América Latina.

Escolhemos músicas da Argentina, Brasil, Venezuela e Cuba.

LA MUERTE DEL ÁNGEL DE ASTOR PIAZZOLA (1921 – 1992, ARGENTINA)

Da década de 1960 vem “La Muerte del Ángel” (de uma série de peças “angelicais” de Piazzola), uma das peças distintas com que Piazzola abalou o mundo conservador do tango. “Nuevo tango tango + tragédia + comédia + bordel” foi uma equação que Piazzola usou para definir sua nova direção, acrescentando maior sofisticação harmônica – linhas cromáticas sobre cadeias de sequências dominantes, como nas formas do ground barroco – com um swing de jazz indescritível. Foi dedicado ao seu pai.

JURAMENTO DE MIGUEL METAMOROS

“Juramento” é uma canção em forma de bolero cuja letra e música são de Miguel Metamoros.

Foram muitos os protótipos populares que fizeram parte dos textos das canções deste compositor cubano, somente comparável aos grandes das trovas tradicionais. Notamos nas letras de suas canções características que o caracterizam: o humor crioulo, alcançando uma surpreendente e bem-humorada narração de eventos diários que destacam a idiossincrasia cubana, e a gíria popular da época colonial, para além de textos patrióticos e poesia romântica como a canção “Juramento”.

QUADRILHA DE OSVALDO LACERDA COM POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

O poema “Quadrilha” faz parte do primeiro volume lírico de Drummond intitulado “Alguna

Poesia” de 1930. A poesia brasileira modernista, representada por poetas como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo e outros, pode ser considerada uma das forças inspiradoras para os compositores brasileiros do século XX. Carlos Drummond de Andrade assim como Cecília Meireles foram os poetas mais musicados pelos compositores nacionalistas, segundo estudos de Vasco Mariz. Baseando-se no fato do compositor Osvaldo Lacerda se interessar intensamente pela poesia de Drummond no período de 1967 a 1971 e dada a importância desse compositor no ambiente composicional nacionalista brasileiro, vemos a criatividade do músico frente ao poema quando este traz para o presente o espírito de uma musicalidade subentendida.

Retirado do texto QUADRILHA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO POESIA E MÚSICA de Andréia Anhezini da Silva (PG-USP) Quadrilha: uma análise da relação poesia e música. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 138-149.

ARROZ CON LECHE DE CARLOS GUASTAVINO

A maior parte de sua obra é para ser cantada. Guastavino amava a voz e amava cantar. “Arroz con Leche” foi escrita em 14 de julho de 1964 e é baseada em uma melodia que aprendeu de sua mãe.

SON MERCEDES DE LEO BROUWER

Canção para coro misto composta por Leo Brouwer em 1961.

CANTARES DE RONALDO MIRANDA

Foi composta em 1969 como uma simples canção sobre o texto de Walter Mariani. Na década de 1980 a peça foi adaptada para voz, flauta doce, cravo e viola da gamba, seguindo-se outra adaptação para voz e piano. Em 1987, Miranda fez a versão para coro misto, que foi dedicada para a grande regente brasileira Elza Lakschewitz e ao Coral Canto em Canto.

ALFONSINA Y EL MAR DE ARIEL RAMIRES E FELIX LUNA

A canção “Alfonsina y el Mar” é baseada na história de Alfonsina Storni. Poetisa, filha de pais argentinos, nascida na Suíça, imigrou com seus pais para a província de San Juan na Argentina em 1896. Em 1901, muda-se para Rosario, onde tem uma vida com muitas dificuldades financeiras. Trabalhou para o sustento da família como costureira, operária, atriz e professora. Descobriu-se portadora de câncer de mama em 1935. O suicídio de um amigo, o também escritor Horacio Quiroga, em 1937, abala-a profundamente. Alfonsina suicidou-se em 1938. Consta que suicidou-se andando para dentro do mar – o que foi poeticamente registrado na canção “Alfonsina y el Mar”, gravada por Mercedes Sosa. Seu corpo foi resgatado do oceano no dia 25 de outubro de 1938. Alfonsina tinha 46 anos.

TIEMPO PARA UN TIEMPO DE ROBERTO VALERA

“Tiempo para un Tiempo”,
texto: Roberto Valera, 1980.

CARINHOSO DE PIXINGUINHA E JOÃO DE BARRO

É uma das obras mais importantes da música popular brasileira, foi composta entre 1916 e 1917 por Pixinguinha e posteriormente recebeu letra de João de Barro, sendo gravada com grande sucesso por Orlando Silva.

SE EQUIVOCÓ LA PALOMA DE CARLOS GUASTAVINO

Composição de 1941 sobre texto do poeta espanhol Rafael Alberti. A peça, posteriormente, integrou a Suíte Argentina, música para o Ballet Español de Isabel Lopez e versão para orquestra de cordas, coro feminino e tímpanos, essa versão coral é do próprio compositor.

IRÉ A SANTIAGO DE ROBERTO VALERA

É uma obra-prima do canto coral. Foi composta com base nos versos do poeta andaluz Federico Garcia Lorca.

Sobre a construção do poema:

“Os Olhos do andaluz Federico Garcia Lorca se inundaram de luz no Vale de Yumuri, na província cubana de Matanzas, onde alguém falou apaixonadamente sobre a paisagem de Santiago de Cuba, um pouco mais a leste. Ao voltar para o hotel, seu gênio foi capaz de visitar a cidade com a imaginação – estímulo em vez de obstáculo – escreeu os versos mais universais de sua obra, ‘Iré a Santiago’.

Impregnados de ardor, urgência de criação e símbolos, o poema parte de um estrangeiro que não conhece a cidade, o que aumenta infinitamente o seu valor.

O ‘coche de agua negra’ que tem despertado muita curiosidade, não é mais que uma locomotiva alimentada por carvão, imagem graciosa, capaz de enobrecer a viagem desconfortável de quase mil quilômetros, feita em 1930. Uma vez em terra oriental cubana, pronunciou uma conferência na Escola Normal para professores, onde explicou os versos de ‘Iré a Santiago’. Lorca dedicou os versos ao estudioso cubano Don Fernando Ortiz. O poema coral foi dedicado ao coro de Santiago de Cuba, Orfeón Santiago, dirigido por Electo Silva. As palavras de Roberto Valera sobre o poema: “O poema tem um poder enorme e certamente me deu força. Lorca não era músico, mas foi capaz de prever a música, a poesia tem uma natureza antifonal, com um lugar para coros. Um coral é um grupo de pessoas felizes, e eu creio nisso...”

PUEBLITO MI PUEBLO DE CARLOS GUASTAVINO

Excelente pianista, Guastavino foi um compositor prolífico, publicou mais de 200 trabalhos em que predomina uma melodia espontânea e clara com um refinado senso de harmonia. Embora a maior parte de suas obras não são consideradas “folclóricas”, suas composições sugerem um leve aroma do folclore argentino. Sua música faz parte desse “folclore imaginário”, do qual falava Bela Bartók. Guastavino manteve uma forte continuidade com a tradição romântica de 1800. Como na vida cotidiana, compunha e tinha um respeito supremo para com o texto, sempre zelou pela prosódia musical. Em suas composições conseguiu uma simbiose entre a

música de profundas raízes culturais argentinas e a música erudita igual a de Bartók, na qual estava presente o “folclore imaginário”. “Pueblito, mi Pueblo”, com letra de Francisco Silva é uma das primeiras aproximações de Guastavino em direção ao universo popular. Ao contrário de Bartók, Guastavino não era um pesquisador do folclore, mas simplesmente um receptor

A ampla maioria de sua obra é para ser cantada. Guastavino amava a voz e amava cantar.

CANTO DE LOS CAFETALES DE ALEJANDRO GARCIA CATURLA

“Canto de los Cafetales”, composto em 1937, é uma obra que mostra profundas raízes africanas da cultura cubana. A obra foi composta em Palma Soriano para concorrer a um concurso, no qual ganhou o primeiro prêmio.

BERIMBAU DE BADEN POWELL E VINICIUS DE MORAES

Vinícius apresentou a Baden Powell o LP “Sambas de Roda e Candomblés da Bahia”, que ganhara do maestro baiano Carlos Coqueijo. Vinícius se interessava pelo lado místico, pelas possibilidades poéticas dessas manifestações. Baden se interessava pelas possibilidades harmônicas abertas por esses cantos. Trancaram-se na casa de Vinícius por quase três meses e saíram de lá com cerca de 25 canções. A certo ponto, compuseram uma a partir das audições do LP baiano. Chamou-se “Berimbau” e abriu a porta para uma série de outras, que Vinícius batizou de afrossambas. Baden Powell estudou os cantos gregorianos com o maestro Moacir Santos. Ao ouvir os cantos africanos, encontrou paralelos entre eles no uso de escalas modais que permitiriam experiências composicionais. “Berimbau” tem apenas dois acordes em sua primeira parte, ré menor, acorde da tonalidade, e dó maior. Os dois acordes de “Berimbau” lembram particularmente os dois acordes de “So Wha”t, primeira faixa do álbum “Kind of Blue”, de Miles Davis, um divisor de águas no jazz, exatamente pelo mergulho nessas tradições não ocidentais.

ENTRE EL ESPANTO Y LA TERNURA DE BEATRIZ CORONA E SILVIO RODRÍGUEZ

A letra é de Silvio Rodríguez de 1986 e a música de Beatriz Corona. Beatriz tem musicado a obra poética de José Martí, Nicolás Guillén, Mario Benedetti, Pablo Neruda, Adolfo Martí, César Vallejo, Dora Alonso e Dulce María Loynaz, entre outras. A obra “Entre el Espanto y la Ternura” faz parte do CD “Oh, Melancolía”, de Silvio Rodríguez, que foi gravado em 1988, entre Londres e Havana. O poema do trovador é apresentado com música e arranjo coral de Beatriz Corona.

EL EXPLICAO COM ARRANJO DE PABLO HURTADO E RETORNA DE SINDO GARAY

Sem referência de notas de programa.

GUAYABOSO DE GUIDO LÓPEZ-GAVILÁN

“Guayaboso” foi escrito em 1987. É uma composição do maestro cubano Guido López Gavilán. Poderíamos dizer que é uma guaguancó (rumba cubana, gênero que envolve, música, dança e percussão), mas, além disso, é uma espécie de quebra-cabeça de ritmos afro-cubano, de complexidade vertiginosa, em que as vozes assumem o papel de percussão ao longo da obra.

**Notas retiradas da tese de mestrado de
Vinícius Inácio Carneiro.*

VIOLONCELO CONCERTANTE**ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA**

4	outubro	20h	Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias – Central da Estaca São Lourenço
5	outubro	18h30	Capela Santa Maria Espaço Cultural

Direção musical José Maurício Aguiar (Estados Unidos/Paraná)

Violoncelo solo Alberto Kanji (São Paulo)

*Pré-concerto dia 5 de
outubro, 17h45, palestrante
Marco Aurélio Koentopp*

PROGRAMA**CARL PHILIPP EMANUEL BACH (1714 – 1788)**

Sinfonia para cordas em Si menor Wq 182/5 (1773)

1. Allegretto
2. Larghetto
3. Presto

CARL PHILIPP EMANUEL BACH (1714 – 1788)

Concerto para violoncelo em Lá menor Wq. 170

- I Allegro assai
- II Andante
- III Allegro assai

Intervalo**JOSEPH HAYDN (1732 – 1809)**

Concerto para violoncelo em Dó maior Hob. VIIb. 1

- Moderato
- Adágio
- Finale allegro molto

NOTAS DE PROGRAMA

CARL PHILIPP EMANUEL BACH

Sinfonia para cordas em Si menor Wq 182/5 (1773)

O número de sinfonias no catálogo de Carl Philipp Emanuel Bach é relativamente diminuto: 18 sinfonias num conjunto de quase um milhar de obras. Oito foram escritas em Berlim, entre 1741 e 1762. Outra foi composta em colaboração com o príncipe Ferdinando Felipe Lobkowitz. Todas têm uma duração de 10 a 12 minutos, em três movimentos frequentemente encadeados uns aos outros; seis das oito primeiras sinfonias existem em pelo menos duas instrumentações diferentes. Apenas cinco foram publicadas enquanto o compositor ainda era vivo. Os primeiros movimentos são geralmente audaciosos e impulsivos; os segundos elegíacos ou meditativos; os terceiros diretos e alegres. Nessas obras não mais encontramos o desenvolvimento continuado do barroco, mas as simetrias das frases clássicas são evitadas conscientemente. As Seis Sinfonias para cordas e contínuo W. 182/1-6 ou H. 657-662 de 1773 foram encomendadas pelo Barão Gottfried von Swieten – embaixador austríaco na corte da Prússia entre 1770 e 1777, mais tarde patrono de Haydn, Mozart e Beethoven. Nelas se pode ouvir, mais do que nos concertos, a influência do estilo italiano com a predominância da melodia nas linhas superiores e a abundância dos uníssonos, embora já na época autores como J. F. Reichardt notassem a “grande variedade e novidade em termos de forma e modulação”. A Sinfonia em Si menor começa discretamente numa atmosfera elegíaca – Allegretto – e mantém-se nesse tom longamente. O Larghetto começa em sol maior e o final impetuoso, Presto, é percorrido por acordes violentos, que vêm entrecortar o discurso.

CARL PHILIPP EMANUEL BACH

Concerto para violoncelo em Lá menor Wq. 170

Os três concertos de violoncelo pertencem ao período de 1738 e 1768, quando atuou como cravista na corte de Frederico, o Grande, Rei da Prússia (1772–1786), da Dinastia Hohenzollern. Cada concerto existe em versões alternativas para flauta solo e cravo solo com cordas. Qual versão

veio primeiro é incerto. Frederico aparentemente não gostava do violoncelo, como também, raramente ou nunca, apreciava Carl Philipp como compositor, o ponto, talvez, de menor importância. No entanto, é improvável que as versões para violoncelo tenham vindo primeiro. Todavia é esse instrumento que muitas vezes parece trazer para fora as qualidades expressivas e mais eloquentes da música. Este é, acima de tudo, o caso nos movimentos lentos, em que o violoncelo capta a intensidade de expressão escura e sombria, nos quais Carl Philipp se destacou.

JOSEPH HAYDN

Concerto para violoncelo em Dó maior Hob. VIIb. 1

Três concertos para violoncelo circulam atualmente com o nome de Haydn; mas um deles, uma obra em Ré maior (Hob.VIIb.4), gravado algumas vezes, é apócrifo (não autêntico).

Considerado perdido por muito tempo, o Concerto para violoncelo em Dó maior Hob. VIIb.1 foi redescoberto em 1961 no Fundo Radenin no Museu Nacional de Praga. Ele se impôs imediatamente no repertório, por causa de suas qualidades e do pequeno número de grandes concertos de violoncelo, – particularmente na época clássica. A existência, no Fundo Radenin, de um outro concerto para violoncelo copiado do mesmo punho que esse e composto por Joseph Weigl, violoncelista na corte de Eszterhazy de 1761 até 1769, faz crer que este artista foi o primeiro intérprete do Concerto em Dó de Haydn e a quem a obra foi dedicada. A obra, nessa hipótese, não poderia ser posterior a 1769. Ela foi provavelmente composta entre 1765 e 1769. O moderato inicial, bastante amplo, possui o mesmo caráter e é construído segundo os mesmos princípios que o movimento correspondente do Concerto para violino em Dó. Mas o Adágio em Fá maior, muito cantante, já é mais clássico de espírito. Quanto ao finale allegro molto (página extraordinária), trata-se de um verdadeiro fogo de artifício de um impulso e de um ardor que lhe concedem quase um aspecto de movimento perpétuo – de tal forma que ele é isento de toda e qualquer uniformidade melódica e rítmica. O discurso se projeta para frente a tal ponto que os ritmos orquestrais, após aquele do início, são todos fortemente condensados.

NICCOLÒ JOMMELLI**CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA****25 outubro 20h****26 outubro 18h30****Capela Santa Maria Espaço Cultural**

Regência Peter van Heyghen (Bélgica)

*Pré-concertos dia 25 de outubro,
19h15, e dia 26 de outubro, 17h45,
palestrante Daniel Azevedo***PROGRAMA****NICCOLÒ JOMMELLI (1714-1774)**

Réquiem em Mi Bemol maior – HocJ A1. 3

Libera me em Dó menor HocJ E.2

Para coro, solistas, orquestra de cordas e baixo contínuo.

NOTAS DE PROGRAMA

NICCOLÒ JOMMELLI RÉQUIEM EM MI BEMOL MAIOR E LIBERA ME EM DÓ MENOR

Niccolò Jommelli compôs sua primeira ópera com 23 anos e escreveu várias outras nos anos posteriores. Tornou-se reconhecido e sua reputação como compositor espalhou-se rapidamente por toda a Itália, e uma chamada para Viena trouxe ainda mais sucesso. A grande virada em sua vida veio em 1753, quando recebeu uma nomeação para o Tribunal do Duque Karl Eugen von Württemberg, em Stuttgart, onde permaneceu até 1769 e compôs muitas óperas, bem como um número considerável de obras religiosas. Quando a mãe do duque Karl Eugen morreu, ele escreveu o Réquiem em Mi bemol que logo se tornou amplamente conhecido e foi considerado o melhor trabalho de música religiosa de Jommelli. Assim tornou-se reconhecido como um dos principais compositores de obras sacras desse período. A partitura manuscrita do Réquiem está na Biblioteca Central em Zurique – Suíça.

“Libera me” é um responsório cantado logo após a Missa de Réquiem em torno do caixão da pessoa falecida. Assim como a Antífona “In Paradisum”, que é cantada quando o caixão está sendo levado para fora da igreja, “Libera me”, estritamente falando, não é uma parte regular da Missa de Réquiem; ambos os movimentos são realmente parte do antigo ritual católico romano que foi chamado de “Absolutio ad feretrum” (Recomendação dos mortos), que foi realizada entre a Missa de Réquiem e o enterro real da pessoa falecida. No entanto, as definições musicais da Missa de Réquiem muitas vezes incluem um ou ambos os movimentos. Esse é também o caso de Réquiem de Jommelli: embora nenhuma das fontes musicais (mais de 80) inclua um conjunto de “In Paradisum” (Jommelli aparentemente nunca compôs um conjunto musical dessa antífona), muitos incluem o “Libera me”. E esse é também o caso de uma fonte primária, preservada em Paris, que será a base para a execução desse concerto. Assim, podemos ter certeza de que o “Libera me” de Jommelli foi

composto em conjunto com a Missa de Réquiem e originalmente realizado para a mesma ocasião em Stuttgart, em 1756. No entanto, o Réquiem de Jommelli foi muito popular em toda a Europa durante a segunda metade do século 18. Foi o Réquiem mais executado antes da versão do Réquiem de Mozart em 1791 e, como as fontes indicam, foi aparentemente muitas vezes realizado sem o “Libera me”. Por essas razões e devido ao fato de que há também algumas fontes musicais que incluem o responsório “Libera me” sem a Missa de Réquiem, Wolfgang Hochstein, que fez um catálogo completo das obras sacras de Jommelli, em 1984, decidiu dar ao “Libera me” seu número de índice próprio (HocJ E.2), separado da Missa de Réquiem, para a qual foi dada o número de índice HocJ A1.3

UAKTI

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

9 novembro horário e local a definir

Regente Abel Rocha (São Paulo)

PROGRAMA

MARCO ANTÔNIO GUIMARÃES /
ARRANJO: ARTUR ANDRÉS (1959)

Mapa

CARL ORFF / ARRANJO P/ CORDAS:
ARTUR ANDRÉS (1959)

Carmina Burana

MÚSICA E ARRANJO:
MARCO ANTÔNIO GUIMARÃES

Tema em Sete

MÚSICA E ARRANJO:
MARCO ANTÔNIO GUIMARÃES

Maculelê de Marimbá

MÚSICA: PAULO SÉRGIO SANTOS (1954) /
ARRANJO: BRUNO PIMENTA

Ferro de larra

MÚSICA: ELOMAR FIGUEIRAS /
ARRANJO: ARTUR ANDRÉS (1959)

Arrumação

MÚSICA E ARRANJO: ARTUR ANDRÉS (1959)

Música para um Templo Grego Antigo

MÚSICA E ARRANJO: ARTUR ANDRÉS (1959)

Alnitak

MÚSICA E ARRANJO: ARTUR ANDRÉS (1959)

Turning Point

MÚSICA E ARRANJO: ARTUR ANDRÉS (1959)

Trilogia para Krishna – Krishna I, II & III

MÚSICA: MARCO ANTÔNIO GUIMARÃES /
ARRANJO: ARTUR ANDRÉS

Dança dos Meninos

INTEGRANTES: MARCO ANTONIO GUIMARÃES,
PAULO SANTOS, ARTUR ANDRÉS,
DÉCIO RAMOS

A SOULFUL CELEBRATION

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

CORO DA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

29 novembro 20h

30 novembro 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural

Regência e comentários Keith McCutchen (Estados Unidos)

Regência do Coro da UTFPR Priscilla Prueter (Paraná)

Músicos convidados Todd Wright (Estados Unidos) – Saxofone e Jairo Wilkens – Clarinete

PROGRAMA

KEITH MCCUTCHEN (1964-)

Jazz Vespers for Soloists, Chorus, Jazz Quintet, and Orchestra

I. Deus Domine

Chorus: Deus Domine, Deus Domine, Deus Domine

Soloist, Deus, in adiutorium meum intende.

Chorus, Domine, ad adiuvandum me festina.

Soprano Solo: Oh Lord come to my assistance. Oh Lord please help me.

Soloist: Oh Lord

Chorus: Domine Deus

Soloist: Please have Mercy

Chorus: Domine Deus

Soloist: Please have Mercy

Chorus: Domine Deus

Soloist: Please have Mercy

Chorus: Domine Deus

Chorus: Deus Domine, Deus Domine, Deus Domine

Chorus: Deus Domine, Deus Domine, Deus Domine.

Baritone Solo: Holy, Holy, Holy Lord God Almighty
Heaven and Earth are full of thy Glory!

Doxology

Tenor and Bass: Glory be, Glory be, Glory be to the Father.

Glory be, Glory be, Glory be to the Son.

Glory be, Glory be to the Holy Spirit.

Chorus: World without end, world without end.

World without end, world without end.

World without end, world without end.

Alleluia Amen, Alleluia Amen, Alleluia Amen.

II. Hymn: Psalm 139:7-10 Soprano Solo, Chorus and Jazz Quintet

Where can I go to flee from your presence? Where can I run that you're not there?

If I ascend to Heaven or make my bed in hell, you are there.

Where can I run to flee from your Spirit? Where can I go that I won't feel, your power and your majesty, all around me? I'm wonderfully made, when I was made in secret, Wonderful are thy works.

If I rise upon the wings of the dawn, if I drift beneath the sea, if I ride upon the rays of golden sun light you'll still guide me.

Aonde irei para estar longe do teu sopra? Aonde fugirei, para estar longe da tua face?

Subo aos céus, lá tu estás! Se fizer no inferno a minha cama, eis que tu ali estás também.

Tomo as asas da aurora para habitar além dos mares, também lá, tua mão me conduz tua destra me segura.

Salmos 139:7-10

III. Psalm 130: Out of the Deep, Alto and Bass Duet and Chorus

Out of the deep have I cried unto thee oh Lord. Lord hear my cry, Lord hear my cry, Lord hear my cry.

Let your ears be attentive to my cry for mercy. If you O Lord kept record of sins, O Lord who could stand?

But with you there is forgiveness; therefore you are feared.

I wait for the Lord; my soul doth wait, more than the watchman waits for morning.

More than the watchman waits for morning.

Out of the deep have I cried unto thee oh Lord. Lord hear my cry, Lord hear my cry, Lord hear my cry.

Das profundezas eu te chamo, Senhor

Senhor, ouve a minha voz;

Que teus ouvidos estejam atentos à minha voz suplicante!

Se retiveres as faltas, Senhor!

Senhor quem subsistirá?

Mas tu dispõe do perdão

E eles te não de temer.

Aguardo o Senhor, aguardo com toda a minh'alma e espero na sua palavra.

Minh'alma deseja o Senhor,

Mais do que o vigia o amanhecer,

Mais do que o vigia o amanhecer.

Das profundezas a ti clamei, oh, Senhor. Senhor ouve o meu clamor, Senhor, ouve o meu clamor, Senhor, ouve o meu clamor.

Gospel Text, John 1

(texto do evangelho Segundo João 1)

In the beginning was the Word, and the word was with God, and the word was God. He was with God in the beginning. Through him all things were made, without him nothing was made that has been made.

The word became flesh and made His dwelling among us. We have seen His glory, the glory of the One and Only, who came from the Father, full of Grace and truth.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por intermédio Dele, e sem Ele nada do que foi feito se fez.

E o verbo se fez carne e habitou entre nós e nós vimos a sua glória; glória essa que, Filho único cheio de graça e de verdade, Ele tem da parte do Pai.

Magnificat: Soprano Solo: My soul doth magnify the Lord my soul, doth magnify the lord my soul doth, magnify the Lord, magnify the Lord, magnify the Lord, magnify, magnify the Lord. And my spirit still rejoices in the Lord, rejoices in the Lord rejoices in the Lord. (Repeat)

Soprano Solo: From now on all generations will call me blessed, for the Mighty One has done great things for me. Holy is his name. **Chorus:** Holy is his name almighty, Holy is his name almighty, Heaven and Earth are full of his glory and Holy is his name.

Oh fear the Lord oh all ye saints, for there is no want to them that fear him. The righteous cry and the Lord heareth and delivered them out of their troubles. He has performed mighty deeds with his arm; He has scattered those who are proud in their inmost thoughts. He has brought down rulers from their thrones but has filled the hungry with good things.

Hallelujah Chorus from A Soulful Messiah, de George Frederic Handel,

Arranjos de Mervyn Warren, Michael O. Jackson, e Mark Kibble, arranjos para coro de Teena Chinn

Hallelujah! Hallelujah! Hallelujah!Hallelujah!
Hallelujah!For the Lord God Omnipotent reigneth.
Hallelujah! Hallelujah! Hallelujah! Hallelujah!

For the Lord God omnipotent reigneth.Hallelujah!
Hallelujah! Hallelujah! Hallelujah!Hallelujah!
Hallelujah! Hallelujah!

The kingdom of this world's
become the kingdom of our Lord,
And of His Christ, and of His Christ;

And He shall reign forever and ever, For ever and ever, forever and ever,King of kings, and Lord of lords

NOTAS DE PROGRAMA

por Keith McCutchen

O uso moderno do termo Jazz Vésperas significa inicialmente uma performance de jazz ou serviço litúrgico no tempo determinado às 17h, mas sem qualquer aplicação do texto nem o uso da estrutura formal do serviço de Vésperas real de da Igreja Católica Romana, Grega Ortodoxa ou liturgias anglicanas. Apesar disso, há muitos casos de música jazzística sendo usadas com sucesso como serviço de música e performances adaptadas dentro da estrutura de um serviço litúrgico.

Estas Vésperas utilizam as estruturas gerais textuais usadas pelos compositores antigos como Monteverdi, mas com uma síntese de linguagens harmônicas que adotei como resultado de minha experiência em vários gêneros de coral, idiomas jazzísticos, literatura de piano e música orquestral dos séculos 19 e 20, bem como as diversas tradições folclóricas e afro com as quais cresci e continuo a desenvolver. A linguagem harmônica, juntamente com modificações de formas diferentes de composição de jazz, molda o desenho formal dos vários movimentos.

A abertura usa o tradicional versículo das vésperas ou a afirmação introdutória, Deus em adjutorium, (Apressa-te, ó Deus, livra-me; apressa-te em ajudar-me, Oh, Senhor) as palavras Domine Deus (Senhor, Deus) são contabilizadas em declamações silábicas dentro de uma valsa jazzística. A doxologia tradicional menor segue com uma valsa mais rápida menor, concluído por um Amém em vez de Aleluias.

Em seguida, vêm dois conjuntos de Salmos que contêm antífonas que são pedidos de oração pela paz e pela justiça.

O texto do Salmo 139, "Onde eu posso ir para fugir da tua presença", é colocado em um estilo de balada lenta seguida por um verso de hino coral de vozes masculinas seguido de coro completo. "Out of the Deep" (Das profundezas) começa com um dueto para o alto e barítono e inicia com orações e com o Salmo 51:10 Cria em mim um coração puro, cantado por um solista

barítono. A peça continua com um anúncio em estilo de moteto do texto pelo coro, que constrói ritmicamente como duo e coro, interagindo com a improvisação dos músicos.

A configuração do Magnificat, Lucas 1:46-55, começa com o uso de formas de melodias do jazz convencional dos anos 30 e 40. O clima é agitado e um pouco nervoso até que as palavras, "E o meu espírito exulta no Senhor", em que o tempo da alegria e confiança no mês de maio são transportados em uma valsa em tempo de jazz. A peça termina com um embaralhado tempo Gospel "Oh, tema o Senhor".

O concerto termina com uma reinterpretação muito popular do Messias de Handel, registrado por Quincy Jones. O The Soulful Messiah mistura as vozes originais concebidas por Handel com acompanhamentos Gospel e Soul. O álbum recebeu o Prêmio Grammy, em 1992, de melhor disco contemporâneo Soul Gospel Album.

CANTATAS – BACH E HOFFMANN**Concerto de Encerramento da Temporada 2013****CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA****13 dezembro 20h****Capela Santa Maria Espaço Cultural****14 dezembro 18h30**

Regente Luís Otávio Santos (Minas Gerais)

Tenor solo Richard Klein (Alemanha)

*Pré-concertos dia 13, 19h15,**e dia 14, 17h45, palestrante**Marco Aurélio Koentopp***PROGRAMA****GEORG MELCHIOR HOFFMANN (1679-1715)**

Cantata para tenor, flauta doce, cordas e baixo contínuo

Meine Seele rühmt und preist

1. Aria. Meine Seele rühmt und preist
2. Recitative. Denn seh ich mich
3. Aria. Gott hat sich hoch gesetzt
4. Recitative. O was für große Dinge
5. Aria. Deine Güte, dein Erbarmen

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Cantata BWV 61 Nun komm, der Heiden Heiland

(para solistas, soprano, tenor e baixo, coro a quatro vozes, sexteto de cordas, e órgão positivo)

1. Nun Komm, der Heiden Heiland (coro)
2. Der Heiland ist gekommen (recitativo tenor)
3. Komm, Jesu, Komm zu deiner Kirche (ária tenor)
4. Siehe, ich stehe vor der Tür (recitativo baixo)
5. Öffne dich, mein ganzes Herzegovina (ária soprano)
6. Amém, Amém, Komm du schöne Freudenkrone (coral)

NOTAS DE PROGRAMA

JOHANN SEBASTIAN BACH X GEORG MELCHIOR HOFFMANN – CANTATA PARA TENOR, FLAUTA DOCE, CORDAS E BAIXO CONTÍNUO – MEINE SEELE RÜHMT UND PREIST

Muitas divergências existem sobre a Cantata “Meine Seele rühmt und preist”. Ela foi escrita para a Festa da Visitação de Maria, segundo a Epístola de Isaías, cap. 11, versículos 1 a 5, e no Evangelho de Lucas, cap. 1, versículos 39 a 56.

A Cantata “Meine Seele rühmt und preist” durante anos foi creditada como parte do catálogo de Bach como o BWV 189, porém existem conjecturas e teses bastante significativas para essa cantata. Algumas cantatas de Hoffmann e Telemann, cujas cópias foram encontradas entre obras de Bach, foram originalmente creditadas a ele e atribuídos os números de catálogo BWV na primeira edição de Bach. Porém pesquisas subseqüentes definitivamente atribuíram o BWV 160 a Telemann e o BWV 189 a, provavelmente, Melchior Hoffmann, organista da Neukirche quando Bach chegou em Leipzig. As descobertas conjuntas tiveram o efeito de redescoberta, explicando o porquê do esquecimento virtual das cantatas, sobre as quais dificilmente encontra-se algum comentário. Em estudos mais antigos Hoffmann ainda tem sido muitas vezes confundido com o compositor de Breslau, Johann Georg Hoffmann.

JOHANN SEBASTIAN BACH – NUN KOMM, DER HEIDEN HEILAND – BWV 61

Bach escreveu a cantata em Weimar, em seu primeiro ano como organista da corte de Johann Ernst von Sachsen-Weimar, para o primeiro domingo do Advento. Foi executada pela primeira vez no Schlosskirche (Capela da Corte), em 2 de dezembro de 1714. As leituras previstas para o domingo eram da Epístola aos Romanos, “A noite está avançada e o dia virá” (Romanos 13:11-14), e do Evangelho de Mateus, “A entrada em Jerusalém” (Mateus 21:1-9). O texto da cantata foi fornecido por Erdmann Neumeister, que incluiu a primeira estrofe do coral de Martinho Lutero, “Nun Komm, der Heiden Heiland”, no primeiro

movimento, bem como o coral final do último verso de Philipp Nicolai “Wie schön leuchtet der Morgenstern”; e no quarto movimento do Apocalipse 3:20, “Siehe, ich stehe vor der Tür und klopfe an. So jemand meine Stimme hören wird und die Tür auftun, zu dem ich werde eingehen und das Abendmahl mit ihm halten und er mit mir”. (Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo).

O poeta combinou as ideias da entrada de Jesus em Jerusalém e o anúncio de seu retorno, como no livro do Apocalipse, com o pedido para também entrar no coração dos cristãos. Bach executou a cantata novamente no seu primeiro ano em Leipzig, em 28 de novembro de 1723. O primeiro domingo do Advento começa o ano litúrgico. Bach marcou criando o refrão de abertura como uma fantasia coral no estilo de uma abertura francesa, que segue a sequência lento – rápido (fuga) – lento. Durante a Ouverture (abertura) o rei da França deveria entrar em uma apresentação; Bach cumprimentou um Rei diferente. Duas das quatro linhas da melodia coral são combinadas na primeira seção lenta, a linha três é tratada na seção rápida, a linha quatro na seção final lenta. A melodia da linha 1 é apresentada pela primeira vez no contínuo, em seguida, é cantada por todas as quatro partes vocais, uma após a outra em um solene ritmo pontilhado da orquestra. A linha 2 é definida em quatro partes, incorporada na orquestra. A linha 3 é um fugato rápido, com os instrumentos tocando Colla Parte. A linha 4 é definida como a linha 2. O recitativo começa seco – acompanhado apenas pelo baixo contínuo –, mas continua como um arioso, com imitação do tenor e baixo contínuo. A ária de tenor é acompanhada por todos os violinos e violas em uníssonos. O quarto movimento, a citação do Apocalipse, é dado ao baixo como a voz de Cristo, a batida é expressa em acordes pizzicato das cordas. A resposta é a oração individual da soprano, apenas acompanhada pelo contínuo, com uma seção intermediária – adágio. No coral final os violinos tocam uma quinta parte de júbilo para as quatro partes vocais: “Nun Komm, der Heiden Heiland” (Agora venha, Salvador dos pagãos).

BIOGRAFIAS Compositores



AARON COPLAND (NOVA YORK, 1900 – 1990)

Assim como Gershwin, Copland descende de uma modesta família de emigrados russos. Seus estudos musicais iniciaram-se com Rubin Goldmark, mas foi o ensino de Nadia Boulanger, que ele pode seguir em Paris após a Primeira Guerra, que o consagrou na vocação de compositor. De volta ao seu país, Copland adotou um estilo “cosmopolita” com toques de neoclassicismo, apoiando-se em reminiscências do jazz, do folclore americano e sul-americano, bem como da politonalidade; com a utilização frequente de um lirismo vigoroso. Os grandes balés, que estabeleceram sua fama, testemunharam esse lirismo que se exalta à lembrança da história pioneira do oeste americano, com a herança de hinos religiosos e de canções populares. A partir de 1950, atraído por Webern, torna-se mais austero e um pouco “serial”. Decididamente comprometido, se dedicará daí em diante à defesa da música contemporânea paralelamente ao ensino, sobretudo nos cursos em Tanglewood.

ALEJANDRO GARCÍA CATURLA (1906 – 1940)

Compositor cubano de música erudita e crioulizador de temas cubanos. Foi violinista da Orquestra Sinfônica de Havana em 1922. Começou a compor jovem, enquanto estudava música e direito. Era fascinado por crioulizar ritmos afro-cubanos e esses temas crioulos foram característicos de suas composições: a divisão entre música erudita e música popular não influenciou compositores cubanos desse período. Tornou-se advogado e continuou a compor música. Em 1932, fundou a Sociedade de Concertos Caribenha, cuja orquestra conduziu em muitas ocasiões. Era um multi-instrumentista e um cantor barítono de alguma qualidade. Caturula deixou dois legados de honra, o primeiro, um exemplo de músico universal, sua a feliz combinação de temas clássicos e folclóricos com modernas ideias musicais. Sua carreira é considerada pioneira da arte moderna sinfônica cubana. Seu segundo legado é o de servir à justiça no sistema legal de Cuba, primeiro como advogado e depois como juiz. Ao servir como juiz, ele foi assassinado em 1934 por um jogador jovem a quem havia sentenciado.

ALFRED GARRIEVITCH SCHNITKE (RÚSSIA, 1934 – ALEMANHA, 1998)

Foi o compositor mais importante que surgiu na Rússia, logo após a Dmitri Shostakovich. Sua música, nos seus primeiros anos, demonstra uma forte influência de Dmitri Shostakovich. Desenvolveu uma técnica Poliestilística em trabalhos como a sua épica Sinfonia nº 1 (1969–1972) e o seu primeiro Concerto Grosso, (1977). Nos anos 1980, a sua música começou a ter o reconhecimento no estrangeiro. Escreveu então a segunda (1980) e a terceira sinfonias (1983); Quartetos para Cordas e também um Trio para Cordas (1985); o Ballet Peer Gynt (1985–1987); a Terceira (1981) a Quarta (1984) e a

Quinta (1988) Sinfonias e os Concertos para Viola (1985) e o seu primeiro concerto para Violoncelo, (1985–1986). Com problemas de saúde, sua composição começou a perder grande parte da extroversão do seu poliestilismo, retraindo-se num estilo mais reservado e árido.

ANTONIO ADOLFO (RIO DE JANEIRO, 1947)

Filho de uma violinista da Orquestra do Teatro Municipal do Rio, carioca de Santa Teresa, aos 16 anos, como pianista, já pertencia ao fechado clube da Bossa Nova. De volta ao Brasil, em 1977, foi pioneiro da produção independente com o disco “Feito em Casa”, do selo Artezanal. Iniciou assim um movimento parte de uma tendência libertária – a do disco independente – que motivaria o aparecimento de artistas divergentes das leis do mercado tradicional. Desde 1985, se dedica a sua escola de música, o Centro Musical Antonio Adolfo, além de participar em eventos internacionais como músico e educador, sem deixar de lado sua carreira como intérprete. Recebeu dois Prêmios Sharp por seus trabalhos, Antonio Adolfo e Chiquinha com jazz, respectivamente.

ANTONIO LUCIO VIVALDI (ITÁLIA, 1678 – ÁUSTRIA, 1741)

Apelidado de Il Prete Rosso (O Padre Vermelho) por causa de seu cabelo ruivo, foi compositor, sacerdote e violinista virtuoso. Celebrado como um dos maiores virtuosos de sua época, contribuiu para o desenvolvimento, tanto da técnica de execução do instrumento, quanto da fixação do modelo formal do concerto com solista. O violino esteve presente em sua vida desde que nasceu: seu pai, Giovanni Battista, barbeiro de profissão e violinista de coração, tornou-se músico da orquestra da Basílica de São Marcos, tendo sido o primeiro professor do filho – que cresceu nessa atmosfera eclesial, o que explica a escolha de Vivaldi pela carreira sacerdotal numa época em que, na Itália, era bastante comum associar a atividade musical ao sacerdócio. Foi ordenado padre aos 25 anos, mas um ano depois, em 1704, foi dispensado por sofrer de asma. Pôde, então, dedicar-se à música, tendo permanecido, entre 1703 e 1720, como professor de violino do Pio Ospedale Della Pietà em Veneza, local que inicialmente funcionava como um albergue para cruzados. Porém com o término das Cruzadas, ele mudou gradualmente sua função para uma instituição de caridade para órfãos e crianças abandonadas, originalmente, meninas. Grande parte da música sacra de Vivaldi, vocal e instrumental, foi escrita para o desempenho no Ospedale Della Pietà. Além de 50 óperas, três oratórios, 49 cantatas profanas e 21 sinfonias, Vivaldi compôs cerca de 500 concertos, dos quais 230 destinam-se para violino solista.

ARCANGELO CORELLI (ITÁLIA, 1653 – 1713)

Foi o mais famoso violinista-compositor do barroco, e um dos mais influentes depois de Claudio Monteverdi. Embora sua produção integral resume-se a seis antologias, sua escrita instrumental era admirada pelo refinamento harmônico e estilo brilhante, tendo sido referência crucial para muitos compositores, entre eles Johann Sebastian Bach e Georg Friedrich Haendel. Pouco se sabe sobre a vida de Corelli, a não ser que a maior parte de sua carreira deu-se em Roma. Ali foi patrocinado por diversos mecenas aristocratas e nobres, incluindo a exilada rainha da Suécia. Era regularmente contratado para apresentações de ópera, oratórios e outras obras de formato amplo, algumas de Haendel. Corelli é conhecido, sobretudo, por seus doze concerti grossi, que representaram uma nova forma de composição. Como violinista virtuose, contribuiu para consolidar modernas técnicas de arcada e foi um dos primeiros a usar bicordes e efeitos harmônicos no instrumento. Como professor de violino, suas realizações também foram notáveis, tendo entre seus alunos Francesco Geminiani e Antonio Vivaldi. Entre suas obras mais notáveis estão o Concerto Grosso Op.6 N.8, Concerto Grosso Op.6 N.10 e Sonata e Violino e Violone o Cimbalo Op.5 N.12. Corelli escreveu ainda 12 sonatas para instrumento solista (para violino e contínuo) e 12 concertos grossos (grossi, em italiano), com os quais influenciou o estilo musical de sua época.

ARIEL RAMÍREZ (ARGENTINA, 1921 – 2010)

Músico de extensa trajetória, compositor e pianista, foi uma das figuras mais destacadas do nativismo argentino. Difusor da cultura tradicional através de uma extensa discografia e os seus desempenhos na frente de sua companhia de folclore desde 1955 até 1980. Autor de numerosas canções criollistas extremamente populares e da famosa Misa Criolla, uma das obras mais importantes da música Argentina. Foi eleito como presidente da Sociedade Argentina de Autores e Compositores – SADAIC.

ARVO PÄRT (ESTÔNIA, 1935)

Compositor estônio, cresceu em Tallinn e, em 1954, iniciou seus estudos musicais na Escola de Música de Tallinn. De 1958 a 1967 foi diretor de gravação e compositor na Rádio Estônia. Seus primeiros trabalhos compostos demonstram a influência de compositores neoclássicos russos, tais como Shostakovich e Prokofiev. Foi premiado com o primeiro prêmio da All-Union Young Composers, em Moscou, em 1962. Também compunha por meio de um serialismo íntegro e algumas incursões no sonorismo, conceito estético musical contemporâneo, também designado por “poesia sonora” ou “música matérica”, com recurso à eletroacústica e ao microtonalismo. À técnica que inventou, e à qual permaneceu sempre fiel, sem exceção, chamou “tintinnabuli” (do latim, pequenos sinos). O seu princípio básico é a composição de duas

vozes como uma só linha: uma voz “move-se lentamente”, primeiro subindo, depois descendo, ao passo que a outra entoa as notas da tríade. Emigrou com a sua mulher e seus dois filhos para Viena, onde conseguiu a nacionalidade austríaca, depois mudou-se para Berlim Ocidental. Desde que deixou a Estônia, Pärt dedicou-se ao estudo de textos religiosos para as suas futuras composições, foi distinguido em 1996 com a eleição para a Academia Americana de Artes e Letras.

ASTOR PANTALEONE PIAZZOLA (ARGENTINA, 1921 – 1992)

Filho de imigrantes italianos foi bandeonista e compositor argentino. Aos quatro anos foi com a sua família viver em Nova York. Em seu período estadunidense se tornou fluente em inglês, italiano e francês. Ganhou seu primeiro bandoneón de seu pai. Em Nova York conheceu o cantor argentino de tango Carlos Gardel, enquanto este estava na cidade para rodar o filme “El Día que me Quieras”, no qual atuou como um garoto entregador de jornais. Compositor de tango mais importante da segunda metade do século XX, estudou harmonia e música erudita com a compositora e diretora de orquestra francesa Nadia Boulanger. Quando começou a fazer inovações no tango, no ritmo, no timbre e na harmonia, foi muito criticado pelos tocadores de tango mais antigos. Ao voltar de Nova York, já mostrava a forte influência do jazz em sua música, estabelecendo então uma nova linguagem, seguida até hoje. Deixou uma discografia invejável, tendo gravado com Gary Burton, Tom Jobim, entre outros músicos que o acompanharam, como o também notável violinista Fernando Suarez Paz. Entre seus mais destacados parceiros na Argentina estão a cantora Amelita Baltar e o poeta Horacio Ferrer, e o escritor Jorge Luis Borges. Suas composições mais famosas são Libertango e Adiós Nonino. A canção Adiós Nonino, outra das mais conhecidas composições, foi feita em homenagem ao seu pai, quando este estava na leito de morte, Vicente “Nonino” Piazzola, em 1959.

AYLTON ESCOBAR (SÃO PAULO, 1943)

Destacado compositor e regente brasileiro várias vezes premiado dentro e fora do país, com obras publicadas também na Venezuela, Alemanha e Estados Unidos, laureado por suas criações dedicadas ao Teatro (Prêmio Molière) e ao Cinema, Prêmio Governador do Estado de São Paulo e, por várias vezes, da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), membro da Academia Brasileira de Música. São seus mestres: Lúcia Branco, Magda Tagliaferro, Camargo Guarnieri, Alceu Bocchino, Francisco Mignone. Na Universidade de Columbia (EUA), Vladimir Ussachevsky e Mario Davidovsky. Professor das cadeiras de Orquestração, Composição e Regência da Universidade de São Paulo (USP). Foi Diretor da Universidade Livre de Música e dos Festivais Internacionais de Música de Campos do Jordão (1993-97); Regente Titular e

Diretor Artístico de importantes orquestras brasileiras, frequentando as temporadas internacionais dos mais prestigiados conjuntos sinfônicos da América Latina, nos últimos anos intensificando essas atuações. Atualmente, é Regente Adjunto da Orquestra Sinfônica e da Orquestra de Câmara da Universidade de São Paulo.

BADEN POWELL DE AQUINO (RIO DE JANEIRO, 1937 – 2000)

Mais conhecido por Baden Powell, foi considerado um dos maiores músicos brasileiros de sua época e um dos maiores violonistas brasileiros de todos os tempos e também compositor. Recebeu seu nome, pois seu pai, violinista e escoteiro era fã do general britânico criador do Escotismo, Robert Stephenson Smyth Baden-Powell. Começou a tocar violão com sete anos, se tornou profissional aos treze, mas só ficou famoso no Brasil quando constituiu uma parceria com Vinícius de Moraes, que escreveu versos para suas composições, criando o gênero chamado de arossamba. Para tais músicas, ele e Vinícius foram à Bahia para pesquisarem sobre o candomblé e a umbanda. Tocava a música tradicional brasileira, mas amava o jazz e logo desenvolveu um estilo que se baseava em Django Reinhardt e Barney Kessel. O sucesso não o abandonou e sua fama foi aumentando com seus discos, principalmente na Alemanha. Apresentou-se nos Estados Unidos com Stan Getz, Stéphane Grappelli e Jean Luc Ponty.

BEATRIZ CORONA (CUBA, 1962)

Compositora, maestrina de coros, arranjadora e produtora musical. Beatriz Corona é uma das compositoras presentes cujo trabalho mais prolifera. Seu catálogo de corais funciona tão bem como seus arranjos para vozes em diferentes formações, atualmente é definida como uma das mais importantes compositoras de música coral. Seu catálogo é composto por cerca de 200 obras corais para diferentes formações, música orquestral, música de câmara, obras religiosas, e música para cinema, para os filmes: “Amor Vertical” e “Sabor Latino”, este último, junto com seu irmão Kiki Corona.

CARLOS ALBERTO FERREIRA BRAGA, CONHECIDO COMO JOÃO DE BARRO E BRAGUINHA (RIO DE JANEIRO, 1907 – 2006)

Compositor brasileiro, famoso pelas suas marchas de carnaval. Estudava Arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes quando adotou o pseudônimo de João de Barro, justamente um pássaro arquiteto, porque o pai não gostava de ver o nome da família circulando no ambiente da música popular. Integrou o Bando dos Tangarás, ao lado de Noel Rosa, Alvinho e Almirante. Em 1931 resolve deixar a Arquitetura e dedicar-se à composição. Suas composições são conhecidas e cantadas por todos os brasileiros: “Pirata da Perna de Pau”, “Chiquita

Bacana”, “Touradas de Madri”, “A Saudade Mata a Gente”, “Balance”, “As Pastorinhas”, “Turma do Funil” e muitas outras. Sua discografia completa, inclusive com versões e músicas infantis, passa dos 420 títulos, uma das maiores e de mais sucessos de nossa música popular. Em 1937, fez letra para uma das composições mais gravadas da música popular brasileira, o samba-choro Carinhoso, feito por Pixinguinha vinte anos antes. Na década de 1940, passou a fazer dublagens para produções cinematográficas realizadas por Walt Disney. Os parceiros mais constantes foram: Alberto Ribeiro, Alcyr Pires Vermelho, Antônio Almeida e Jota Júnior.

CARLOS GUASTAVINO (ARGENTINA, 1912 – 2000)

Compositor argentino, aluno de Manuel de Falla, é considerado como um dos maiores compositores da América Latina. As suas obras fazem parte hoje do repertório dos mais célebres intérpretes como Teresa Berganza, Kiri Te Kanawa, José Carreras, Estela e Marcelo Caldi, Jorge Chaminé, Martha Argerich, Gidon Kremer e Daniel Barenboim.

CARL PHILIPP EMANUEL BACH (ALEMANHA, 1714 – 1788)

Músico e compositor alemão, segundo filho de Johann Sebastian Bach e Maria Barbara Bach. Considerado o fundador e precursor do estilo clássico na música erudita. Estudou com o pai, depois com a morte deste, com seu meio irmão Carl Philipp Emanuel. Sua reputação foi estabelecida por duas séries de sonatas, que dedicara respectivamente a Frederico o Grande e ao grão-duque de Württemberg. Em 1746 foi promovido ao posto de músico da câmara real, e dividiu com Carl Heinrich Graun, Johann Joachim Quantz e Johann Gottlieb Naumann o serviço contínuo do rei. Em 1754 foi para a Itália onde tornou-se católico romano e assumiu o posto de organista na Catedral de Milão. Iniciou uma carreira operística, com obras encenadas em Turim e Nápoles. Foi convidado a compor para o King’s Theater em Londres. Seu trabalho principal concentrou-se na composição para cravo, para o qual compôs, cerca de duzentas sonatas e outros solos. Em 1768, Carl Bach sucedeu a seu padrinho Georg Philipp Telemann como Kapellmeister de Hamburgo. Escreveu inúmeras peças sacras. Sua capacidade genial para composição instrumental foi ainda estimulada por Joseph Haydn. Durante a segunda metade do Século XVIII, a reputação de Carl Bach permaneceu muito alta. Wolfgang Amadeus Mozart disse a seu respeito, “Ele é o pai, nós somos os filhos”. Ludwig van Beethoven expressou acerca dele admiração e respeito. Sua obra repleta de criações, revela-se de amplo alcance emocional, sincero em pensamento como polido e feliz em argumento.

CLAUDINHO & BUCHECHA

Foi uma famosa dupla de funk brasileira. A dupla, formada pelos cantores Claudio Rodrigues de Mattos (Claudinho), e Cláucirlei Jovêncio de Sousa (Buchecha), foi premiada pela ABPD com dois discos de platina triplos pelos álbuns Claudinho & Buchecha e A Forma, e também com disco de platina duplo pelo álbum Só Love, lançado em 1998.

CLÉMENT JANEQUIN (FRANÇA, 1485 – 1558)

Compositor francês do período renascentista. Foi um dos mais famosos compositores de chansons (canções) de toda a Renascença. A grande divulgação de sua fama foi possível graças ao desenvolvimento simultâneo da imprensa de signos musicais. Educado como noviço, ocupou vários postos mal remunerados, mas em 1530 sua canção para celebrar a entrada de Francisco I em Bordeaux firmou sua reputação como compositor. Apesar de sua música ter sido amplamente publicada e conhecida na Europa, Janequin enfrentou diversos problemas financeiros, tendo brigado com a família em função de um empréstimo não quitado.

DMITRI SCHOSTAKOVITCH (RÚSSIA, 1906 – 1975)

Estudou piano com sua mãe. Sofreu com os primeiros anos da Revolução Russa. Estudou com Glazanov em Leningrado. Suas sinfonias e óperas sofreram em relação à aprovação e reprovação de Stalin e seu porta-voz no jornal, Pravda. Foi um dos mais célebres compositores do século XX. Ganhou fama na Rússia graças ao mecenas de Mikhail Tukhachevsky, chefe de pessoal de Leon Trotsky. Sua música foi oficialmente denunciada duas vezes, em 1936 e 1948, e foi periodicamente banida. Apesar das controvérsias, seus trabalhos eram populares e bem recebidos pelo público. Após período influenciado por Sergei Prokofiev e Stravinsky, desenvolveu um estilo híbrido. Schostakovitch recebeu do Partido Soviético altas recompensas e distinções, ocupou cargos importantes e acabou identificado como o grande compositor oficial do regime. Essa imagem, entretanto, foi refutada em suas memórias póstumas, em que se revela dono de uma personalidade tão dual como a sua própria e vasta obra: de um lado os fortes e originais achados e, de outro, um academismo previsível em obras de encomenda.

EDU LOBO (RIO DE JANEIRO, 1943)

Cantor, compositor, arranjador e instrumentista. Iniciou a carreira nos anos 1960, influenciado pela Bossa Nova, quando numa parceria com Vinícius de Moraes, compôs “Só Me Fez Bem”. Participou de vários festivais de música popular, obtendo o primeiro prêmio em 1965 com “Arrastão” e em 1967 com “Ponteio”, e que venceu o Terceiro Festival de Música Popular Brasileira da TV Record. Compõe trilhas para espetáculos teatrais, entre eles, o histórico “Arena Conta Zumbi”, ao lado de Gianfrancesco Guarnieri. Depois de uma temporada

nos Estados Unidos, Edu volta ao Brasil e retoma várias parcerias. Entre elas está Chico Buarque, com quem compõe a música para novas peças e balés, incluindo o grande sucesso encomendado pelo Balé Teatro Guairá, em 1983, O Grande Circo Místico.

EDWARD BENJAMIN BRITTEN (INGLATERRA, 1913 – 1976)

Compositor inglês, maestro e pianista, foi uma das figuras centrais da música clássica britânica do século XX. Escreveu a música em vários gêneros e estilos clássicos, a partir de trilhas sonoras de filmes à ópera. Seus trabalhos mais conhecidos incluem “Peter Grimes” e “Guia do Jovem para a Orquestra”. Nascido em Suffolk, Britten mostrou talento desde cedo. Ele chamou a atenção do público pela primeira vez com o coral a cappella “Um Menino Nasceu em 1934”. Com a estreia de Peter Grimes, em 1945, saltou para a fama internacional. Ao longo dos próximos nove anos, ele escreveu seis óperas, estabelecendo-se como um dos principais compositores do século XX nesse gênero. Os interesses de Britten como compositor foram amplos. Ele produziu música importante em gêneros como: orquestral, coral, vocal solo, câmara e instrumental, bem como música de cinema. Também teve um grande interesse em escrever música para crianças e artistas amadores. Era um excelente pianista e maestro. Britten foi um dos criadores do Festival de Aldeburgh. Foi responsável pela criação de Snape Maltings Concert Hall. Em seus últimos anos, foi o primeiro compositor a receber um título de nobreza em vida.

ERIC WHITACRE (ESTADOS UNIDOS, 1970)

Premiado compositor e maestro norte-americano vencedor do Grammy. Ele é um dos compositores mais populares e executados de sua geração. Em 2008, o CD da obra coral de Whitacre, “Cloudburst” (lançado pela Polyphony na Hyperion Records) tornou-se um best-seller internacional e ganhou uma indicação ao Grammy. Além da litania coral e composições para conjuntos de sopro, ele também é conhecido por seus “Coros Virtuais” projetos, em que reúne vozes de todo o mundo para a formação de um coro online. Whitacre assinou um contrato de longo prazo com a Decca, em 2010.

ERNANI HENRIQUE CHAVES AGUIAR (RIO DE JANEIRO, 1950)

Estudou violino e viola com Paulina D’Ambrosio e Santino Parpinelli; composição com César Guerra-Peixe; regência com Carlos Alberto Pinto Fonseca e música de câmara com Jean-Jacques Pagnot. Como bolsista do Mozarteum Argentino, estudou com Sérgio Lorenzi. No Conservatório Cherubini, em Florença, estudou com Roberto Micchelucci; Annibale Gianuario, Franco Rossi e Mário Fabbri. Aperfeiçoou-se em regência com Franco Ferra, Adone Zecchi, Giuseppe Montanari e Sergiu Celibidache. Regeu

o grande coro da Catedral de Florença e recebeu o título de Maestro de Capela em Santa Maria de Peretola. Foi professor de regência do Instituto Villa-Lobos da UNIRIO, coordenador do Projeto Orquestras da Funarte, e em 1990, recebeu o título de Cidadão Benemérito do Estado do Rio de Janeiro. Dedicou-se ao repertório brasileiro e ao contemporâneo internacional. Pesquisa a música brasileira do período colonial. Suas composições estão frequentemente presentes em programas de concertos, no Brasil e no Exterior. Ernani Aguiar ocupa a cadeira número quatro da Associação Brasileira de Músicos.

FÉLIX LUNA (FALUCHO) (ARGENTINA, 1925 – 2009)

Reconhecido advogado, historiador, escritor, artista e político argentino. Fundador e diretor da revista "Todo es Historia". Em conjunto com Ariel Ramirez compôs poesia para obras musicais, como "Navidad Nuestra" (1964), "Los Caudillos" (1966), "Mujeres Argentinas" (1969), em que se destacam as canções "Alfonsina y el Mar o Juana Azurduy" e "Cantata Sudamericana", (1971). Nos últimos tempos, entrou para o Grupo Aurora, um encontro de intelectuais composto pelo ex-vice-presidente Victor Martinez, entre outros. Esse grupo saiu para enfrentar os grupos de intelectuais de esquerda "Carta Abierta", e de peronistas simpatizantes que apoiam o Kirchenismo.

CHICO BUARQUE DE HOLANDA (RIO DE JANEIRO, 1944)

Compositor, músico, dramaturgo e escritor. Filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda, iniciou sua carreira na década de 1960, destacando-se em 1966, quando venceu com a canção "A Banda", o Festival de Música Popular Brasileira. Socialista declarado, autoexilou-se na Itália em 1969, devido à crescente repressão da ditadura militar no Brasil, tornando-se, ao retornar, em 1970, um dos artistas mais ativos na crítica política e na luta pela democratização do Brasil. Na carreira literária, foi vencedor de três prêmios Jabuti: melhor romance em 1992 com Estorvo, além do Livro do Ano, com Budapeste, em 2004 (que virou filme), e Leite Derramado, em 2010. Participou como autor e compôs várias canções de sucesso para peças de teatro e filmes como, "Morte e Vida Severina", "Quando o Carnaval Chegar", "Saltimbancos", "A Ópera do Malandro", "Bye, Bye, Brasil", "Donna Flor e Seus Dois Maridos", e "Eu Te Amo". Escreveu também várias peças de teatro, entre elas "Roda Viva", "Gota d'água", "Calabar", "Ópera do Malandro".

FRANCESCO SAVERIO GEMINIANI (ITÁLIA, 1687 – INGLATERRA, 1762)

Compositor, maestro, violinista virtuoso e teórico musical da Itália, foi aluno de Alessandro Scarlatti, Carlo Ambrogio Lonati e Arcangelo Corelli. A partir de 1711, foi maestro em Nápoles. Em 1714, foi a Londres para dar concertos

como violinista, onde recebeu a proteção de William Capel, conde de Essex. Em 1715, se apresentou em duo com Haendel diante do rei Jorge I. Nesse país estabeleceu residência, compôs e deu aulas, além de reunir uma coleção de obras de arte. Em sua obra de composição se destacam sonatas para violino e baixo contínuo e seus concertos grossi, nos quais introduziu a viola como parte do concertino. Para esse estilo ele também adaptou algumas sonatas para violino e baixo de seu mestre Corelli. Escreveu um tratado sobre a arte do violino, em 1751, "Art of Playing the Violin", que sumariza a prática do instrumento no século XVIII, sendo uma referência até os dias de hoje. Seu "Guida Harmônica" (c. 1752) é um dos mais originais tratados de harmonia, dando instruções detalhadas para a realização do baixo contínuo. Outras de suas obras teóricas são "Art of Accompaniment on the Harpsichord, Organ, etc." (1754), "Lessons for the Harpsichord" e "Art of Playing the Guitar" (1760).

FRANCISCO MIGNONE (SÃO PAULO, 1897 – RIO DE JANEIRO, 1986)

Compositor, pianista, regente e professor, estudou no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo onde diplomou-se em piano, flauta e composição. Produziu muita música popular, que assinava como Chico Bororó. Viajou para Milão em 1920, onde escreveu a ópera "O Contratador de Diamantes", da qual faz parte "A Congada", que foi regida por Richard Strauss no Rio de Janeiro, em 1923. Em 1926, seu poema sinfônico "No Sertão" ganhou o Primeiro Prêmio no concurso da Sociedade de Concertos Sinfônicos de São Paulo. Viveu na Espanha entre 1927 e 1928, ano em que voltou ao Brasil. O reencontro com Mário de Andrade, que havia sido seu colega no Conservatório, foi importante para sua carreira de compositor, tendo sido impulsionado pelo líder modernista para posição estética comprometida com o nacionalismo. Trabalhou em diversos países do mundo e por todo o Brasil. Suas obras principais são: música orquestral: "Sinfonia do Trabalho", "Sinfonia Tropical", "Sinfonia Transamazônica", "No Sertão"; "Festas das Igrejas", "Quadros Amazônicos", "Maracatu do Chico Rei", "Fantasias Brasileiras para piano e orquestra (4)"; música de câmara: "Canção Sertaneja", "Sonata a Três", "Quartetos de Cordas (3)", "Tetrafonía", "Seis Prelúdios", "Sextetos (2); música instrumental: "Valsas de Esquina (12)", "Valsas-choros", "Lendas Sertanejas", "Sonatas para Piano", "Sonatinas para Piano", "Doze Valsas para Violão"; música vocal: dezenas de canções para voz e piano.

FRANZ JOSEPH HAYDN (ÁUSTRIA, 1732 – 1809)

Foi um dos mais importantes compositores do período clássico. Personifica o chamado "classicismo vienense" ao lado de Wolfgang Amadeus Mozart e Ludwig van Beethoven. A posteridade apelidou esse grupo como "Trindade Vienense". Além disso, é considerado como

um dos autores mais importantes e influentes da história da música erudita ocidental com uma carreira que cobriu desde o fim do Barroco aos inícios do Romantismo. Era irmão do igualmente compositor Michael Haydn, colega de Mozart em Salzburg, e do tenor Johann Evangelist Haydn, que mais tarde Joseph fará vir para Eszterháza, em 1763. Tendo vivido a maior parte da sua vida na Áustria, Haydn passou a grande parte de sua carreira como músico de corte para a rica família dos Eszterházy. Isolado de outros compositores, foi, segundo ele próprio, “forçado a ser original”. O seu gênio foi amplamente reconhecido durante a sua vida. Haydn é considerado o pai da sinfonia clássica e do quarteto de cordas, além de ter escrito muitas sonatas para piano, trios, divertimentos e missas, o que se tornou a base do estilo clássico de composição de música erudita. Escreveu músicas de câmara, óperas e concertos.

FRANZ PETER SCHUBERT (ÁUSTRIA, 1797 – 1828)

Compositor austríaco do fim da era clássica, com um estilo marcante, inovador e poético do Romantismo, Schubert escreveu cerca de seiscentas canções – o lied alemão – bem como óperas, sinfonias, incluindo a “Sinfonia Inacabada”, sonatas, entre outros trabalhos. Não houve grande reconhecimento público da sua obra durante sua vida curta. Teve dificuldade em assegurar um emprego permanente, viveu muitas vezes à custa de amigos e do trabalho que o pai lhe dava. Morreu sem recursos financeiros com 31 anos de idade. Seu estilo considerado por muitos como imaginativo, lírico e melódico, faz dele um dos maiores compositores do século XIX, marcando a passagem do estilo clássico para o romântico.

GEORG FRIEDRICH HAENDEL (ALEMANHA, 1685 – INGLATERRA, 1759)

Aos 11 anos já tocava violino, espineta, oboé e órgão. Em 1703 foi para Hamburgo e começou a compor óperas italianas. De 1706 a 1710 permaneceu na Itália, onde conheceu Domenico Scarlatti e Arcangelo Corelli. Ao retornar à Alemanha, Haendel tornou-se Kapellmeister em Hanover. Em 1710 viajou para Londres, onde a ópera italiana estava obtendo grande popularidade. Nessa mesma cidade produziu uma ópera, que recebeu grande aclamação, e tendo provado o sucesso, relutantemente voltou à Alemanha. Ao regressar à Inglaterra em 1712, tornou a compor várias óperas como também um pouco de música cerimonial para a Rainha Anne. Haendel nunca mais voltou a Hanover. Permaneceu na Inglaterra pelo resto da vida, naturalizando-se inglês em 1726, com o nome anglicano de George Frideric Handel. Compôs muita música instrumental, música de celebração, as suítes e danças conhecidas como “The Water Music”, escritas para acompanhar uma viagem da embarcação real ao longo do rio Tâmisa, em 1717. Também “The Music for the Royal Fireworks”, composta em 1749 para celebrar a paz de Aix-la-Chapelle. Seguindo o modelo

de Corelli, completou dois conjuntos de concerti grossi, alguns dos quais figuram entre os melhores exemplos do gênero barroco. Compôs ainda música coral para a corte real. Entre esses trabalhos estão os hinos escritos para o Duque de Chandos, várias odes e os quatro hinos para a coroação de 1727. Haendel compôs mais de quarenta óperas entre 1712 e 1741, entre elas, “Giulio Cesare”, “Alcina”, e Serse. Por volta de 1740, tinha composto mais dois dos maiores trabalhos nesse gênero, Saul e “Israel no Egito”. Haendel fundiu essas histórias bíblicas com a melodia, a majestade e o drama que tinha absorvido nas óperas e trabalhos anteriores como: “Solomon”, “Jephtha”, “Samson”, “Joshua”, “Israel no Egito” e “Judah Maccabeus”, que trouxeram ainda mais fama e reconhecimento ao compositor. O gênio de Haendel não está em nenhuma parte mais evidente do que na música sublime que proveu para seu oratório mais famoso, “O Messias”, que teve sua estreia em Dublin, em 1741, com sucesso imediato. Em 1751, começou a ter dificuldade com a visão. Três cirurgias nos olhos sem sucesso o levaram à cegueira completa. Haendel morreu uma semana depois de sofrer um colapso durante uma apresentação do oratório “O Messias”, em 1759. Foi enterrado na Abadia de Westminster.

GILES SWAYNE (INGLATERRA, 1946)

Depois de uma infância na Singapura e Austrália, cresceu em Liverpool e Yorkshire. Estudou piano com Gordon Green, Hepburn Phyllis, Gibb James e Perlemuter Vlado. Ao sair de Cambridge, em 1968, ganhou uma bolsa de estudos de composição para a Royal Academy of Music, em Londres, onde estudou com Harrison Birtwistle, Bush, Alan e Maw Nicholas. Estudou no Conservatório de Paris com Olivier Messiaen. Em 1981 Swayne fez uma viagem de campo para o Senegal para gravar a música da comunidade Jola de Casamance (sul do Senegal); essas gravações estão agora no Arquivo Sonoro da British Library e disponíveis online. Seu interesse pela música da África tem influenciado seu trabalho direta e indiretamente. Entre 1990 e 1996, viveu na região leste de Gana, onde construiu uma casa em Konkunuru nas Colinas Akuapem. Ele agora vive em Londres e ensina composição na Universidade de Cambridge, compositor em residência no Clare College, Cambridge.

GIOVANNI ROTA RINALDI (ITÁLIA, 1911 – 1979), (MAIS CONHECIDO COMO NINO ROTA)

Compositor italiano, célebre por suas composições executadas no cinema. Ficou conhecido por ter composto a música dos filmes de Federico Fellini, Luchino Visconti, Francis Ford Coppola e Franco Zeffirelli. Nascido em Milão, em 1911, no seio de uma família de músicos, Nino Rota foi inicialmente estudante da Orefice e Pizzetti. Ainda quando criança, Nino se mudou para Roma onde terminou os seus estudos no Conservatório de Santa Cecília, em

1929, com Alfredo Casella. Entretanto, tornou-se num 'enfant prodige', famoso tanto como compositor, quanto como maestro. A sua primeira atuação, "L'infanzia de San Giovanni Battista", foi realizada em Milão e em Paris no ano de 1923, e a sua comédia lírica, "Il Principe Porcaro" foi composta em 1926. De 1930 a 1932, Nino Rota viveu nos Estados Unidos da América. Ganhou uma bolsa de estudo no Curtis Institute of Philadelphia, onde frequentou as aulas de composição de Rosario Scalero e as aulas de orquestra dadas por Fritz Reiner. Regressou à Itália onde se licenciou em literatura na Universidade de Milão. Em 1937, iniciou a sua carreira docente que o levou à direção do Conservatório de Bari, um título que manteve desde 1950 até a data do seu falecimento em 1979.

GUIDO LÓPEZ-GAVILÁN – (CUBA, 1944)

Compositor e maestro, recebeu prêmios nas competições de composição mais importantes realizadas em Cuba, como o Concurso Nacional de Composição, a União Cubana de Escritores e Artistas, a 26th of July Competition, o "Edad de Oro", e o Adolfo Guzman Competition. Graduado em 1966 em Regência Coral no Conservatório Amadeo Roldán, em Havana e pós-graduação em 1973 no programa de Regência de Orquestra do Conservatório Tchaikovsky, em Moscou. Como maestro López-Gavilán atingiu um sucesso extraordinário e recebeu o reconhecimento da crítica internacional por suas apresentações na Europa, com a Filarmônica de Varsóvia, no Franz Liszt Hall, em Budapeste, e no Teatro Lisinsky na Croácia. Tem realizado concertos aclamados pela crítica nas principais cidades da Alemanha, Espanha, Rússia, Bulgária e Romênia. Na América Latina dirigiu concertos na Venezuela, Colômbia, Equador, Guatemala e México, onde foi nomeado o mais notável condutor estrangeiro da temporada de 1991.

HEINRICH IGNAZ FRANZ BIBER (ÁUSTRIA, 1644 – 1704)

Compositor austríaco e famoso violinista da era barroca. Em 1670, Biber, conhecido virtuose no violino, foi enviado por seu patrono à Boêmia para adquirir novos violinos. Nunca mais voltou, depois de arranjar trabalho com o arcebispo de Salzburgo, onde recebeu o cargo de Vice-Kapellmeister e após a morte de seu antecessor, Andreas Hofer, tornou-se o diretor de música. Sua carreira floresceu e ele progrediu da servidão à nobreza, tendo apresentado músicas próprias em eventos reais. As pitorescas e virtuosísticas sonatas de Biber incluem muitos efeitos especiais, como tonalidades incomuns.

HEITOR VILLA-LOBOS (RIO DE JANEIRO, 1887 – 1959)

Compositor e maestro brasileiro, nasceu no Rio de Janeiro, filho de um músico amador, funcionário da Biblioteca Nacional. Desde cedo aprendeu piano e clarineta e,

aos 12 anos, começou a tocar violoncelo em teatros, cafés e bailes. Também aprendeu violão e conviveu com os chorões (músicos populares que tocavam choros), que com suas canções de rua foram seus primeiros professores. Sua formação de autodidata foi completada lendo e estudando as obras dos grandes mestres. Mas foram o seu instinto e gênio, peculiares aos grandes mestres, e sua grande admiração por Johann Sebastian Bach (1685-1750) as forças que o impulsionaram a compor. Em 1922 Villa-Lobos participou da Semana da Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo. No ano seguinte embarcou para a Europa, regressando ao Brasil em 1924. Viajou novamente para a Europa em 1927, financiado pelo milionário carioca Carlos Guinle. Dessa segunda viagem retornou em 1930, quando realizou turnê por sessenta e seis cidades. O conhecimento do folclore nacional viria também a ser de vital importância para a criação de sua monumental obra nacionalista. Heitor viajou muito pelo interior do Brasil, fugindo de casa e de sua mãe, que queria que ele estudasse medicina. Nessas viagens, coletou vasto material folclórico que viria a ser uma rica fonte para o amadurecimento do seu estilo nacionalista, apesar das suas primeiras composições serem influenciadas por Richard Wagner, Giacomo Puccini e C. Franck, compositores da virada do século, do alto romantismo e do impressionismo francês.

HENRIQUE MOROZOWICZ (OU HENRIQUE DE CURITIBA) (PARANÁ, 1934 – 2008)

Compositor descendente de poloneses, conhecido como Henrique de Curitiba. Graduou-se em 1953, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Aperfeiçoou-se em piano com Henry Jolles e em composição com H.J. Koellreuter na Escola Livre de Música de São Paulo. Em 1960, na Polônia, cursou interpretação pianística com Margherita Trombini-Kazuro na Escola Superior de Música de Varsóvia. Fez mestrado em Composição Musical nos Estados Unidos, onde estudou com o compositor Karel Husa. Possuidor de numerosa obra como compositor neoclássico e tendo mais de 150 composições no gênero instrumental, vocal e de câmara, destaca-se como um dos principais compositores brasileiros de sua geração. Entre suas obras de maior destaque estão, "Evocação das Montanhas", gravada por Milton Nascimento; "Serenata Noturna", com a Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba; "Missa Breve", com o Coro de Câmara da UFG; "Já Vem Primavera", madrigal gravado pelo coral da Universidade de São Francisco, na Califórnia, USA entre outras. Além de outras obras editadas no Brasil e no Exterior.

HENRIQUE OSWALD (RIO DE JANEIRO, 1852 – 1931)

Compositor brasileiro de ascendência suíça por parte de pai e italiana por parte da mãe, é um representante característico na música brasileira da corrente

“internacionalista”. Formou-se musicalmente na Itália, com apoio do próprio D. Pedro II, desenvolvendo um extraordinário metiê e um estilo romântico tardio onde há toques de impressionismo. Voltando ao Brasil em 1903, sucedeu a Leopoldo Miguez na direção do Instituto Nacional de Música. Teve grande influência como professor de piano e era respeitado por sua ciência musical. Mas sua obra, marcada por grandes dotes harmônicos e melódicos, passava ao largo de um nacionalismo musical que começava a despontar. É um mestre nas formas clássicas, tendo escrito sinfonias, sonatas, trios, quartetos e peças pianísticas de fino acabamento. Compôs também óperas e uma produção generosa de música sacra como um Réquiem e uma importante missa a quatro vozes com orquestra e órgão, assim como canções para canto e piano.

JOHANN SEBASTIAN BACH (ALEMANHA, 1685 – 1750)

Nascido em uma família de longa tradição musical, cedo mostrou possuir talento e logo se tornou um músico completo. Adquiriu um vasto conhecimento da música europeia de sua época e das gerações anteriores. Ocupou vários cargos em cortes e igrejas alemãs. Suas funções mais destacadas foram a de Kantor da Igreja de São Tomás e Diretor Musical da cidade de Leipzig, onde desenvolveu a parte final e mais importante de sua carreira. Absorvendo inicialmente o grande repertório de música contrapontística germânica como base de seu estilo, sua obra recebeu, mais tarde, influências italiana e francesa, proporcionando-lhe uma multiplicidade de tendências. Praticou quase todos os gêneros musicais conhecidos em seu tempo, com a notável exceção da ópera, embora suas cantatas maduras revelem bastante influência desse gênero. Sua habilidade ao órgão e ao cravo foi bastante reconhecida e se tornou legendária, sendo considerado o maior virtuose de sua geração e um especialista na construção de órgãos. Tinha grandes qualidades como maestro, cantor, professor e violinista, mas como compositor seu mérito só recebeu aprovação limitada e nunca foi exatamente popular, ainda que vários críticos que o conheceram o louvassem como grande. A maior parte de sua música caiu no esquecimento após sua morte, mas sua recuperação volta à cena com grande força no século XIX e desde então seu prestígio não parou de crescer. Na apreciação contemporânea, Bach é tido como o maior nome da música barroca, e muitos o veem como o maior compositor de todos os tempos. Entre suas peças mais conhecidas estão os “Concertos de Brandenburgo”, o “Cravo Bem-Temperado”, as “Sonatas e Partitas para violino solo”, a “Missa em Si Menor”, a “Tocata e Fuga em Ré Menor”, a “Paixão Segundo São Mateus”, “Paixão Segundo São João”, a “Oferenda Musical”, a “Arte da Fuga” e várias de suas cantatas.

JORGE DREXLER (URUGUAI, 1964)

Cantor, médico e compositor uruguaio, mais conhecido pela sua canção “Al Otro Lado del Río”, a primeira música em espanhol a vencer o Oscar de melhor canção. É do álbum “Eco” a música “Al Otro Lado del Río”, que recebeu o Oscar de melhor canção original pelo filme de Walter Salles, Diários de Motocicleta.

JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA (RIO DE JANEIRO, 1767 – 1830)

Filho de Victória Maria da Cruz e do Tenente Apolinário Nunes Garcia. Estudou música, humanidades, filosofia, gramática latina e retórica. Aos 16 anos, produziu sua primeira obra, a Antífona Tota Pulchra Es Maria. Assinou como fundador, em 1784, a ata da criação da Irmandade de Santa Cecília, confraria que reunia os professores da arte da música da cidade. Em 3 de março de 1792 ordenou-se padre. Mulato de origem humilde, neto de escravos, a opção pela vida sacerdotal pode ter sido menos por vocação do que por afirmação social e profissional. Seria o único caminho que poderia levá-lo ao posto de mestre de capela da Catedral do Rio de Janeiro, para o qual foi nomeado em 2 de julho de 1798. Entre suas funções estava a de compor as obras para os diversos momentos da liturgia. A partir de 1805 envolveu-se afetivamente com Severina Rosa de Castro, com quem teve seis filhos. Ao iniciar o ano de 1808, o padre José Maurício era um homem de 41 anos, estabelecido profissionalmente e no auge de suas forças criadoras. Sua produção como compositor constava de aproximadamente quarenta obras. A chegada de D. João VI e sua nomeação como mestre da Capela Real abriram o período mais produtivo de sua criação, além de solidificar sua posição com o mais importante compositor de seu tempo.

KARA KARAYEV (AZERBAIJÃO, 1918 – 1982)

Considerado como um dos mais renomados compositores dos países de língua turca e é o principal expoente da música contemporânea na República do Azerbaijão, local do seu nascimento. Tido como um renovador, desenvolveu uma nova linguagem no cenário da música de tendência nacionalista em seu país. Dotado de uma grande capacidade de criação, excedeu-se em praticamente todos os domínios: ópera, balé, música sinfônica, cênica, cantatas, lieder e música instrumental. Natural da cidade de Baku, capital da República, em 1935 ingressou no Conservatório Nacional, onde foi aluno de U. Hacıbeyov e L. Rudolf. Completando seus estudos no Conservatório de Moscou, teve a oportunidade de estudar sob a direção de D. Shostakovich. Em 1946 regressou à sua cidade natal e exerceu o cargo de professor de composição no Conservatório Nacional, onde foi também diretor. Presidente da Associação Nacional de Compositores, foi eleito também membro da Academia Nacional de Ciências de seu país.

LEO BROUWER (CUBA, 1939)

Compositor, violonista e regente da orquestra de Cuba. Brouwer nasceu em Havana, onde começou a tocar violão aos 13 anos atraído pelo flamenco e por influência de seu pai, que era doutor e violonista aficionado. Seu primeiro professor foi Isaac Nicola, aluno de Emilio Pujol, que por sua vez foi aluno de Francisco Tárrega. Tinha 17 anos no seu primeiro recital.

LEOS JANACĚK (REPÚBLICA TCHECA, 1854 – 1928)

Filho de um organista, estudou música com Krzysztofsky mais tarde na Escola de Órgão de Praga. Aperfeiçoou-se em seguida nos Conservatórios de Leipzig e de Viena. Em 1881 fundou em Brno uma escola de órgão onde foi diretor até 1919. De 1919 a 1925, deu aulas no conservatório da mesma cidade. Fez-se notar igualmente pelas suas tomadas de posição políticas progressistas e radicais. A partir de 1886, com F. Bartos, começou a ocupar-se metodicamente do folclore de seu país, que impregna bastante as suas obras. Além de seus antecessores tchecos – Smetana, Dvorák – Janacěk sofreu influência dos russos: Tchaikovsky e, principalmente, Mussorgsky, com o qual ele teve em comum a paixão pelo realismo. Apaixonado pela literatura, fez de Taras Bulba, um poema sinfônico épico. Suas obras vocais constituem o principal e os picos incontestáveis de sua produção musical. Janacěk uniu em sua obra as tradições nacional-românticas e os conhecimentos de uma linguagem moderna, cuja riqueza e cujo frescor fazem dele a personalidade dominante da música tcheca do início do século XX.

LINDEMBERGUE ROCHA CARDOSO (BAHIA, 1939 – 1989)

Graduado em Composição e Regência pela Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1974, sob a orientação de Ernst Widmer. Como professor do curso de graduação em música da UFBA, lecionou Folclore, Canto Coral, Composição, Instrumentação, Literatura e Estruturação Musical, e Percepção. Participou assiduamente de importantes cursos e festivais de música do Brasil, como o Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais, e o Curso Internacional de Verão de Brasília. Foi membro fundador do Grupo de Compositores da Bahia, liderado pelo compositor Ernst Widmer, e do qual também participavam Fernando Cerqueira, Nicolau Kokron, Milton Gomes, Rinaldo Rossi, Antonio José Santana Martins (Tom Zé) e Jamary Oliveira. Foi também co-fundador da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea, da qual foi Secretário Geral. Ingressou na Academia Brasileira de Música, ocupando a cadeira nº 33. Faleceu, aos 49 anos.

MANUEL DIAS DE OLIVEIRA (MINAS GERAIS, 1745 – 1813)

Compositor brasileiro cuja obra tem sido comparada em importância à de Lobo de Mesquita, no panorama do barroco mineiro. Seu nome surge com características peculiares. Trata-se de um “criador multifário”, como definiu Willy Corrêa de Oliveira. Há em Manuel Dias de Oliveira uma ousadia diferenciada no tratamento do material musical, destacando-se também suas composições musicais em língua portuguesa, raridades no século XVIII, quando o latim predominava hegemonicamente na música sacra. As principais fontes primárias (manuscritos musicais) de suas obras estão arquivadas na Lira Sanojoanense de São João d’El Rey, Lira Ceciliana de Prados, Museu da Inconfidência de Ouro Preto, Museu da Música da Arquidiocese de Mariana e Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. A variedade estilística de sua produção musical abrange desde o barroco, incluindo-se influências mesmo renascentistas, até as técnicas composicionais típicas da segunda metade do século XVIII, embora distantes da Escola Clássica Vienense de Franz Joseph Haydn (1732-1809) e Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791). Manuel Dias de Oliveira deixou Graduais, turbas, um Ofertório da Missa de Quarta-Feira Santa, Responsórios, dentre outras tantas obras.

MÁRCIO STEUERNAGEL (RIO GRANDE DO SUL, 1982)

Nascido em 1982, é Mestre em Música pela UFPR, graduado em Composição e Regência pela EMBAP e Bacharel em Música pela UFPR. Estudou regência com Osvaldo Ferreira, aperfeiçoando-se em cursos com Daisuke Soga e masterclass com Kurt Masur. Recebeu o primeiro prêmio no Concurso Nacional de Composição Michel Debost (2005); o Prêmio Funarte, na XVII Bienal de Música Brasileira Contemporânea (2007), e o Prêmio Funarte de Composição Clássica (2010). Foi bolsista no 40º Festival de Inverno de Campos do Jordão (2009), tendo aulas de composição com Stefano Gervasoni (Conservatório de Paris), e selecionado para o Workshop de Composição com o duo Friedrich-Schulkowski promovido pelo Goethe Institut em Córdoba, Argentina (2009). Em 2011 foi Diretor Executivo da I Bienal Música Hoje, evento internacional de música contemporânea em Curitiba, e em 2013, foi Compositor Residente no Visby International Center for Composers, Suécia. Atualmente, dirige o Madrigal Ars Iubilorum, é membro fundador do ensemble entreCompositores, Professor na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Maestro Assistente da Orquestra Sinfônica do Paraná e Regente da Orquestra Filarmônica da UFPR.

MARCO AURÉLIO KOENTOPP (PARANÁ, 1968)

Compositor e arranjador, licenciado em Música (1993) e Bacharelado em Flauta Transversal (1997) na classe do Professor Dalton Abreu pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná – Embap; foi aluno de harmonia e orquestração do maestro Osvaldo Colarusso; professor do curso de Teoria Musical no Festival de Música de Cascavel (PR) de 1996 até 2005 e do Festival de Música de Cámara de Maringá (PR) em 1999. Também foi professor na Oficina de Música de Curitiba, nas edições de 2002 a 2005 e em Jaraguá do Sul em 2006 e 2007; trabalhou como assistente e tradutor dos professores Michel Debost e Kathleen Chastain. Foi professor dos cursos de música da Universidade Federal do Paraná (UFPR) nas disciplinas de Teoria Musical, Finale, Arranjos e Orquestração de 2003 a 2005. Atualmente é professor da Escola de Música e Belas Artes do Paraná nas disciplinas de Harmonia, Arranjos, Orquestração e Instrumentação e Coordenador do Curso Superior de Composição e Regência. É mestre em Música pela UFPR na linha de pesquisa de Teoria e Criação – Harmonia.

MARCOS BALTER (RIO DE JANEIRO, 1974)

A sua música foi elogiada como “minuciosamente elaborada” e “absolutamente encantadora” pelo The Chicago Tribune, e como “mágica” e “surreal” pelo The New York Times, já foi tocada na série MusicNOW da Chicago Symphony Orchestra, pela Köln Philharmonie, Academia Francesa na Villa Medici, New World Symphony Center, E-Werk Freiburg, Teatro de Madrid, Tokyo Bunka Kaykan, Baryshnikov Arts Center, Teatro Amazonas, Morgan Library, Le Poison Rouge, e pelo Museu de Arte Contemporânea de Chicago. Concluiu seu doutorado com diversas menções honrosas na Northwestern University, na qual seus principais professores foram Augusta Read Thomas, Amy Williams, e Jay Alan Yim. Participou de vários masterclasses e workshops com renomados compositores, entre eles Louis Andriessen, George Benjamin, Pierre Boulez, Elliott Carter, Oliver Knussen, Christian Lauba, Tristan Murail, Enno Poppe, Bernard Rands, Wolfgang Rihm, e Kaija Saariaho. Trabalhou como professor na Universidade de Pittsburgh, Northwestern University, e Lawrence University. Atualmente é Diretor do curso de Composição Musical na Columbia College Chicago.

MAURÍCIO DOTTORI (RIO DE JANEIRO, 1960)

Compositor, musicólogo e professor da UFPR, nascido no Rio de Janeiro, em 1960, estudou e obteve a sua formação musical com importantes mestres do meio musical carioca. Após fazer o mestrado em Musicologia pela USP, escolheu Curitiba para viver e se tornou professor da EMBAP, para em seguida realizar o doutorado na University of Cardiff. Na sua volta para Curitiba, estabeleceu-se rapidamente como, talvez, o mais importante professor de composição da cidade. Ainda

adolescente recebeu um prêmio pela sua composição “Toada de Cegos”, para orquestra sinfônica; recebeu o Prêmio Cláudio Santoro, em 2003; o Prêmio Funarte de Composição Clássica 2010 (Orquestra Sinfônica), e o Prêmio Funarte de Composição Clássica 2012 (Música de Câmara). Dottori realizou importantes encomendas de diversos grupos de câmara, como o Duo Diálogos, o Quatuor Franco-Brésilien, o Novo Horizonte, do regente inglês Graham Griffiths, e o PM Ensemble, do regente Peter Reynolds; também escreveu para solistas como David Witten, que apresentou sua Sonata para piano no Yamaha Salon em Nova York em 2008, e o violero Marcus Ferrer. A Orquestra Sinfônica do Paraná encomendou-lhe, e estreou em 2002, “Aqui Cairam as Asas dos Anjos”.

MIGUEL MATAMOROS (CUBA, 1894 – 1971)

Músico e compositor cubano, teve uma grande contribuição ao desenvolvimento da sonoridade cubana e dos ritmos procedentes das zonas rurais de Cuba oriental.

MOZART CAMARGO GUARNIERI (SÃO PAULO, 1907 – 1993)

Considerado um dos mais importantes compositores brasileiros, foi premiado nos Estados Unidos e América Latina. Estudou piano com o pai e empregou-se como pianista de cinemas, para ajudar o sustento da família. Aluno de Ernâni Braga, Mário de Andrade, Sá Pereira e Lamberto Baldi, ele passou mais tarde a ensinar no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Foi regente do Coral Paulistano e da Orquestra do Theatro Municipal. Bolsista do Governo de São Paulo, foi para Paris estudar com Koechlin e Ruhlmann. A guerra interrompeu-lhe o curso de aperfeiçoamento e pouco depois de regressar ao Brasil, em 1942, viu seu Concerto para violino e orquestra obter o primeiro prêmio em concurso internacional. Sua enorme obra encanta pelo bom gosto, segurança técnica e acabamento. Foi notável em quase todos os setores da criação musical.

NICCOLÒ JOMMELI (ITÁLIA, 1714 – 1774)

Iniciou seus estudos em 1725, no Conservatório de Santo Onofrio a Capuana em Nápoles, posteriormente foi transferido para o Conservatório de Santa Maria della Pietà dei Turchini. Após concluir seus estudos, começou a compor ópera. Escreveu cantatas, oratórios e outras obras sacras, mas de longe a parte mais importante de sua produção foram suas óperas, especialmente suas óperas sérias, das quais deixou cerca de sessenta, muitas com libretos de Metastasio. Em seu trabalho tendia a se concentrar mais na história e no dramatismo do que no puro virtuosismo vocal, como era a norma na ópera italiana na época. Aumentou o número de conjuntos e coros nas óperas, e influenciado por compositores da ópera francesa como Jean-Philippe Rameau, introduziu bailados em seu trabalho. Deu mais importância à

orquestra para ilustrar os acontecimentos da história, bem como criou passagens inteiramente orquestrais, em vez de deixar a orquestra como simples apoio para os cantores. De Hasse ele aprendeu a escrever recitativos acompanhados pela orquestra, e não apenas por um cravo. Suas reformas são por vezes consideradas como iguais em importância às de Christoph Willibald Gluck. Ainda em sua produção coral, compôs várias missas, salmos, Te Deum, Magnificat, Miserere, Graduale e outros.

OSVALDO GOLIJOV (ARGENTINA, 1960)

Cresceu amando a música de Astor Piazzolla. De fato, ele relata que era incapaz de dormir à noite, sem antes ouvir a música de Piazzolla. Como membro de família judaica culta, Golijov aprendeu a tocar piano e estudou composição ainda menino, e em 1983 foi para Israel para uma formação contínua. Em 1986, foi para os Estados Unidos, onde estudou com George Crumb, Lukas Foss e Knussen Oliver. É conhecido por seu hibridismo musical, combinando as tradições de câmara clássica, litúrgicas e música judaica klezmer, com dicas de o tango de Astor Piazzolla em suas composições. Ganhou o Prêmio Vícek, bem como dois prêmios Grammy em 2006: Melhor Gravação de Ópera e Melhor Composição Contemporânea para "Ainadamar", lançado pela Deutsche Grammophon. Compõe para diversas formações, desde orquestral a vozes solo. Compôs várias obras para a soprano Dawn Upshaw, na última década, incluindo as três canções para soprano e orquestra. O "Ainadamar" ópera, "Ayre" ciclo, é uma série de arranjos populares e clássicos. Em 2006, o Lincoln Center apresentou um festival intitulado "A Paixão de Osvaldo Golijov", com várias performances de suas obras ao longo de dois meses. Osvaldo Golijov compôs uma trilha sonora para o cineasta Francis Ford Coppola.

Atualmente é docente na faculdade de Santa Cruz e também ensina no Conservatório de Boston e Tanglewood Music Center.

OSVALDO COSTA DE LACERDA (SÃO PAULO, 1927 – 2011)

Pianista e compositor brasileiro, estudou com Ana Veloso de Resende aperfeiçoando-se com Maria dos Anjos Oliveira Rocha. Em 1947, passa a ter aulas de piano com José Kliass e, três anos depois, com Camargo Guarnieri, que o desaconselha a tentar ser pianista para se dedicar à composição. Recebeu uma bolsa da Fundação Guggenheim para ter aulas com Aaron Copland e Vittorio Giannini, nos Estados Unidos. Pouco antes, contudo, Osvaldo Lacerda formou-se em Direito para satisfazer seu pai. Nessa época também criou a Sociedade Pró-Música Brasileira. Foi um dos compositores brasileiros que a American Composers Orchestra convidou para participar, em Nova York, do Festival "Sonido de las Américas: Brazil". Atuou como consultor na Comissão Nacional de Música Sacra, e uma de suas proposições foi o uso da música

sacra brasileira na liturgia da Igreja Católica. Casou com sua antiga aluna, a pianista Eudóxia de Barros. Lacerda ocupava a cadeira de número nove da Academia Brasileira de Música, que já foi de Brasília Itiberê da Cunha.

PALAVRA CANTADA

Dupla musical formada em 1994 por Paulo Tatit e Sandra Peres com o objetivo de produzir música de qualidade para crianças. É caracterizada por canções infantis de linhas marcantes, que prezam pela elaboração das letras, arranjos e gravações, com uma poética sensível e respeito à inteligência das crianças. A dupla já produziu mais de 10 discos, ultrapassando a marca total de dois milhões de CDs vendidos, com todos ainda em catálogo até hoje. Após o lançamento em outubro de 2007 de seu quarto DVD, "Pé com Pé", patrocinado pela Natura, dentro do projeto "Natura Musical", Paulo e Sandra lançaram em 2008, seu 11º CD: o "Carnaval Palavra Cantada", com co-patrocínio da Petrobras.

PIXINGUINHA (RIO DE JANEIRO, 1897 – 1973)

Flautista, saxofonista, compositor e arranjador brasileiro, considerado um dos maiores compositores da música popular brasileira. Contribuiu diretamente para que o choro encontrasse uma forma musical definitiva. Aprendeu música em casa, fazendo parte de uma família com vários irmãos músicos. Atuou em cabarés da Lapa e nas orquestras de salas de projeção, entre elas a do Cine Rio Branco, tocava em ranchos carnavalescos, casas noturnas e no teatro de revista. Integrou o famoso grupo Caxangá, com Donga e João Pernambuco. A partir desse grupo, foi formado o conjunto Oito Batutas. Foi contratado como arranjador pela gravadora RCA Victor, criando arranjos celebrizados na voz de cantores como Francisco Alves ou Mário Reis. No fim da década foi substituído na função por Radamés Gnattali. Integrou o regional de Benedito Lacerda. Algumas de suas principais obras foram registradas em parceria com o líder do conjunto, mas hoje se sabe que Benedito Lacerda não era o compositor, mas pagava pelas parcerias. Quando compôs "Carinhoso", entre 1916 e 1917, e "Lamentos" em 1928, que são considerados alguns dos choros mais famosos, foi criticado e essas composições foram consideradas como tendo uma inaceitável influência do jazz. Outras composições, entre centenas, são "Rosa", "Vou Vivendo", "Lamentos", "1 x 0", "Naquele Tempo" e "Sofres porque Queres". No dia 23 de abril comemora-se o Dia Nacional do Choro, trata-se de uma homenagem ao nascimento de Pixinguinha.

QUINCY DELIGHT JONES JR. (ESTADOS UNIDOS, 1933)

Produtor musical, empresário, arranjador vocal e de trilhas sonoras norte-americano. Durante 50 anos na indústria do entretenimento o trabalho de Jones foi indicado para 70 prêmios Grammy, sendo premiado 25 vezes, e com um Grammy Legends Award em 1991. Nos anos 60, Jones trabalhou como arranjador para alguns dos mais importantes artistas da era, incluindo Miles Davis, Frank Sinatra, Ella Fitzgerald, Peggy Lee, e Dinah Washington. As gravações solo de Jones também foram aclamadas, incluindo "Walking in Space", "Gula Materi", "Smackwater Jack and Ndeda", "You've Got It Bad", "Girl, Body Heat", "Mellow Madness", "I Heard That e The Dude". Ele é mais conhecido como o produtor de dois dos maiores recordistas de vendas de todos os tempos: o álbum Thriller, do ícone pop Michael Jackson e a canção "We Are the World". Em 2004, ao lado de Carlos Santana, Alicia Keys, Oprah Winfrey, Angelina Jolie, Fher (de Mana), Evander Holyfield, Chris Tucker, e vários outros músicos, celebridades, dignitários, e políticos, Jones produziu o concerto "We are the Future" para uma audiência de mais de meio milhão de pessoas em Roma, Itália. O concerto angariou fundos para a fundação Quincy Jones Listen Up Foundation.

ROBERTO VALERA (CUBA, 1938)

Compositor cubano de obras de câmara, orquestral e eletroacústica, executadas em toda a América e outros países. Graduou-se em Educação na Escuela Normal para Maestros em Havana, estudou no Conservatório Amadeo Roldán em Havana, fez pós-graduação em composição com Andrzej Dobrolowski e Witold Rudzinski no Frédéric Chopin Academy of Music em Varsóvia, pós-doutorado em pedagogia na Universidade de Havana. Recebeu os seguintes prêmios: primeiro prêmio do Ministério da Cultura de Cuba (1985, para "Concierto por la Paz") e Prêmio Nacional da UNEAC (1989, por sua obra inteira), Medalha Alejo Carpentier, Medalha Félix Varela e o Prêmio Nacional de Cultura do Conselho de Estado, Medalha de Basse Terre em Guadalupe, Medalha da província de Santiago (Cuba) José María Heredia, Karol Szymanowski, Medalha do Ministério polonês de Arte e Cultura, e muitos outros. Compõe música para balés, desenho animado e filmes.

RONALDO MIRANDA (RIO DE JANEIRO, 1948)

Músico e jornalista, estudou composição e piano na Escola de Música da UFRJ, onde também cursou Harmonia e Análise e formou-se em composição na classe de Henrique Morelenbaum. Obteve o 1º Prêmio no Concurso de Composição na II Bienal de Música Brasileira Contemporânea, vários prêmios em concursos nacionais e internacionais de composição, como o Troféu Golphino de Ouro e o Prêmio APCA, Concurso Internacional de

Composição de Budapeste e condecorado com a Ordem das Artes e das Letras pelo governo francês, participou como compositor de inúmeros festivais internacionais, entre eles o World Music Days em Budapeste; a X Bienal de Música de Berlim, o Aspekte Festival em Salzburgo, a série "Musiques del Nostre Temps" (Palma de Mallorca, 1992); a série "Sonidos de las Americas/ Brasil" (Nova York, 1996) e a Semana de Música Brasileira (Karlsruhe, 2000). Sua ópera "Dom Casmurro", composta com a Bolsa Vitae, estreou em 1992 no Teatro Municipal de São Paulo. Por encomenda do Ministério da Cultura, compôs a "Sinfonia 2000", para celebrar os 500 anos do Descobrimento do Brasil. Participou do projeto "Amazônia Deslendada", musicando um ciclo de poemas do escritor alemão Hermann Hesse e estreou em Berlim. Compositor residente no BrahmsHaus Studio, em Baden-Baden, a convite da Brahmsgesellschaft. Estreou no Meyerhoff Hall de Baltimore seu "Concerto para Quatro Violões e Orquestra", encomendado pela Towson University. Atualmente, é Professor de Composição no Departamento de Música da ECA-USP.

SAMUEL OSBORNE BARBER (ESTADOS UNIDOS, 1910 – 1981)

Compositor norte-americano de música erudita, começou a compor com sete anos de idade. Os seus estudos formais foram feitos no "Instituto de Música Curtis", em Philadelphia. Aos 25 anos tornou-se membro da Academia Americana em Roma. Compôs um conhecido "Concerto para Violino" e a obra "Music for a Scene from Shelley", Opus 7, essa última baseada num poema de Percy Bysshe Shelley. Uma de suas obras mais conhecidas é "Adagio for Strings", 1936, que ganhou um lugar permanente no repertório de concertos de orquestras. Ele foi duas vezes premiado com o Prêmio Pulitzer para a música, por sua ópera Vanessa (1956-1957) e seu Concerto para Piano e Orquestra (1962). Também amplamente executada é a sua "Knoxville: Summer of 1915", 1947, uma obra para soprano e orquestra composta sobre um texto em prosa de James Agee. Quase todas as suas composições foram gravadas, algo incomum entre os compositores contemporâneos.

SILVIO RODRIGUEZ (CUBA, 1946)

Nasceu no coração de uma família de camponeses. Seu pai era um fazendeiro de tabaco e sua mãe era cabeleireira. De acordo com o próprio Silvío Rodríguez, possivelmente, seu amor pela música veio de sua mãe, que estava sempre cantando boleros e canções de Santiago. Silvío Rodríguez compôs mais de 500 canções e é conhecido em toda a América Latina, Estados Unidos, Europa e África. Sua influência sobre uma geração de músicos cubanos jovens tem sido reconhecida em todo o mundo, mesmo por aqueles que não concordam com sua política.

SINDO GARAY (CUBA, 1867 – 1968)

Músico cubano, que mesmo sem contar com formação acadêmica, conseguiu ganhar um lugar de destaque na trova tradicional. Foi o criador de mais de 600 obras que retratam a idiossincrasia cubana; entre seus destaques a admiração por sua terra natal, paisagens, mulheres e amor. Várias de suas criações têm um recorte político.

TIBÉRIO GASPAR (RIO DE JANEIRO, 1943)

É compositor, produtor musical, violonista autodidata. Iniciou sua carreira profissional em 1967, trabalhando em parceria com Antonio Adolfo. As primeiras composições da dupla foram “Caminhada”, finalista do II Festival Internacional da Canção (FIC), “Tema triste” e “Rosa Branca”. Ainda nesse ano, teve registrado pela primeira vez seu trabalho de compositor, com a gravação da canção “Caminhada”, por Agostinho dos Santos.

TOQUINHO (SÃO PAULO, 1946)

Cantor, compositor e violonista brasileiro. Estudou violão com Paulinho Nogueira, harmonia com Edgar Janulo, violão clássico com Isaias Sávio, orquestração com Léo Peracchi e Oscar Castro Neves. Em 1969, acompanha Chico Buarque à Itália. Em 1970, compôs com Jorge Benjor seu primeiro grande sucesso, Que Maravilha. Nesse mesmo ano, Vinicius de Moraes o convida para participar de espetáculos em Buenos Aires, formando uma sólida parceria que iria durar onze anos, com uma produção de 120 canções, 25 discos e mais de mil espetáculos.

VINICIUS DE MORAES (RIO DE JANEIRO, 1913 – 1980)

Foi diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor brasileiro, notabilizou-se pelos seus sonetos. Poeta essencialmente lírico, também conhecido como “poetinha”, apelido que lhe foi dado pelo amigo Tom Jobim. Sua obra é vasta, passando pela literatura, teatro, cinema e música. No campo musical, Vinicius teve como principais parceiros Tom Jobim, Toquinho, Baden Powell, João Gilberto, Chico Buarque e Carlos Lyra.

WALDEMAR HENRIQUE DA COSTA PEREIRA (PARÁ, 1905 – 1995)

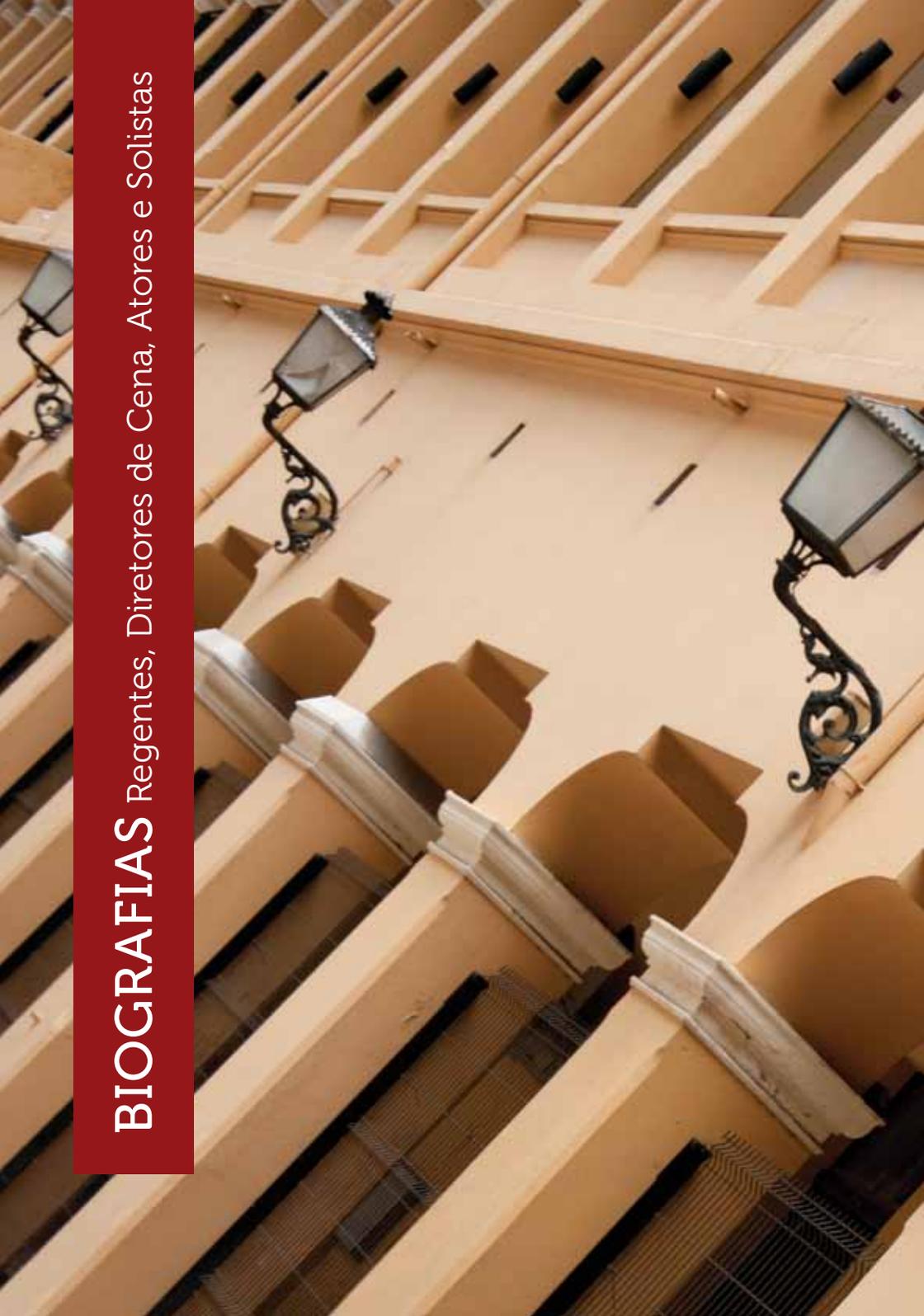
Filho de um descendente de portugueses e de indígenas, sua infância foi vivida na cidade do Porto, em Portugal. Retornou ao Brasil em 1918, viajou pelo interior da Amazônia, quando fez contato com os elementos da cultura e do folclore Amazônicos, que seriam característicos de sua obra. Em 1929, estudou no Conservatório Carlos Gomes. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1933, onde estudou piano, composição, orquestração e regência. Adepto da música tradicional. Conheceu Hans Joachim Koellreutter e dizia não se identificar com aquele estilo experimental. W. Henrique ganhava a vida com sua música, que era bem aceita.

Compôs para piano solo, coro, orquestra e música para novela, teatro e filmes. Suas obras têm principalmente como temas o folclore amazônico, indígena, nordestino e afro-brasileiro. Excursionou por outras cidades do Brasil e pelo exterior. Por mais de dez anos, o compositor dirigiu o Theatro da Paz, em Belém do Pará, cidade onde, em setembro de 1979, foi inaugurado um teatro batizado com seu nome, tornando-se um artista símbolo do lugar.

WILSON SIMONAL DE CASTRO (RIO DE JANEIRO, 1938 – SÃO PAULO, 2000)

Compositor, cantor brasileiro de muito sucesso nas décadas de 1960 e 1970, chegando a comandar um programa na TV Tupi, “Spotlight”, e dois programas na TV Record, “Show em Si... Monal” e “Vamos S’imbora”, e a assinar o que foi considerado na época o maior contrato de publicidade de um artista brasileiro, com a empresa britânica Shell. Cantor detentor de esmerada técnica e qualidade vocal, Simonal viu sua carreira entrar em declínio após episódio no qual teve seu nome associado ao Departamento de Ordem Social e Política – Dops, na época da ditadura militar. Seus principais sucessos são “Balanço Zona Sul”, “Lobo Bobo”, Mamãe Passou Açúcar em Mim, “Nem Vem que não Tem”, “Tributo a Martin Luther King”, “Sá Marina”, “País Tropical”, de Jorge Ben, que seria seu maior êxito comercial.

BIOGRAFIAS Regentes, Diretores de Cena, Atores e Solistas





ABEL ROCHA – REGENTE

Foi diretor artístico do Teatro Municipal de São Paulo e regente titular da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo. Abel Rocha é bacharel em composição e regência

pela Universidade Estadual Paulista – Unesp, mestre em regência de ópera junto a Opernschule da Robert Schumann Musikhochschule e doutor em música pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Entre 2004 e 2009, teve atuação marcante como diretor artístico e regente titular da Banda Sinfônica do Estado de São Paulo. Abel Rocha vem conduzindo programas sinfônicos à frente das mais importantes orquestras brasileiras, tais como a Sinfônica Brasileira, Sinfônica de Porto Alegre, Filarmônica de Minas Gerais, Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro (Brasília), Sinfônica do Estado de São Paulo, entre outras. Desde 1983 dirige o coral Collegium Musicum de São Paulo. Foi responsável pela regência e direção musical das estreias mundiais das óperas Anjo Negro, de João Guilherme Ripper e A Tempestade, de Ronaldo Miranda. Foi professor e regente em diversos festivais de música, e atualmente é professor de regência do Instituto de Artes da Unesp.



ALBERTO KANJI – VIOLONCELO SOLO (SÃO PAULO)

Alberto Kanji nasceu em 1977, em São Paulo, e iniciou-se ao violoncelo aos doze anos com

Gretchen Miller. Logo cedo teve aulas de teoria musical com seu pai, e mais tarde, de interpretação barroca com seu tio, Ricardo Kanji. Aos 15 anos foi premiado no concurso “Jovens Solistas Brasileiros”. Tomou parte em vários festivais de música, onde teve masterclasses com Antonio Meneses, Watson Clis, Alceu Reis, entre outros. Formou-se bacharel na Unicamp com Antônio Del’Claro. Foi monitor da Orquestra Experimental de Repertório por três anos, onde também atuou como solista. Em 2002 integrou a nova OSESP. No mesmo ano, mudou-se para a Holanda, com a ajuda da Fundação Vitae, onde recebeu recentemente seu diploma de solista no Conservatório de Amsterdam sob orientação de Gregor Horsch (1º cellista da Orquestra do Concertgebouw de Amsterdam) e Viola de Hoog, onde também teve aulas de violoncelo barroco com Jaap ter Linden e Wouter Möller, assim como masterclasses e cursos orquestrais com Anner Byslma, Gustav Leonhardt, Frans Brüggem, Lucy van Dael e Reinbert de Leeuw. Alberto se mantém ativo

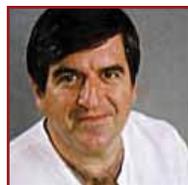
como camerista e solista, apresentando-se regularmente na Holanda. Seu instrumento é um Benjamin Banks, ano 1785, colocado à sua disposição pelo NMF (Fundo Holandês de Instrumentos Musicais).



ALEXANDRE BRASOLIM (SÃO PAULO, 1969) – REGENTE E COMPOSITOR

Alexandre Brasolim cresceu num ambiente musical aprendendo desde cedo a ouvir diferentes estilos de música.

Aos 10 anos iniciou seus estudos em composição, regência, arranjo e orquestração com Azor Massambani. Estudou violino na Escola Municipal de Música de São Paulo com Alejandro Ramirez. Estudou com Paulo Bosísio, Airtom Pinto e Maria Vishinia. Na regência, estudou com Juan Serrano, Flávio Florence, Arlindo Teixeira e Eleazar de Carvalho. Aos doze anos de idade ingressou na Orquestra Filarmônica Jahn Sorhëin. Aos catorze anos, na Orquestra Sinfônica Juvenil do Estado de São Paulo, participou de aulas, cursos, palestras e concertos. Atuou em muitas orquestras no Brasil e no exterior, participou dos seguintes Festivais: Campos de Jordão, Oficinas de Música de Curitiba e Encontro Latino-americano de Orquestras, Críticos e Regentes em La Plata, Argentina. Representou o Brasil no Festival de Orquestras das Américas em San Juan, Porto Rico, teve aulas com músicos da Orquestra Sinfônica Nacional de Washington e masterclass com o maestro e violoncelista Mislav Rostropovich. Em 2004, participou do Festival de Ravello, na Itália, junto com a Escola de Balé do Teatro Bolshoi, no Brasil. Desde 1984 tem se dedicado a compor, orquestrar e reger. Ingressou em 1993 na Orquestra Sinfônica do Paraná onde é concertino, compositor residente da Orquestra de Câmara da PUCPR, diretor artístico da Orquestra Filarmônica de Curitiba, consultor do Observatório das Artes e maestro titular da Orquestra Filarmônica da Universidade Positivo de Curitiba.



ARTUR ANDRÉS – UAKTI (MINAS GERAIS)

É membro fundador do Grupo Uakti. Graduado na Universidade Federal de Minas Gerais com habilitação em flauta. Estudou flauta com:

Odete Ernst Dias, Bettine Clemens, Renato Axelrud e Antonio Carlos Carrasqueira. Estudou composição com Eduardo Bértola e Sérgio Maganani. Sua Produção Acadêmica: Grupo Uakti: artigo publicado na Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP — Setembro de

2000. Uakti: um estudo sobre a construção de novos instrumentos musicais acústicos: artigo publicado nos anais do I Seminário de Performance e Pesquisa em Música — Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais — EMUFMG — maio de 2000. Doutor com a tese de Doutorado defendida: Uakti: um estudo sobre a construção de novos instrumentos musicais acústicos. Outras Atividades Acadêmicas: CEM/INC - Cursos de Extensão em Música/Instrumentos e Canto – Flauta



CLAUDIA RÖMMELT
– DECLAMAÇÃO (ALEMANHA)

Nasceu na cidade de Bonn, Alemanha. Foi lá que estudou e se formou em sociologia. Chegou ao Brasil pela primeira vez em 1994, e, desde então,

desenvolveu fortes laços culturais e intelectuais com esse país. Em Curitiba, concluiu seus estudos com um doutorado em História sobre a imigração alemã na Universidade Federal do Paraná em 2002. Desde 2003, é diretora do Goethe-Institut Curitiba. Atua em vários contextos culturais, com ênfase em música, artes plásticas e cinema.



GIOVANA DE LIZ
– ATRIZ (PARANÁ)

Graduou-se nos anos de 1988 a 2001. Pós-graduação em Arte-educação na Faculdade de Artes do Paraná. Estudou teoria e prática vocal, com Tayana

Barbosa, Curso de Formação de Plateia, O Drama Europeu no Século XX com Anna Camati. Curso de Arte na Educação Ministrado por Hélio Barbosa. Fez curso de teatro ministrado pelos seguintes artistas: Amir Haddad, Marco Naninni, Pedro Paulo Rangel e Maria Padilha. Curso de dança contemporânea ministrado por Lou Monteiro (BH) e dança clássica ministrado por Jair Morais. Já atuou nas peças: “Entre lágrimas e cutículas” – Direção George Sada, “Peter Pan e a Terra do Nunca”, “A Bicicleta do Condenado”, “As Fabulosas Histórias do Menino Leonardo”, “O Grande Rei Leão”, “Sonho de Uma Noite de Verão” – Direção Mauricio Vogue. “O Trenzinho do Caipira” – Projeto Villa-Lobos para Crianças de Todas as Idades”. Direção: Giovana de Liz e Leticia Guimarães. “O Marido Confundido” – Direção: Ney Mendes. Tenesse – Direção: Marcos Drewniak.



CORO DA
UNIVERSIDADE
TECNOLÓGICA
FEDERAL DO
PARANÁ

Fundado em 1966, pelo Maestro

Francisco César Leinig, auxiliado pelo professor Wilson dos Santos até 1974, o Coral da UTFPR acompanhou, ao longo de seus quarenta e sete anos, as mudanças e desenvolvimentos da instituição que representa. Na longa mudança de Coral do CEFET-PR para Coral da UTFPR, foi dirigido por oito maestros e maestrinas, com diferentes repertórios e linhas de atuação, mas sempre aliando os benefícios do canto coral para seus integrantes e a comunidade à busca de qualidade técnica e artística. Atualmente o Coral UTFPR se mantém como um dos grupos artísticos da instituição e desde 2009 é liderado pela maestrina Priscilla Battini Prueter.



JAIRO WILKENS
– CLARINETE (PARÁ)

Natural de Vigia (Pará), iniciou seus estudos de clarineta na Escola de Música da Banda União Vigienense (PA). Estudou no Conservatório Carlos Gomes

(Belém – PA) na classe de Oleg Andryeyev (Rússia). Em 1997 e em 2000 participou de cursos de aperfeiçoamento musical nos EUA com Paul Garritson (University of Missouri) e Maurita Murphy Mead (University of Iowa). Bacharel em Clarineta pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná sob orientação de Maurício Carneiro. Bolsista da entidade Vitae no programa Aperfeiçoamento em Música, recebeu orientações musicais dos professores Luis Afonso Montanha, Olga Kiun e Sérgio Burgani. Dentre importantes prêmios recebidos estão: Melhor Instrumentista Erudito de 2001 – categoria Sopros, um prêmio para os melhores da música no estado do Paraná; finalista do Prêmio Icatu-Hartford de Artes 2001; 1º prêmio nos seguintes concursos: I Concurso Jovens Solistas, Londrina; II Concurso Jovens Solistas – Orquestra Sinfônica do Paraná; I Concurso Jovens Solistas Maestro Eleazar de Carvalho – categoria sopros, São Paulo; III Prêmio Nabor Pires Camargo, Indaiatuba. Residiu nos Estados Unidos onde foi aluno visitante na University of Missouri. Teve orientação musical com Dr. Peter Miyamoto (University of Missouri), Howard Klug (Indiana University – Bloomington), Kenneth Grant (Eastman School of Music), improvisação com Dr. Doug Leibinger (UM), entre outros. Em maio de 2008 foi selecionado para participar de concurso na Orquestra Sinfônica de Kansas City (Segundo

Clarinete e Requinta). No mesmo ano por meio de audição foi selecionado como principal clarinete da 9th Street Philharmonic Orchestra (Columbia-Missouri).



JOÃO GUILHERME RIPPER
(RIO DE JANEIRO, 1959)
– REGENTE E COMPOSITOR

João Guilherme Ripper cursou mestrado em Composição na Escola de Música da UFRJ e doutorado na The Catholic

University of America, em Washington. É professor de Composição da Escola de Música da UFRJ, instituição que dirigiu de 1999 a 2003. Venceu o I Concurso de Composição da Rio Arte, em 1996, e recebeu prêmio Associação Paulista dos Críticos de Arte em 2000 por sua ópera “Domitila”. Trabalhou como compositor em residência no 39o Festival Internacional de Campos do Jordão, em 2008, e na Kean University, em 2011 / 2012. Colabora com as principais orquestras brasileiras. Escreveu para a OSESP “Desenredo” em 2008 e “Cinco Poemas de Vinicius de Moraes”, que estreará em maio de 2013. Sua ópera “Piedade”, encomendada pela Orquestra Petrobras Sinfônica, foi encenada em abril de 2012 e escolhida pelo jornal O Globo como um dos destaques da programação do ano no Rio de Janeiro. Em outubro, estreou a nova versão da ópera “Anjo Negro”, sobre peça homônima de Nelson Rodrigues. É membro da Academia Brasileira de Música e diretor da Sala Cecília Meireles, espaço da Secretaria de Estado de Cultura. Sua gestão tem sido marcada pela qualidade e diversidade da programação, encomenda de novas obras, além da ampla reforma atualmente em curso.



JOSÉ BRAZIL
– DIREÇÃO CÊNICA (PARANÁ)

Natural do Rio de Janeiro, iniciou sua carreira por meio das atividades musicais de extensão na UFRJ. Os maestros Nilo Hack e Leopoldo Carelli foram

seus primeiros mestres. Formou-se Bacharel em Canto pela EMBAP orientado pela soprano e mestra Neyde Thomas. Participou de várias produções do Teatro Guaira. Baritono da Camerata Antiqua de Curitiba, além da atividade do canto, José Brazil dedica-se também à direção cênica de ópera.



JUAN MANUEL QUINTANA
– REGENTE (ARGENTINA)

Estudou viola da gamba com Ricardo Massun. Em 1991 mudou-se para a Suíça estudando com Ariane Maurette no Centro de Música Antiga

de Genebra com Paolo Pandolfo na Schola Cantorum Basiliensis e posteriormente no Conservatório Superior de Paris com Christophe Coin. Apresentou-se nas salas mais importantes da Argentina, Europa, Estados Unidos, América Latina e Japão nos seguintes grupos: Concerto Vocale, Les Musiciens du Louvre, Hesperion XX, Ensemble Vocal de Lausanne, entre outros, tendo também participando em numerosas gravações. Desde 1999 tem realizado para a Harmonia Mundi France diversas gravações, tendo recebido distinções da crítica especializada internacional. De 1999 a 2005 foi assistente de Marc Minkowski nas óperas de Paris, Aix en Provence, Viena e Zurich. Dirigiu numerosos projetos na Argentina e no exterior, incluindo as três óperas de Monteverdi, assim como Agrippina e Rodelinda de Haendel. É professor de viola da gamba no Conservatório Manuel de Falla de Buenos Aires e é convidado regularmente a ministrar cursos na Espanha, Chile e Brasil. Em 2009 foi agraciado com o prêmio Konex de platina.



KALINKA DAMIANI
– SOPRANO (SANTA CATARINA)

Graduada em Música pela UDESC, aperfeiçoou-se com a professora Neyde Thomas. Conquistou 1º Lugar e Troféu ABAL de Melhor Intérprete

de Carlos Gomes no Concurso Carlos Gomes; Melhor Soprano Leggero no IV Concurso Maria Callas; 1º Prêmio no Concurso Aldo Baldin; 1º lugar – Concurso Bianca Bianchi; Melhor Intérprete de Mozart e Grande Prêmio do Público no V Concurso Maria Callas. Debutou em 1999, na ópera Elisir d’Amore no papel de Adina, no Teatro Guaira em Curitiba e em seguida vieram grandes títulos de óperas no Brasil e no exterior. Entre elas destacam-se “La Traviata”, “Die Zauberflöte”, “I Capuleti” e “I Montecchi”, “La Serva Padrona”, “Il Guarany, Rigoletto”, “O Empresário”, “O Rapto do Serralho”, “Giulio Cesare”, “L’Enfant et le Sortilèges”, “Viúva Alegre”, “O Barbeiro de Sevilha”, “Lucia di Lammermoor” e recentemente “La Voix Humaine”. Integra o corpo de professores do Encontro de Cantores de Curitiba, Festival de Música de Londrina e Oficina de Música de Curitiba. Em 2008 ingressou como professora dos cursos de Artes Cênicas e Música da UDESC. Sobre uma de suas performances em La Traviata a revista espanhola Opera Actual assim colocou: (...) “sobresalió Kalinka Damiani con una excelente preparación a nivel vocal e interpretativo, con una voz de timbre elegant.”



KEITH MCCUTCHEM
– REGENTE E COMPOSITOR
(ESTADOS UNIDOS, 1964)

Compositor, arranjador, pianista e coralista, nasceu em 1964. Atualmente é diretor do coral afro-americano Choral

Ensemble Indiana University (Bloomington, Indiana). McCutchen ensinou no Berea College, na University of Minnesota, em Minneapolis e no St. Olaf College. Também tem sido diretor musical na Igreja Bethel AME (Bloomington). É doutor em Direção Coral na Escola Indiana Jacobs University of Music (Bloomington). Sob um fundo de subvenção nacional (1998), McCutchen foi contratado para escrever uma composição que combina os elementos do gospel com o jazz. A composição intitulada “Spiritual Medley”, foi escrita para um coro de uma comunidade em Kentucky, e recebeu acompanhamento de artistas lendários do jazz, incluindo o pianista Kenny Barron, o falecido saxofonista Stanley Turrentine, Richard Davis – baixista e Carl Allen, na bateria. Como pianista de jazz, McCutchen já tocou com artistas como Mel Torme, Severinson Doc, Diane Schurr, Richard Davis e o baterista Eric Gravatt. Suas composições foram gravadas pelo Ensemble American Spiritual, The St. Olaf Choir e The St. Olaf Gospel Choir, o trompetista Michael Suman, e o Coro Gospel Twin Cities. Algumas das obras corais de McCutchen, foram publicadas pela Publishing Earthsongs.



LUCIANA MELAMED
– SOPRANO (PARANÁ)

Aluna da cantora e professora Neyde Thomas, é mestre em canto pela Universidade Mozarteum, em Salzburg, na Áustria. Foi premiada

em concursos como V Concurso de canto Maria Callas em Jacaré, Concurso Carlos Gomes em Campinas e vencedora do primeiro grande prêmio no V Concurso de canto Bidu Sayão, em Belém. Na Alemanha participou dois anos consecutivos do Festival de Ópera de Gut Immling nos papéis de Pamina, na ópera “Flauta Mágica” de Mozart, Antonia, nos “Contos de Hoffman”, de Offenbach, e Adalgisa em Norma de Bellini. No Brasil cantou com a orquestra Unisinos o Réquiem de Verdi, sob a regência do maestro Roberto Duarte, Mimi em “La Boheme”, Lauretta, da ópera “Gianni Schicchi” assim como Donna Anna em “Don Giovanni” de Mozart todas sob a regência de Alessandro Sangiorgi. É solista da Mozart Opern Institute em Salzburg, na Áustria onde se apresentou como Fiordiligi na ópera “Cosi fan tutte”, e Elletra em “Idomeneo”. Com a orquestra Nacional da China interpretou Donna Anna, apresentada no Teatro do Século XXI, em Pequim.



LUIS GUSTAVO SURGIK
– DIREÇÃO MUSICAL E VIOLINO
SOLO (BRASIL/ALEMANHA)

Nasceu em 1970 em Curitiba. Obteve seu diploma de violino em 1990 na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, estudou

com Paulo Bosisio e Max Rostal, Joseph Gingold e Felix Andreiewski. Foi solista em diversas orquestras no Brasil, e gravou um disco aos 15 anos, com compositores brasileiros. Foi violinista spalla na Orquestra Filarmônica da Universidade Federal do Paraná, Orquestra de Câmara de Curitiba e Camerata Antiqua de Curitiba. Foi premiado em diversos concursos nacionais como: Jovens Instrumentistas do Brasil em São Paulo, Jovens Solistas do Brasil em São Paulo e Porto Alegre, Prêmio Dell Arte no Rio de Janeiro e concurso Eldorado em São Paulo. Premiado em concursos internacionais: Concurso Internacional G. B. Viotti na Itália, como solista premiado com a London Symphony Orchestra of St. John Smith Square, sob a regência de John Lubbock, Prêmio Especial Violinista Revelação no Concurso Internacional Joseph Gingold no Brasil e Prêmio Especial Jovem Esperança no Concurso Internacional Zino Francescatti na França. Em 1990 partiu para Moscou, onde obteve o seu diploma de doutor na Academia Superior de Música Instituto Gnssinykh. Nessa mesma época foi solista nos Festivais Internacionais em Sverdlovsk e em Samara, além de outras importantes cidades na Rússia. Em Moscou, foi solista na Sala Tchaikowsky, e no Konzerthall Chuvavola. Spalla da Orquestra de Câmara Columbus, sob a regência de M. Scherbakov. Em 1994 foi para a Alemanha, onde foi membro spalla na orquestra Deutsche Kammerakademie Neuss e em 1996 na orquestra Hamburger Symphoniker. Atualmente, desde 1997, ocupa o cargo de co-spalla na Staatsorchester Stuttgart. Em 1999 foi spalla convidado na SWR Radio-Sinfonie-Orchester em Stuttgart sob a regência de Georges Prêtre e desde 2000 atua com frequência como spalla da Orchester der Ludwigsburger Schlossfestspielen, orquestra do Festival Internacional de Baden-Württemberg. Solista sob a regência do prof. Wolfgang Gönnerwein na grande sala Mozarteum, em Salzburg. Em 2007 foi docente na Landesakademie Ochsenhausen, em Baden-Württemberg onde atuou também como violinista spalla na IRO Interregionales Sinfoniorchester, com uma produção de CD. Neste mesmo ano realizou masterclass, em Nanchang, na China, obtendo o certificado de “professor convidado” da Universidade de Nanchang. Desde 2009, atua como professor de violino na Escola Superior de Música de Trossingen, (Staatliche Hochschule für Musik Trossingen), na Alemanha.



LUÍS OTÁVIO SANTOS
– REGENTE (MINAS GERAIS)

Formado em violino barroco pelo Koninklijk Conservatorium Den Haag, Holanda, onde recebeu o Diploma de Solista (master's degree) em 1996.

Desde 1992 é spalla e solista da renomada orquestra barroca La Petite Bande (dir. Sigiswald Kuijken), com a qual já realizou turnês por toda a Europa, China, Japão, México, Argentina, Colômbia e Chile, e gravou dezenas de CDs e programas de televisão para as TVs belgas, francesa e japonesa. Também lidera outros grupos na Europa, tais como Ricercar Consort (direção de Philippe Pierlot), Le Concert Français (direção de Pierre Hantai), Nederlandse Bachvereniging (direção de Gustav Leonhardt) e Den Haag Baroque Orchestra. Foi professor de violino barroco na Scuola di Musica di Fiesole em Florença, de 1997 a 2001, e no Conservatoire Royal de Musique de Bruxelles, de 1998 a 2005. Em 2004, foi professor convidado na Musik Hochschule de Leipzig, na Alemanha, e por várias vezes foi membro do júri nos exames finais do Conservatoire de Musique de Genève, na Suíça, e do Conservatoire National Supérieur de Musique de Lyon, na França. Na sua discografia solo destacam-se a integral das Sonatas de Johann Sebastian Bach (ao lado do cravista Peter –Jan Belder) para o selo holandês Brilliant, “As Quatro Estações” de Vivaldi com “La Petite Bande”, pelo selo belga Accent, e das Sonatas para violino de J. M. Leclair para o selo alemão Ramée. Este último recebeu o prêmio Diapason d’Or na França, a maior distinção francesa concedida a um registro fonográfico. No Brasil é o diretor artístico do Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora, evento que há 19 anos promove e divulga a interpretação histórica da música antiga. Nesse evento é também regente da Orquestra Barroca do Festival, que já gravou 9 CDs e um DVD com obras brasileiras e europeias, em registros inéditos no Brasil. Em 2005, a Orquestra Barroca recebeu o prêmio Diapason de Ouro, concedido pela revista Diapason Brasil. É também coordenador e professor fundador do Núcleo de Música Antiga do Centro de Estudos Tom Jobim – Universidade Livre de Música, em São Paulo. Em 2007, Luís Otávio Santos foi agraciado com o título de Comendador da “Ordem do Mérito Cultural”, concedida pelo Governo Federal e o Ministério da Cultura, por suas realizações em prol da cultura nacional e pelo reconhecimento de sua carreira internacional. Em 2011, Luis Otávio foi colocado na lista da revista Época entre as 100 personalidades mais importantes do ano, figurando entre nomes como Luis Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff entre outros.



MARA CAMPOS
– REGENTE (SÃO PAULO)

Regente coral desde 1978, formando e dirigindo inúmeros conjuntos, como: CORALUSP, Coral da Aliança Francesa, Coral da Escola de Belas

Artes do Paraná, Coral do Portal, Grupo Som-A-Pino, Coral Paulistano do Theatro Municipal de São Paulo e os Corais Infantil e Juvenil da Escola Municipal de Música. Recebeu orientação de Adriana Ribeiro e Maria Luiza Carvalho, Benito Juarez, Hugg Ross, Henrique Gregori e J. E. Gardiner, Beth Pinheiro, Osvaldo Lacerda e Damiano Cozzella e dos cantores Lucia Passos e Fernando Carvalhaes. Integrou o Projeto Villa-Lobos de Canto Coral – INM/FUNARTE, foi professora de regência e canto coral em 20 edições da Oficina de Música de Curitiba. Regente convidada dos coros ingleses BBC Singers, New College e The Sixteen, do conjunto Vox Brasiliensis, da instalação coral Concerto Concreto da Bienal “A Trama do Gosto” e da gravação do CD Villa-Lobos em Paris. Fez criação e direção musical dos espetáculos ZAP – O Resumo da Ópera e Coro dos Contrários – 22. Criou e coordenou os Festivais de Coros da Aliança Francesa, Igreja São Francisco, Grupo Pão de Açúcar e Theatro Municipal de São Paulo – Encontro de Coros Camargo Guarnieri.



MARCOS LIESENBERG
– TENOR (SANTA CATARINA)

Blumenauense de destaque no cenário lírico nacional, atualmente desenvolve carreira na Europa (Áustria, Alemanha e Itália) e no Brasil, canta nos

principais teatros e com as principais orquestras brasileiras (OESP, OSTMSP, OSTMRJ, OSB, OSP, OSPA, Camerata Antiqua de Curitiba). Seu repertório abrange música de câmara, oratório, ópera, opereta e musical. Atuou em “A Flauta Mágica”, “Idomeneo”, “O Barbeiro de Sevilha”, “O Elixir do Amor”, “Cosi fan tutte”, “Turandot”, “Fidelio”, “Don Giovanni”, “Contos de Hoffmann”, “O Rapto do Serralho”, “Uma Noite em Veneza”, “A Princesa das Csardas”, “Im Weissen Rössl”, “On The Town”, etc. “Oratórios e Música de Câmara”: “Paixão Segundo João”, “Paixão Segundo Mateus” e “Oratório de Natal”, de Bach; “O Messias” de Haendel, “9ª Sinfonia” de Beethoven, “Réquiem” de Mozart, “A Criação”, “As Estações”, “As Sete Últimas Palavras do Redentor na Cruz”, de Haydn, “Dichterliebe de Schumann”, “As Iluminações”, de Britten, etc. Conquistou o 3º Prêmio no V Concurso Internacional de Canto Bidu Sayão, em 2004.



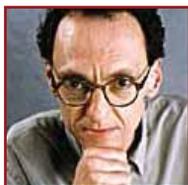
MAURÍCIO VOGUE
– DIRETOR CÊNICO (PARANÁ)

Ator, Diretor, Cenógrafo, Dramaturgo e Cantor. Iniciou sua formação artística no circo e no teatro de pavilhão, ainda criança, mas foi em Curitiba

que se deu o desenvolvimento de seu talento como ator, cantor, bailarino e diretor de teatro. Iniciou seus estudos de dança no Curso de Dança Clássica da Fundação Teatro Guaíra e no Grupo de Dança da UFPR. Como cantor teve orientação de Pepes do Valle. Como ator trabalhou com os principais diretores de teatro nacional como Edson Bueno, em “New York By Will Eisner”, Marcelo Marchiori na Ópera “Barbeiro de Sevilha”, e os Espetáculos “A Flauta Mágica”, “Lulu uma Dupla Tragédia”; com Sérgio Brito na Ópera “Carmem” e com Gabriel Vilela em “Aurora da Minha Vida”. Participou do show “Tambores de Minas” com Milton Nascimento percorrendo o Brasil numa turnê durante dois anos. Recebeu os prêmios Governador do Estado – Troféu Gralha Azul, como melhor ator coadjuvante com a peça “Alice no País das Maravilhas” direção Paulinho Maia e o prêmio de melhor ator em “O Menino Maluquinho” de Ziraldo, com direção de Fátima Ortiz.

Como Diretor destacam-se os prêmios: Troféu Gralha Azul de melhor diretor (1996 – “Peter Pan Na Terra do Nunca”); Troféu Gralha Azul de melhor diretor e melhor texto original (2000 – “O Menino Rei).

Atualmente é cantor da Banda Denorex 80.



MARCO ANTONIO GUIMARÃES – UAKTI
(MINAS GERAIS)

Compositor, arranjador e violoncelista brasileiro. Fundador, diretor musical e principal compositor do

grupo mineiro de música instrumental Uakti. Estudou composição e regência na Universidade Federal da Bahia na década de 1970. Foi aluno de Walter Smetak, músico suíço radicado em Salvador, que construía instrumentos musicais a partir de materiais naturais. Além da composição e do arranjo, Guimarães constrói todos os instrumentos musicais originais utilizados pelo grupo. Como compositor, Guimarães desenvolve peças que utilizam sequências numéricas, geométricas e grafismos como princípios rítmicos. Já fez arranjos para participações do Uakti em gravações de Milton Nascimento, Ney Matogrosso, Zélia Duncan, Paul Simon, Maria Bethânia e o Grupo de Jazz Vocal Manhattan Transfer. Em 1994, realizou o arranjo e gravou com o

Uakti a composição “Águas da Amazônia”, que Philip Glass compôs para o espetáculo “Sete ou Oito Peças para um Balé” do Grupo Corpo. Foi a primeira vez que Glass entregou a outra pessoa a tarefa de criar o arranjo de uma de suas composições. Autor de diversas músicas para espetáculos de Dança e trilhas sonoras de filmes, foi premiado, junto ao Uakti no festival de Petrópolis em 2000 pela música de “Outras Histórias” e os prêmios de melhor trilha sonora nos festivais de Havana e Cartagena em 2001 pela trilha sonora de “Lavoura Arcaica”. Em 2008, Marco Antônio Guimarães assina e o Uakti executa a trilha de “Ensaio sobre a Cegueira”.



MARÍLIA VARGAS
– SOPRANO (PARANÁ)

Iniciou seus estudos de canto com Neyde Thomas aos doze anos. Formou-se em canto barroco na Schola Cantorum Basiliensis, Suíça,

e especializou-se em Lied na classe de Christoph Prégardien, no Conservatório de Zurique, onde foi laureada summa cum laude. Fez masterclasses com Montserrat Figueras e Silvana Bartoli Bazzoni. Premiada no II Concurso Internacional de Canto Bidu Sayão e no VI Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas. Foi bolsista da fundação suíça Friedl Wald e o prêmio da Margherite Meyer Stiftung. Solou com diversas orquestras, entre as quais Aargauer Symphonie, Orchestra of the Age of Enlightenment, Zürcher Kammerorchester, Orquestra Sinfônica do Paraná, Petrobras Sinfônica, Sinfônica de Minas Gerais, Camerata Antiqua de Curitiba, Orquestra Sinfônica Brasileira e Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo; nos conjuntos de música antiga La Capella Reial de Catalunya, direção de Jordi Savall, Le Parlement de Musique direção de Martin Gester, e em teatros como Theater Basel, Stadt Casino Bern, Tonhalle Zürich, Wiener Konzerthaus, Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Sala São Paulo, Palácio das Artes, Auditorium de Dijon, Arsenal Metz, Theatre Royal du Palais de Versailles, Berliner Konzerthaus, Auditorium e Gran Teatro del Liceo, Barcelona. Realizou inúmeras gravações para rádios e televisões europeias e brasileiras, além de ter sua participação em diversos CDs e DVDs. Professora convidada de importantes festivais de música e universidades do Brasil. É Idealizadora e diretora artística da I Mostra de Música Antiga de Curitiba e co-curadora e conselheira artística do Festival de Música Barroca de Alcântara. Em 2012, gravou um CD de canções brasileiras ao lado do pianista André Mehmar, recebeu o prêmio João Baptista Gnoato, concedido pela Câmara Municipal de Curitiba e foi laureada com a Bolsa de Aperfeiçoamento Técnico e Artístico em Música na França, concedida pela

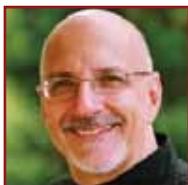
FUNARTE. Em 2013, fará parte do corpo docente do Núcleo de Música Antiga da Escola de Música do Estado de São Paulo, abrindo o primeiro curso de Canto Barroco no Brasil.



NORBERT STEIDL
– BARÍTONO (ÁUSTRIA)

Nascido em Lienz, na Áustria, é mestre em canto pela Universidade Mozarteum em Salzburg na classe de Barbara Bonney. Em 2006 participou do Festival de Salzburgo na ópera de Mozart “Apollo et Hyacinthus” sob a regência de Josef Wallnig e da ópera “Il Matrimonio Inaspettato” de G. Paisiello também no Festival de Salzburgo sob a regência de Riccardo Muti. Apresentou-se em inúmeros concertos e recitais na Europa e Ásia.

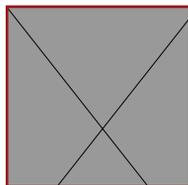
Seu repertório varia entre os papéis de óperas de Mozart, Donizetti, Puccini e Wagner. Seu repertório camerístico é vasto e inclui todos os grandes oratórios de Handel, Bach, Haydn, Mendelssohn, Fauré, e canções de Haydn, Mozart, Schubert, Beethoven, Schumann, Brahms, Mahler, Wolf, Korngold, Berg, Sulzer, Bialas e muitos outros também, com obras de Lassus, Palestrina, Monteverdi e Schütz.



OSVALDO COLARUSSO
– REGENTE (SÃO PAULO)

Nasceu em 1958 na cidade de São Paulo. Estudou trompa com Enzo Pedini na escola municipal de música e posteriormente regência com Eleazar de Carvalho. De 1976 a 1980 estudou composição com Michel Philippot, no Brasil e na França. Posteriormente aperfeiçoou-se em regência de orquestra com o Maestro russo Genady Roshdestvensky na Accademia Chigiana de Siena. De 1980 a 1985 foi maestro do Coral Lírico do Teatro Municipal de São Paulo, com o qual realizou memoráveis execuções do Réquiem de Brahms, “Les Noces” de Igor Stravinsky, Missa em Dó menor de Mozart, etc. Foi premiado duas vezes pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). De 1985 a 1998 foi Maestro da Orquestra Sinfônica do Paraná, com a qual realizou mais de 250 récitas entre concertos, óperas e Balés, além de ter gravado com a mesma um CD com obras de Heitor Villa-Lobos. Desde 1980, tem atuado frente às principais orquestras do país como maestro convidado. Nos últimos anos tem atuado de forma regular com as três principais orquestras do Rio de Janeiro, tendo estreitado laços com a Petrobras Sinfônica, com quem atua como convidado desde 1999 e com a Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Nesses seus

mais de 500 concertos regidos, Colarusso já atuou com solistas do nível de Mikhail Rudi, Nelson Freire, Vadim Rudenko, Arnaldo Cohen, Arthur Moreira Lima, Gilberto Tinetti, Marco Antonio de Almeida, Dang Thai Son, David Garret e Miha Pogagnick. Osvaldo Colarusso já atuou nos principais Festivais de Música do País: Campos do Jordão, Curso de Verão de Brasília e Festival de Música de Londrina, do qual foi diretor artístico. O repertório de Osvaldo Colarusso é extremamente vasto, com destaque para os grandes clássicos do século XX. Regeu primeiras audições mundiais de obras de José Penalva, Livio Tragtemberg, Ricardo Tacuchian e Ernest Widmer, entre muitos outros. Realizou primeiras audições brasileiras de obras de Hindemith, Arnold Schoenberg, Anton Webern, Michel Tippet e B. A. Zimmerman. Na temporada de 2005, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, regeu a primeira montagem brasileira de “Erwartung” de Arnold Schoenberg, e do mesmo autor regeu Pierrot Lunaire, no Festival de Lenzburg, na Suíça. Continuando a atuar com convidado das mais importantes orquestras do país. Além de atuar como regente, desenvolve atividades como produtor e apresentador de programas de Música Clássica na Emissora Estadual do Paraná e mantém uma classe de Harmonia e Análise.



PAULO SANTOS – UAKTI
(MINAS GERAIS)

Cursou história na Universidade de Brasília, onde iniciou seus estudos musicais, com o compositor Emílio Terraça. Posteriormente em Belo Horizonte estudou clarineta com Salvador Villa, composição com Rufo Herrera e percussão com Décio Ramos. Participou da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais e integra o grupo Uakti desde sua formação. Participou da gravação de nove discos lançados pelo grupo Uakti, além de trilhas para balés e filmes. Paralelamente ao seu trabalho com o Uakti, desenvolve trilhas sonoras para performances, instalações e vídeos em parceria com o videomaker Éder Santos.



PEDRO COURI NETO
– CONTRATENOR
(MINAS GERAIS)

Nasceu em Juiz de Fora e iniciou sua vida musical aos oito anos, como menino cantor do Coral Mater Verbi, sob a direção de José Maria Winiewski. No Centro Cultural Pró-Música, desenvolveu intensa atividade como cantor e violinista. Em 1990, foi para a Holanda estudar Violino Barroco com

Sigiswald Kuijken, no Conservatório Real de Haia, onde mais tarde, em 1992, passou a concentrar seus estudos no Canto, no curso de docência, sendo aluno de Rita Dams e Marius Van Altena. Como contratenor, dedicase da ópera à música de câmara, tendo participado de inúmeros concertos na Europa sob direção de William Christie (“Dadid e Johnatas” – M.A.Charpentier), Jos van Veldhoven (“Mathaeus Passion” – J.S.Bach), Keneth Montgomery (“L’Ormindó” – Cavalli) e com o grupo Fala Música, abordando o repertório do Trecento Italiano e Ars Nova Francês. Participou como solista no projeto “Bella Figura” de dança contemporânea com a renomada companhia de dança Nederlands Danz Theater de Haia, que excursionou por toda a Holanda. Em 1999, terminou o curso de canto na Holanda, após nove anos de permanência na Europa. Atuou como solista em “Magnificat” e “Missa em Si menor” de J.S.Bach e no Oratório “La Ressurrezzione” de G.F.Handel com a Nederlands Baroque Orchestra na sala São Paulo e sala Cecília Meireles, sob regência e direção musical de Luis Otávio de Souza Santos. Participou da montagem da ópera “Orfeo” de Claudio Monteverdi no Teatro Municipal do Rio de Janeiro sob direção musical de Marcelo Fagerlande. Integrou o elenco como solista na produção de “Acis & Galatea” de G.F.Handel dentro do projeto “Ópera Ilustrada” na Capela Santa Maria Espaço Cultural – Curitiba – PR, sob direção musical de Bruno Procópio e direção cênica de Carlos Harmuch. É professor de Canto da Pró-Música Escola de Artes e professor do Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga do Pro-Música/UFJF, de Juiz de Fora.



**PETER VAN HEYGHEN
– REGENTE (BÉLGICA)**

As atividades musicais do especialista belga em Música Antiga Peter Van Heyghen são múltiplas. Como flautista, realiza concertos solo, e turnês

com o grupo de música antiga sediado em Antuérpia More Maiorum, e o consort de flautas com residência em Amsterdam Mezzaluna. Regente principal e diretor artístico da Orquestra Barroca Les Muffatti em Bruxelas. Realiza concertos com as orquestras barrocas dos Conservatórios de Bruxelas e Haia. Maestro convidado das orquestras barrocas: Les Agrémens (Bélgica), Wrocław Philharmonia Baroque Orchestra (Polônia) e Die Deutsche Haendelsolisten (Alemanha). Atuou como cantor especializado em música renascentista. Apresentou-se com conjuntos como Capilla Flamenca (Bélgica) e Weser Renaissance (Alemanha). Foi um dos diretores artísticos do conjunto vocal holandês Cappella Pragensis. Publicou

uma série de artigos sobre a prática histórica da flauta doce. Como professor de prática da performance histórica (renascentista e barroca), ensina nos departamentos de Música Antiga dos conservatórios de Bruxelas e Haia. Além disso, ele é regularmente convidado para dar palestras e ministrar masterclasses em conservatórios e universidades de todo o mundo. Desde 2012 ele é também Courtesy Professor of Musicology da Universidade de Oregon (Eugene, EUA).



**PRISCILLA BATTINI PRUETER
– (PARANÁ) REGENTE DO CORAL
DA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA
FEDERAL DO PARANÁ**

Natural de Curitiba – PR, é mestre em Música pela Universidade Federal do Paraná,

especialista em regência coral e licenciada em música pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, onde atualmente cursa bacharelado em canto. É aluna de canto lírico das professoras Luciana Melamed e Emerli Schögl. Também estudou com professores como David Junker, Eduardo Lakschevitz, Mara Campos, Patrícia Costa, Maria Guinand, Mariana Farah, Neyde Thomas, entre outros. Foi professora de treinamento auditivo e prática de música em conjunto dos cursos de graduação da Faculdade de Artes do Paraná. É maestrina efetiva do tradicional Coral da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, onde também atua como coordenadora do Programa de Canto Coral da UTFPR que engloba diversas ações dentro da área de canto coral na cidade de Curitiba e região metropolitana. Tem trabalhado na preparação de obras corais como a “Nona Sinfonia” de Beethoven, “Segunda Sinfonia” de Mahler, “Missa Festiva” de John Leavitt, “Missa Pastoral” do Padre José Maurício Nunes Garcia, “Magnificat” de Villa-Lobos, entre outros.



**RENET LYON
– ATOR (ITÁLIA/BRASIL)**

Ator, cantor, compositor, músico, dublador e locutor. Participou da temporada de diversos espetáculos e foi dirigido por muitos diretores

importantes como: Maurício Vogue, Del Rangel, Roberto Talma, Sergio Ortêncio, Anderson Jader, Fernanda Morini, Guto Pasko, Elaine Martochio, Agy Campos, Hugo Mengarelli, Leticia Guimarães, entre outros. Realizou workshops de TV e Cinema com a diretora global Cininha de Paula, com o ator autor e diretor francês Thomas Quillardet, com o diretor francês Pierre Pradinas. Curso de Interpretação para Cinema e TV com Fátima Toledo. Dança

Contemporânea – Carmen Jorge e Carla Domingues.
Reciclagem de Vídeo e TV com o diretor Guto Pasko,
curso O Ator Criador – ACT, com o ator Luís Mello.2007.
Curso de dublagem com Maira Góes e Marcelo Garcia.

Curso de bateria – Walmir Pegas. Tango – Salete
Ucachinski e André Meirelles. Acrobacia – Solo e Aéreo
– Luis Borges. Locução – com o jornalista e radialista
Marcelo Cabral. Curso de Interpretação no Cinema com
o ator e cineasta norte-americano Joshua Leonard,
conhecido por seu papel em “As Bruxas de Blair”. O Ator
Cômico – Escola do Ator Cômico – Mauro Zanata. Curso
Livre de Teatro – Cia do Abraço – Gerson Andrade.
Curso com Carlos e Joyce Todeschine do Coral Curumim,
curso de Esgrima com o ex-técnico da Seleção Brasileira
Giocondo Cabral. Estudou saxofone com Paulo Branco e
Marcio Schuster, Piano com René Rabello. Trabalha com
cinema, televisão, vídeo, teatro, publicidade, internet.



RICHARD KLEIN
– TENOR (ALEMANHA)

O tenor tirolês Richard Klein formou-se em piano jazz no Konservatorium des Landes Tirol e posteriormente estudou canto erudito, de 2006 a

2012 estudou na Universidade de Música e Artes Cênicas de Viena na classe dos professores Karlheinz Hanser e Charles Spencer. Apresentou-se no Wiener Staatsoper, Tiroler Landestheater, Berliner Staatsoper, Festival de Innsbruck, Kinderzelt der Wiener Staatsoper, Festival Sommertraum-Festival am Semmering, Sirene Operntheater em Viena, Festival de Música Strasbourg e ElbPhilharmonie em Hamburgo. Trabalhou com maestros como René Jacobs, Jung Konrad Junghanel e Dietfried Bernet.



RODOLFO RICHTER
– DIREÇÃO MUSICAL,
COMPOSITOR E VIOLINO SOLO
(BRASIL/INGLATERRA)

Nos últimos anos Rodolfo Richter tem sido considerado um dos violinistas barrocos

mais emergentes e inspirados de sua geração. Apresenta-se regularmente como solista e diretor dos conjuntos e orquestras barrocas mais importantes da atualidade, como Academia Montis Regalis (Itália), Bach Collegium San Diego (EUA), Barokkanerne (Noruega), B’Rock (Bélgica), Collegium Vocale Gent (Bélgica), Die Kolner Akademie (Alemanha), St. James Baroque, The Orchestra of the Age of Enlightenment, Hannover Band, English Concert e a Academy of Ancient Music (Inglaterra), em

teatros ao redor do mundo e salas de concertos de grande prestígio, como London’s Wigmore Hall, Concertgebouw de Amsterdam, Konzerthaus Viena, Sidney’s City Hall, na Austrália, Chicago’s Orchestra Hall, Alice Tully Hall e Carnegie Hall em Nova York. Tem colaborado regularmente em concertos e gravações com músicos como Andrew Manze, Richard Egarr, Monica Huggett, Giuliano Carmignola, Melvyn Tan, Roel Dieltiens, Gustav Leonhardt. Como diretor, tem trabalhado com frequência com cantores como Juanita Lascarro, Raquel Andueza, Simone Kermes, Gemma Bertagnoli e Bernarda Fink. Desde 2002 é membro do aclamado Palladian Ensemble (atualmente conhecido como Palladians). Destaques da temporada 2012-13 incluem apresentações dos concertos completos Brandenburg de Johann Sebastian Bach, na Inglaterra, EUA, Canadá, China e Austrália, com a Academy of Ancient Music, As Quatro Estações de Vivaldi na Bélgica, França, Holanda, Estônia e na Alemanha com B’Rock, todos os concertos de Mozart no Japão e concertos de Bach, Leclair, Vivaldi, Telemann, Haydn e Prokofiev, na Noruega, França, Países Baixos, Alemanha, Chile, EUA e Inglaterra. Gravou os concertos de Vivaldi para o selo Opus 111, concertos tripos de Bach e Telemann para Channel Classics, os Concertos de Brandemburgo de Bach com a AAM e com Richard Egarr e o Trio Sonatas de Handel Op. 2 e Op. 5 para Harmonia Mundi USA, as sonatas para violino de Petersen e as “As Quatro Estações” de Vivaldi para Etcetera, e um álbum das sonatas de Tartini e Veracini e a primeira gravação das sonatas completas de Erlebach, ambas para a casa discográfica Linn Records. Planos futuros incluem a gravação de concertos e sonatas de Bach. Rodolfo iniciou seus estudos como violinista moderno com Moisés de Castro, Wusthoff Klaus e Pinchas Zuckermann e estudou composição com Hans Joachim Koellreutter e Pierre Boulez. Mais tarde especializou-se em violino barroco com Monica Huggett na Royal Academy of Music e foi premiado no prestigiado Concurso Internacional de Early Music for Ensembles em Bruges (2000) e o primeiro prêmio no Concurso Internacional de Violino Antonio Vivaldi (2001). Atualmente é spalla da Academy of Ancient Music (Inglaterra), diretor convidado do Bach Collegium San Diego (EUA) e professor de violino barroco no Royal College of Music em Londres. Também realiza masterclasses na Guildhall School of Music and Drama (Londres) e Royal Scottish Academy of Music and Drama (Glasgow).



STEFAN GEIGER
– REGENTE (ALEMANHA)

Stefan Geiger, diretor artístico da Landesjugendorchester, Bremen na Alemanha, nasceu em 1967 em Heidenheim, tem formação musical em Köln,

Trossingen e Bremen na Alemanha, Paris e Filadélfia. Foi bolsista da Fundação Educacional Alemã e vencedor de diferentes concursos internacionais de Trombone. Em 1991, assumiu a cadeira de trombone solo da Orquestra Sinfônica da NDR de Hamburgo. Desde 1997 é professor de trombone e música de câmara na Universidade de Música e Teatro de Hamburgo. Desde 2002, é professor visitante na matéria de regência da Orquestra da Universidade de Artes de Bremen. Tem dado uma atenção especial à apresentação da chamada “música nova” e assim, regularmente tem apresentando música moderna com a Orquestra da Rádio de Hamburgo, o que resultaram novas gravações dos chamados “clássicos modernos” com obras de Unsuk Chin, Georg Katzer, Poul Rouders e Per Norgard. Seus compromissos já o levaram até a China, onde em 2002 se apresentou com a Filarmônica de Câmara de Bremen. Em 2003 regeu a Orquestra do Festival Schleswig-Holstein onde, em 2004, apresentou Erik Schumann, o vencedor do Prêmio Leonard Bernstein.



TODD WRIGHT – SAXOFONE
(ESTADOS UNIDOS)

Todd Wright é um Embaixador do Jazz na Carolina do Norte, entrou como docente da faculdade de música Appalachian State University,

em 1990. Como Diretor de Estudos de Jazz foi responsável pela direção de vários grupos, ministrando cursos em improvisação de jazz, história do jazz e piano jazz. Supervisiona o curso de estudo para o Programa de Certificação de Jazz, e em 1993 criou o Jazz Vocal Ensemble da Universidade. Junto com a Unifour Jazz Ensemble ele foi escolhido como vencedor do Prêmio da Downbeat Magazine’s Gold Award, no Music Fest em Chicago, e já se apresentou no Spoleto Festival em Charleston, South Carolina. Tem tocado saxofone para presidentes e vice-presidentes dos Estados Unidos. Como músico de estúdio Wright pode ser ouvido em vários projetos de outros artistas.

Todd já tocou com grandes nomes do jazz internacional como: Benny Golson, Clark Terry, Eddie Daniels, Wycliffe Gordon, Dr. Billy Taylor, Ingrid Jensen, Marcus Roberts Trio, Cyrus Chestnut, Allen Vizzutti e outros. Ele já dividiu

o palco com artistas como Joe Williams, Rita Moreno, Fifth Dimension e Patti Page, abriu o concerto do mundialmente famoso Dave Brubeck Quartet. Ele já se apresentou no Caribe, México, Itália, França, Alemanha e Suíça. Apresenta-se regularmente com o seu quarteto de jazz e, recentemente, participou de oficinas de jazz em Freiburg, na Alemanha.



UAKTI – GRUPO
CONVIDADO

Grupo instrumental, formado por Marco Antonio Guimarães, instrumentos de cordas, principal

compositor e diretor musical, Paulo Sérgio dos Santos, percussão; Artur Andrés Ribeiro, instrumentos de sopro; e Décio de Sousa Ramos, percussão. Guimarães estudou violoncelo e percussão na Escola de Música da UFBA. Trabalhou durante quatro anos com Walter Smetak. Tocou como violoncelista na Orquestra Sinfônica de São Paulo e na Orquestra Filarmônica de São Paulo. Criou arranjos para vários discos de Milton Nascimento. Santos estudou clarineta com Salvador Villa e percussão com Décio de Sousa Ramos. Foi professor e coordenador na Escola Livre de Música de Minas Gerais. Andrés iniciou seus estudos musicais na Fundação para a Educação Artística em Minas Gerais. Formou-se como flautista na UFMG. Ramos começou estudando bateria, aos 15 anos. Estudou percussão com Osmar da Cunha e tímpanos com John Boudler e Carlos Tarcha. Os quatro são membros-fundadores do Uakti e tocaram na Orquestra Sinfônica de Minas Gerais. O grupo utiliza instrumentos feitos dos mais diversos materiais, como madeira, vidro, pedra, tubos de PVC e mesmo painelas ou chaleiras. Marco Antônio Guimarães concebe e fabrica os instrumentos utilizados, buscando sonoridades diferentes. Gravou os discos: “Mapa”, 1989, “Contém Dança dos Meninos” (Marco Antônio Guimarães e Milton Nascimento), em versão apenas instrumental (a versão com letra foi gravada no disco “Yauaretê”, de Milton); “I Ching”, 1993, leitura musical dos hexagramas do livro chinês feita para a Companhia de Dança Grupo Corpo; Trilobyte, 1995; 21, 1997 com sete haicais compostos por Marco Antônio Guimarães. Os quatro discos citados foram relançados em CD pela gravadora Paradoxx em 1997.

DIRETORES MUSICAIS DA ORQUESTRA E CORO DA CAMERATA ANTIGA DE CURITIBA



JOSÉ MAURÍCIO AGUIAR
– DIRETOR MUSICAL
DA ORQUESTRA DE
CÂMARA DA CIDADE DE
CURITIBA E SPALLA
(ESTADOS UNIDOS/BRASIL)

Primeiro violino da Orquestra Sinfônica de Cincinnati (atualmente licenciado). Reside nos Estados Unidos desde 1991, cursou bacharelado em música na Universidade de Cincinnati e mestrado na Universidade de Yale. Estudou com Dorothy Delay e Peter Oundjian, e música de câmara com o Quarteto de Tóquio e LaSalle. Na Universidade Yale, também concluiu o curso de construção de seu primeiro violino (com o luthier Michael Becker), no qual tocou seu primeiro recital de formatura no mestrado e, em seguida, no concurso (para os primeiros violinos) da Orquestra Sinfônica de Cincinnati. No Brasil, estudou com Paulo Bosísio e Hildegard Martins, cujo trabalho o ajudou a vencer vários concursos nacionais. Como primeiro violino do Quarteto Amernet, apresentou-se em concertos e séries de música de câmara pelos Estados Unidos, entre os quais, a Great Performances no Lincoln Center de Nova York e a execução como solista do concerto para Quarteto de Cordas e Orquestra de Martinu com a Orquestra Sinfônica de Cincinnati. Em 2001, voltou como solista dessa orquestra sob a regência de Jesús López-Cobos executando a Tzigane de Ravel. Tocou sob a regência dos maestros James Levine, Valery Gergiev, Sir Roger Norrington, Paavo Jarvi e Kurt Masur. Em 2011 apresentou-se como spalla da Orquestra Sinfônica Brasileira sob a regência de Lorin Maazel. Atual spalla da Orquestra Sinfônica Brasileira e da Camerata Antiga de Curitiba.



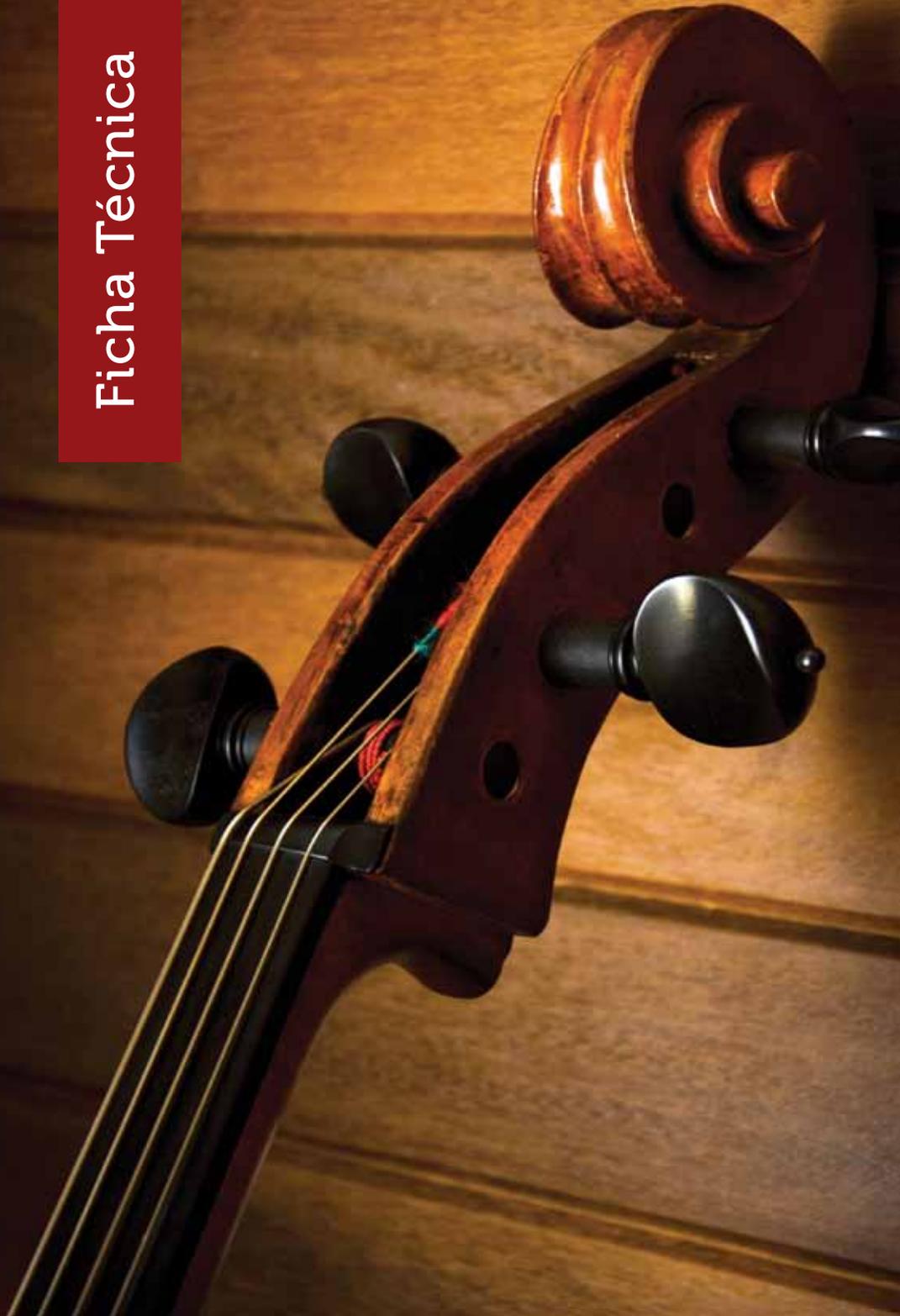
MARIA ANTONIA JIMENEZ
– DIRETORA MUSICAL E
REGENTE DO CORO DA
CAMERATA ANTIGA DE
CURITIBA (CUBA/BRASIL)

Formada no curso superior de Regência Coral na Rússia, no Conservatório de São Petersburgo, em 1993, onde recebeu o título de Master of Fine Arts. A convite da Fundação Carlos Gomes, ministrou a partir de 1995, aulas de canto e regência coral no 1º e 2º grau e no bacharelado, no Conservatório Carlos Gomes. Fundou em abril de 1995, o Coro Carlos Gomes no Pará, obteve reconhecimento da crítica especializada e pública no

Brasil e no exterior. Representou o Pará e o Brasil em festivais e concursos nacionais e internacionais, com seis performances premiadas nos Concursos Internacionais para coros dos quais participou: Diploma de Ouro e Prata no XXVII, Concurso Internacional de Coros Franz Schubert, em Viena, na Áustria, Medalha de Ouro e Prata nas 5ª Olimpíadas Mundiais de Coros, em Graz, na Áustria, Medalha de Ouro no IX Concurso Internacional de Coros Orlando Di Lasso, em Camerino, Itália, Medalha de Bronze no XII Concurso de Música Sacra, em Preveza, na Grécia.

Produtora e diretora musical dos CDs solos do Coro Carlos Gomes: “O ‘Belo’ e ‘O Cantochão dos Mercedários do Grão Pará’”; registrou em 2011 o 1º CD do Projeto Social com adolescentes e jovens de Escolas Públicas Municipais “TIM Música nas Escolas”, em 2010 lançou o Cd intitulado “Missa Amazônica em Homenagem à Virgem de Nazaré”. A convite do Instituto de Artes do Pará (IAP) realizou um trabalho de pesquisa sobre a música folclórica paraense, resultando na transcrição musical das Marujadas e na gravação de um CD intitulado “Ladainhas de São Benedito”; e o registro fonográfico da reinterpretação dos temas tradicionais da liturgia e rituais religiosos do município de Oriximiná, na 2ª parte do CD “Encomendação das Almas”. Colaborou em quatro faixas com a gravação do CD “Tempo Destino”, por ocasião dos 25 anos de carreira artística do cantor paraense Nilson Chaves (disco indicado ao Grammy Latino). Regeu durante dois anos o coral Madrigal da UFPA; fundou e dirigiu durante quatro anos o Coral do Ministério Público do Estado de Pará; fundou e ainda rege o atual Coral Vozes da Amazônia. Foi jurada do IV Concurso internacional de Canto Lírico Bidu Saião, e do I Concurso Internacional de Canto Lírico, Helena Coelho Cardoso, e inúmeros Festivais da Canção Popular e de várias edições do Carnaval. Regente coral convidada do Festival Internacional de Óperas de Manaus, em 2007 e 2008, e da Camerata Antiga de Curitiba. A Câmara Municipal de Belém e a Assembleia Legislativa do Pará lhe conferiram a “Plaqueta Comemorativa Waldemar Henrique”, na área de Educação Musical, e o “Título Honorífico Cidadão do Pará”, em 2005. Em 2010, foi a personalidade da cultura escolhida pelo Conselho da Mulher Empresária (CME), da Associação Comercial do Pará (ACP), para ser homenageada na Edição “Talento Feminino”. Em junho de 2012 recebeu da Fundação Carlos Gomes, homenagem aos 25 anos do Festival Internacional de Música do Pará, pela sua contribuição musical.

Ficha Técnica



CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Maestro Emérito

Roberto de Regina

ORQUESTRA

Violinos I

Maurício Aguiar (spalla e diretor musical),
Marco Damm (concertino),
Atli Ellendersen, Paulo Hübner

Violinos II

Francisco de Freitas Jr. (chefe de naípe),
Moema Cit Meyer, Silvanira Bermudes,
Vanessa Savytzky Schiavon, Walter Hoerner

Violas

Aldo Villani, Helena Alice Carollo Damm,
Roberto Hübner

Violoncelos

Faisal Hussein (chefe de naípe), Ivo Meyer,
Thomas Jucksch

Contrabaixo

Pablo Guiñez (chefe de naípe),
Martinho Lutero Klemann (ensaiador)

CORO

Sopranos

Darci Almeida, Luísa Fávero, Naura Sant'Ana,
Sílvia Suss Marques, Luciana Melamed (convidada)

Contraltos

Ariadne Oliveira, Cissa Duboc, Daniele Oliveira,
Fátima Castilho, Mirta Schmitt

Tenores

Alexandre Mousquer, Ivan Moraes, Maico
Sant'Anna, Marcos Brito, Sidney Gomes

Baixos

Ademir Maurício, Cláudio de Biaggi,
Fernando Klemann, José Brazil, Marcelo Dias

Regente e Diretora Musical do Coro

Maria Antônia Jimenez

Pianista Correpetidora

Clenice Ortigara

Orientador Vocal

Pedro Gorla

FICHA TÉCNICA DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA E ICAC

Diretor Musical e Spalla

da Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba

José Maurício Aguiar

Diretora Musical e Regente do Coro

da Camerata Antiqua de Curitiba

Maria Antonia Jimenez

Representantes

Ivan Moraes e Ivo Meyer

Coordenadores

Darci Almeida, Francisco Freitas Jr.

Arquivista

Cornelis Kool

Assessoria da Coordenação de Música Erudita

Márcia Squiba

Gerente Administrativo Financeiro do ICAC

Janete Silva

Assessoria Jurídica do ICAC

Simone Konitz

Coordenador Administrativo e de Produção

Aginaldo Oliveira

Assistentes de Produção

Alício Cardoso, Altair de Oliveira, Valdecir Pereira

PREFEITO DE CURITIBA

Gustavo Fruet

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA

Marcos Cordioli

SUPERINTENDENTE

Igor Cordeiro

DIRETOR DE COMUNICAÇÃO

Diogo Dreyer

CHEFE DE GABINETE E GESTORA DE PLANEJAMENTO

Marilane Di Mário

DIRETOR DE INCENTIVO À CULTURA

Augusto Rando

DIRETOR DE PATRIMÔNIO CULTURAL

Mauro Tietz

DIRETORA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA

Maria Angélica da Rocha Carvalho

DIRETOR PRESIDENTE DO INSTITUTO CURITIBA DE ARTE E CULTURA

Nilton Cordon Junior

COORDENADORA DE MÚSICA ERUDITA DA FCC

Janete Andrade

CONSELHO ARTÍSTICO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Luis Otávio Santos, Janete Andrade,
Ivan Moraes, Ivo Meyer,
Nilton Cordon Junior

Projeto Gráfico

Clarice Midori Umezaki Iwashita

Fotos

Alice Rodrigues, Jaqueline de Bem Hirano e Lais Glück

Revisão de Textos

Carla Anete Berwig

Versão em Inglês

Penelope White

ENDEREÇOS

Capela Santa Maria Espaço Cultural

Rua Conselheiro Laurindo, 273, Centro

Informações: (41) 3321-2840

Igreja Batista do Cajuru

Rua José Rissato, 93, Bairro Alto

Informações: (41) 3266-7478

Paróquia Nossa Senhora Aparecida

Av. Nossa Senhora Aparecida, 1637, Seminário

Informações: (41) 3274-3477

Paróquia Bom Pastor

Rua Victorio Viezzer, 810, Vista Alegre

Informações: (41) 3335-5552

Congregação Evangélica Luterana São João

Rua Raggi Izar, 528, Vila Hauer

Informações: (41) 3278-5024

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

– Central da Estaca São Lourenço

Av. Anita Garibaldi, 2077, Ahú

Informações: (41) 3253-4430



Fundação Cultural de Curitiba

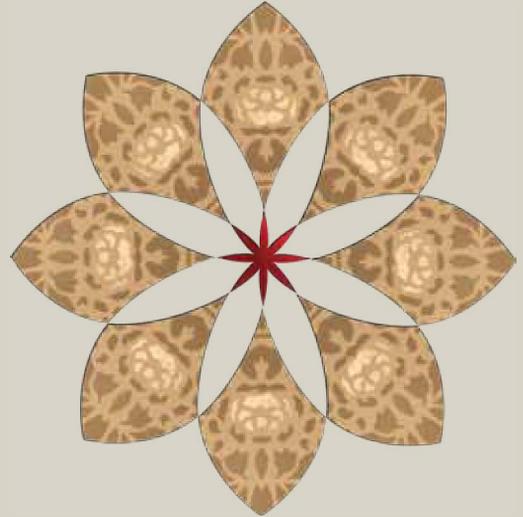
Rua Engenheiros Rebouças, 1732, Rebouças

Curitiba-PR CEP: 80230-040

Tel: (41) 3213-7500 Fax: (41) 3213-7552

fundacaoculturaldec Curitiba.com.br

Programação sujeita a alterações



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



apoio cultural



patrocínio

VOLVO

realização



Ministério da
Cultura

